

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

SANDRA MARA TENCHENA

MEMÓRIA DE MULHERES UCRANIANAS: RECRIAÇÃO DE TRADIÇÕES
EM PRUDENTÓPOLIS – PARANÁ

SÃO PAULO
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

SANDRA MARA TENCHENA

MEMÓRIA DE MULHERES UCRANIANAS: RECRIAÇÃO DE TRADIÇÕES
EM PRUDENTÓPOLIS – PARANÁ

Dissertação apresentada à banca examinadora
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais – Área de
concentração Antropologia, pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob
orientação da Profª. Drª Eliane Hojaij Gouveia.

SÃO PAULO
2010

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha família,
em especial
para minha mãe, Halia Petriw Tenchena (*in memorian*),
para meu pai, José Tenchena (*in memorian*),
e para meu irmão Osmar Tenchena.
Apoio,
aconchego,
e cuidado
no meu caminhar
pelo mundo.

AGRADECIMENTOS

Durante a realização deste estudo contrai uma dívida de gratidão com muitas pessoas, às quais eu quero manifestar os meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente e acima de tudo, a Deus pelo dom da vida.

À Professora Doutora Eliane Hojaij Gouveia, minha orientadora, na acepção mais exata do termo, que mostrou caminhos a seguir, que foi paciente, e também pela sua infinita generosidade, e sobretudo pela confiança depositada no meu projeto.

Ao Professor Doutor Luiz Eduardo Wanderley, pelo acolhimento e contribuições valiosas desde os primeiros passos na vida acadêmica.

Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, o que viabilizou a minha permanência e conclusão do Mestrado.

À Maria Zenaide, que compartilhou comigo sua generosidade, seu vasto conhecimento, e por ter dispensado tempo para as leituras e sobretudo pelos valiosos comentários críticos que foram muito importantes na conclusão desta dissertação.

À Irmã Zita, que me recebeu de braços abertos e que foi de grande valia para que eu pudesse ter acesso às informações que buscava junto à comunidade ucraniana de Prudentópolis.

À Maria Rosa, Diretora do Colégio Ucraniano Imaculada Virgem Maria de Prudentópolis.

Às Irmãs do Colégio Ucraniano de Prudentópolis pelas generosas contribuições.

Às mulheres que participaram das pesquisas e, assim, me permitiram conhecer um pouco mais de mim mesma.

À Madalena e Maria do Carmo, por compartilharem minhas angústias e apreensões, e por terem acompanhado, com suas presenças amigas, o processo de construção desse trabalho.

Ao Sidney de quem recebi incentivo, apoio e compreensão.

À Cristina, Helena e Luis, colegas de Mestrado, pela convivência enriquecedora.

Às Comunidades Ucranianas das cidades de Prudentópolis/PR e de Paulo Frontin/PR.

À Maria Adelia, Paula, Maria Zita e demais amigos e familiares que estiveram por perto nestes tempos.

Aos meus queridos Professores do Curso de Mestrado em Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

"Бог дає нам всю зірку.

Кожна форма зірки сонце.

Інший не може бачить-це"

(Helena Kolody)

"Deus dá a todos uma estrela.

Uns fazem da estrela um sol.

Outros nem conseguem vê-la"

(Helena Kolody)

RESUMO

TENCHENA, Sandra Mara. Memória de Mulheres Ucranianas: Recriação de Tradições em Prudentópolis – Paraná

Esta dissertação trata da memória de mulheres descendentes de ucranianos residentes na cidade Prudentópolis, localizada no interior do Paraná, e tem como aspecto peculiar o fato de sua população ser constituída majoritariamente por descendentes de ucranianos. As tradições e as festas religiosas ali presentes mantêm viva a cultura ucraniana. Esta opção levou-me a conhecer as diferentes maneiras de apropriação dos tecidos simbólicos específicos da cultura, através de recorte de gênero associado a especificidades de gerações responsáveis pela produção dos sistemas de significados próprios dessa cultura. Para tanto, recorri a estudos da memória por meio de autores como: Brandão (1985), Pollak (1989), Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachs (2004), dentre outros que abordaram essa problemática associando a memória à sua dimensão literária, histórica, sociocultural. Os ucranianos, importante grupo de imigrantes que rumou para o Paraná como trabalhadores livres no início do século XX, construíram atividades importantes para a vida cultural da região e para a economia local. Partilharam a vida com imigrantes poloneses, italianos e alemães, construindo segmento fortalecedor de hibridização cultural própria da história do Brasil. A escolha de abordagem etnográfica, que não só descrevesse a cultura e as tradições, mas também a história e as transformações socioeconômicas da cidade de Prudentópolis no Estado do Paraná, visou interpretar os sentidos e significados de ações voltadas à afirmação, resistência e identificação de sua população. Para isso, recorri ao exercício da pesquisa sistemática pela participação observante de ritos e costumes tão familiares, com o intuito de recuperar os costumes tradicionais, com vistas a produzir, inicialmente, uma etnografia que evidenciasse, com refinamento de detalhes, os modos de viver das mulheres e do povo ucraniano. A metodologia foi apoiada na pesquisa qualitativa em razão da sua importância para os estudos interpretativos de fenômenos complexos e pela possibilidade de imersão no contexto e na realidade do ambiente pesquisado. Ao registrar o cotidiano da cidade de Prudentópolis, bem como analisar as histórias de vida dessas mulheres utilizei a memória como recurso metodológico, estabelecendo relações por meio de suas lembranças com a construção de suas identidades. Procurei, assim, compreender a importância da mulher ucraniana na preservação de suas tradições culturais.

Palavras-chave: memória; identidade; tradição; etnia; religião; mulher.

ABSTRACT

TENCHENA, Sandra Mara. Memory of Ukrainian Women: Recreation of Traditions in Prudentópolis – Paraná

This dissertation deals with the memory of women descendants of Ukrainian living in Prudentópolis, country side of Paraná, and peculiar aspect is the fact that its population consists majorly from Ukrainians'. There, traditions and religious festivals keep alive the Ukrainian culture. This led me to know the different ways of appropriation of the specific symbolical tissues of this culture, through gender's clipping associated to specificities of generations responsible by production of own meanings systems this culture. For all this, I resorted to studies of memory through authors as: Brandão (1985), Pollak (1989), Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachs (2004), among others that have addressed this problem associating memory to its literary dimension, historical, socio-cultural. The Ukrainians, an important group of immigrants who migrated to Paraná as free workers at the beginning of the 20th century, built important activities for the region's cultural life and to the local economy. They shared their lives with immigrant Pollack's, Italians and Germans, building a strengthened segment of cultural hybridization of own history of Brazil. The choice of ethnographic approach, which not only could describe the culture and traditions, but also the history and socio-economical transformations of Prudentópolis town, in the State of Paraná, aimed to interpret the senses and meanings of actions turned to the assertion, resistance and identification of its population. For that, I resorted to the systematic searching exercise with my observing participation of rites and customs paying so familiar to recover traditional customs, intending to recuperate traditional habits, seeking to produce, initially, an Ethnography that could express, with refinement of details, the ways of living of women and the Ukrainians. The methodology was based on qualitative research because of their importance for studies of complex interpretative phenomenal and by the possibility of immersion on the context and reality of the environment researched. By registration of Prudentópolis daily's life, such as analyzing the history of these women lives, by memorizing as methodological resource, establishing relations by their memories identities formulations. I looked for, by this essay, tried to understand the importance of Ukrainian Women on the preservation of theirs cultural traditions.

Key words: memory, identity, tradition, intensity, ethnic, religion, woman

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Pesquisa e Estrutura da Dissertação	16
 CAPÍTULO 1 – PRUDENTÓPOLIS CENTRO CULTURAL UCRANIANO	 23
1.1 Um Breve Histórico – A Ucrânia	23
1.2 Galícia (Haletczená) na Década de 1890	26
1.3 Prudentópolis – Sua Origem	27
1.4 Os Imigrantes Ucranianos de Prudentópolis – Sobrevivência Cultural.....	32
1.5 Quando a Cultura é um Texto	36
1.6 O Enigma da Realidade e da Subjetividade no Ritual da Tradição	50
1.7 Identidade e Cultura	56
1.8 Identidade e Memória dos Ucranianos de Prudentópolis	61
 CAPITULO 2 - COMUNIDADE UCRANIANA E SUAS FRONTEIRAS	 65
2.1 O Pertencimento	67
2.2 A Sociedade de Prudentópolis	72
2.2.1 A mulher Ucrânia.....	80
2.3 As Escolhas do Grupo Étnico	82
2.4 O Processo Social e a Etnicidade	87
 CAPÍTULO 3 – TRADIÇÕES UCRANIANAS – PASSADO E PRESENTE	 91
3.1 A Origem das Tradições em Prudentópolis	94
3.2 Páscoa – Uma Herança Pagã	103
3.3 A Páscoa em Prudentópolis	113
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 119
 BIBLIOGRAFIA	 123

INTRODUÇÃO

A presente dissertação estuda as mulheres ucranianas residentes na cidade de Prudentópolis¹, no Estado do Paraná. A pesquisa analisa as relações entre cultura e tradição, por meio de estudos centrados na teoria da memória. Esta opção levou-me a conhecer as diferentes maneiras de apropriação dos tecidos simbólicos específicos da cultura, através de recorte de gênero associado a especificidades de gerações responsáveis pela produção dos sistemas de significados próprios dessa cultura.

Para tanto, recorri a estudos da memória por meio de autores como Brandão (1985), Pollak (1989), Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachs (1990), dentre outros, que abordaram essa problemática associando a memória à sua dimensão literária, histórica, sociocultural.

No que diz respeito às relações com as tradições da cultura do povo ucraniano, serão abordados autores como: Burko (1963), Haneiko (1985), Szewciw (1988), Navroski (1997) e Kotviski (2004) que trataram do específico da região, associando-os às análises interpretativas da Cultura de Geertz (1989) e às relações comunitárias analisadas por Weber (1999).

Os ucranianos, importante grupo de imigrantes que rumou para o Paraná como trabalhadores livres no início do século XX, construíram atividades importantes tanto para a vida cultural da região como para a economia local, uma vez que compartilharam a vida com imigrantes poloneses, italianos e alemães, construindo segmento fortalecedor de hibridização² cultural própria da história do Brasil. Como descendente de ucranianos, sempre me intrigou como uma cultura pôde se manter tão viva distante de seu país de origem. Ao ingressar no mestrado em Ciências

¹ Prudentópolis localiza-se à beira da BR-373 (com acesso também pela BR-277 ao sul do município), a aproximadamente 200 km da cidade de Curitiba, Capital do Estado do Paraná. A cidade foi fundada por ucranianos e teve início em 1822, quando Firmo Mendes de Queiroz, descendente dos bandeirantes paulistas, estabeleceu morada em meio a floresta, área pouco habitada, conhecida como São João do Capanema, em homenagem ao Presidente da República, Prudente de Moraes, o lugar recebeu o nome de Prudentópolis. A população de Prudentópolis é composta em sua maioria por ucranianos e descendentes. (site: <http://www.ecclesia.com.br/eparquia/ucranianos/imigracao_ucraniana.htm>. Acesso em : 11 jan 2006.

² Sobre hibridização cultural veja-se Nestor Cancline em Culturas Híbridas 1998.

Sociais – na área de Antropologia – vislumbrei a oportunidade de discutir a cultura dos ucranianos no interior do Estado do Paraná.

Como “nativa”³ da região, sempre presenciei situações em que as histórias do povo eram contadas enfatizando a força de homens e mulheres que foram responsáveis pela construção das cidades da região.

Nas histórias guardadas em minha memória, as figuras femininas ainda são fortes, porém sempre presas a costumes que as tornavam muito discretas e, além de tudo, muito religiosas e fiéis ao rito Católico Oriental Ucraniano.

Por um lado, esses comportamentos disciplinados das mulheres de minhas memórias aparentemente as colocavam em um lugar de submissão aos homens e aos preceitos religiosos, por outro lado, as mesmas maneiras contidas as colocavam em lugar de destaque durante o exercício de transmitir e confirmar os preceitos das tradições ucranianas.

Para realizar esta pesquisa e melhor reconhecer a trajetória dessas mulheres e os caminhos de fixação do povo ucraniano, na cidade de Prudentópolis, foi preciso passar por um processo de transformação em que eu mantive certo distanciamento de meu próprio processo de formação em uma família ucraniana tradicional.

A escolha da abordagem etnográfica, que não só descrevesse a cultura e as tradições, mas também a história e as transformações socioeconômicas da cidade de Prudentópolis no Estado do Paraná foi fundamental para interpretar os sentidos e significados de ações voltadas para a afirmação, resistência e identificação de sua população.

Para tanto, recorri ao exercício da pesquisa sistemática pela participação observante de ritos e costumes familiares com o intuito de recuperar os costumes tradicionais, com vistas a produzir, inicialmente, uma etnografia que evidenciasse, com refinamento de detalhes, os modos de viver das mulheres e do povo ucraniano.

A respeito do processo próprio da etnografia, Peirano afirma:

Em etnografia as observações são realizadas não só para descrever o curioso, o exótico, ou o diferente por si mesmo (...) mas também e principalmente para universalizá-los. São essas duas direções – a especificidade do caso concreto e o caráter universalista da sua

³ Meu interesse pelo estudo da comunidade ucraniana em Prudentópolis ocorreu pelo fato de eu ser de origem de família de imigrantes ucranianos residentes na região a mais de 103 anos. Tais motivos surgiram desde o momento que cheguei a São Paulo aos 15 anos de idade, onde longe da “colônia” comecei a viver e perceber as diferenças entre esses dois “mundos”.

manifestação – que leva a Antropologia a um refinamento de problemas concretos (Peirano, 1995, p. 18).

As palavras da autora mostram, de um lado, a importância dos estudos das particularidades étnicas pelos relatos etnográficos e, de outro, a relevância da sustentação teórica para a conexão entre os dois momentos da pesquisa em Antropologia.

Desta forma, procurei realizar etnografia do povo de Prudentópolis, buscando compreender, por meio dos relatos de seus sujeitos sociais, a interface das relações étnicas e de gênero presentes na história da cultura da região pelas discussões da questão de gênero com base em Bauer (2001), Auad (1999) e Scott (1976).

Procurei, assim, ampliar os estudos sobre Prudentópolis, pela interpretação dos sentidos e significados de um conjunto de relatos que marcaram tais trajetórias de resistência e identificação de sua população.

Pelos estudos da memória, associado à história religiosa da coletividade e, recorrendo sobretudo à forma como grupos e indivíduos narram sua história e se valem dela para construir e reconstruir o passado, acredito poder relembrar, não só o passado, mas também os tempos atuais.

Assim, tomando como base as análises de Halbwachs (1990), recupero o conceito de memória coletiva quando o autor afirma que “(...) *nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos*” (Halbwachs, 1990, p. 26).

Pelo resgate da memória coletiva das mulheres ucranianas no que diz respeito às suas vivências e experiências pessoais, investiguei também a memória do grupo social a que elas pertencem, uma vez que, segundo Halbwachs (1990), as lembranças de cada indivíduo contêm também aspectos da memória das diferentes instituições em que foi socializado.

No campo das Ciências Sociais, a memória e a história da mulher ucraniana não têm merecido atenção. Tal lacuna se acentua ao considerarmos estudos feitos sobre a presença dos migrantes ucranianos na região sul do Brasil. Apesar do interesse de estudiosos sobre esses povos, percebe-se, pelas análises de Szewciw (1988), que uma maior atenção tem sido dedicada a temas que articulem a memória à religião.

Sendo assim, nos estudos consultados sobre esse tema, constatei que a atuação da mulher ucraniana na sociedade parece ter sido considerado um assunto pouco relevante. Entretanto, constatei também que, para aquelas populações, a mulher tem sido agente responsável pela veiculação de uma memória que contribuiu muito para a ressignificação e alimentação de tradições com raízes que remontam ao seu país de origem.

No Brasil, segundo relatos coletados, foi a mulher ucraniana que, no âmbito doméstico, religioso e profissional, repassou e reconduziu gerações a um senso de pertença como povo. Por essa razão, optei por realizar esta pesquisa que tem o objetivo de enfatizar a presença feminina, sua contribuição no sentido de resistência e de reconstrução do passado de seu povo, por meio das formas simbólicas e dos significados culturais, ordenados e exteriorizados por práticas sociais, cotidianas fundadas em valores sustentados pela mulher ucraniana.

Utilizamos, preferencialmente, a literatura sobre memória, etnia, gênero e a Ucrânia, para compreender essa presença feminina que narra, fala e silencia, mas também repassa valores de geração em geração ao delinear o universo cultural e a estrutura social de Prudentópolis.

Esse contexto nos estimula a rediscutir o tema da memória entendida por Pollak que se reporta à análise de Halbwachs como,

(...) a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (Pollak, 1989, p. 201)

Considera-se, portanto, que a identidade como processo permanente de construção, exige das pessoas uma relação de acolhida ao que vai sendo negociado, acrescentado e transformado de acordo com as novas exigências da sociedade. A identidade ainda está relacionada à questão da memória, como explica Pollak,

(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência e de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p, 204)

A memória social e coletiva de Prudentópolis vem sendo construída e resguardada, reconstruída, negociada com maestria por sua população. O que identifica o povo de Prudentópolis é o espírito de religiosidade e festivo, ou seja, sua população, de forma subjetiva e não consciente, elabora uma linguagem – no gesto de esquecer e no ato de lembrar seus costumes e tradições que reforça a importância dos laços sociais que são estabelecidos no dia a dia.

Entendemos, na presente dissertação, que, ao longo dos anos, essa memória foi responsável pela transmissão de valores e de organização que preservaram a dignidade do grupo ucraniano no Brasil. Tudo leva a crer que a memória dessas mulheres garantiu não só a manutenção das tradições ucranianas, mas também suscitou e sustentou uma certa coesão do grupo ao longo dos anos.

Na literatura sobre gênero, recorreu-se às teorias desenvolvidas por Bauer (2001)⁴; Auad (1999)⁵ e Scott (1976). A perspectiva de Bauer (2001) sugere como ponto de partida para investigação da questão da mulher, a participação destas na história da qual sempre foram subtraídas e em que somente o homem aparece como sujeito da cultura e da história. O autor sustenta que, mesmo submissas, as mulheres silenciosamente participaram de várias atividades além da administração doméstica.

Diante da complexidade que advém da busca de compreender os significados numa determinada cultura, as análises interpretativas desenvolvidas por Geertz (1989) serviram-nos de base, uma vez que o autor busca entender os sistemas simbólicos de uma sociedade sob o ponto de vista cultural, bem como percebe o homem como um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo tece como ser social e histórico.

Para Geertz, a cultura é um

Sistema entrelaçado de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais,

⁴ Para Bauer, as mulheres sempre precisaram lutar por seus direitos básicos de forma que, “banida ideológica e conscientemente da história e pela força silenciada no cotidiano social, a mulher sempre teve que lutar por seus mais elementares direitos” (Bauer, 2001, p.12).

⁵ Ainda na literatura sobre gênero, percebemos que a compreensão de Auad (1999) está centrada em mostrar a história (socioeconômica, política e cultural) por meio da visão feminina, pois as mulheres frequentemente são ignoradas quanto a sua participação na história. E, como nos dias de hoje a mulher está em vias de alcançar a paridade dos direitos, se faz necessário conhecer o papel das mulheres na história “permitindo que todo mundo e, em particular nós mulheres, possamos conhecer nossa própria história e descobrir nela a identidade que procuramos ainda (...)” (Auad, 1999, p. 3).

os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é descrito com densidade. (Geertz, 1989, p. 10)

Por meio dos conceitos de Geertz, é possível aprofundar melhor a questão da memória das mulheres ucranianas para entender os significados e o universo simbólico que subjaz na dinâmica cotidiana mantida por esse grupo social, pois, ao conceber a cultura como rede de significados, o autor acena para a necessidade de entender a visão que as pessoas de uma determinada cultura têm de si mesmas.

Ademais, com base em Geertz, parece ficar mais claro o papel da mulher ucraniana que mantém laços fortes com a religião de Rito Católico Oriental Ucraniano, procurando compreender que tipo de subjetividade produz e ganha forma na vida de uma população com base na memória de mulheres? Que estratégias as mulheres ucranianas, no Brasil, estabeleceram para veicular valores e tradições de forma a serem aceitas pelas gerações? De que forma a memória das mulheres contribuiu para uma construção social ser ucraniano no Brasil?

Pesquisa e Estrutura da Dissertação

A metodologia foi apoiada na pesquisa qualitativa em razão da sua importância para os estudos interpretativos de fenômenos complexos e pela possibilidade de imersão no contexto e na realidade do ambiente pesquisado.

A técnica utilizada é a entrevista individual e a história de vida, conforme estabelecem Bauer e Gaskell (2002), ou seja, as pesquisas com entrevistas são importantes por representarem um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras constituem o meio principal de troca.

Partindo dessa perspectiva, ainda segundo Bauer e Gaskell, as entrevistas não são apenas um processo de mão única, passando de um(a) entrevistado(a) para outros(as) entrevistados(as), mas, constituem uma interação, isto é, *“uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas”* (Bauer e Gaskell, 2002, p. 73). Dessa forma, entrevistador(a) e

entrevistado(a) são considerados de maneiras diferentes na produção do conhecimento.

Apesar de serem modalidades diferentes, as entrevistas individuais e em grupo, segundo esses autores, possuem semelhanças. Em ambas, o(a) pesquisador(a) não orienta a investigação por meio de um conjunto de perguntas predeterminadas, porém o conteúdo mais amplo é estruturado pelas questões da pesquisa, à medida que se tornam o que os autores denominam de tópico-guia⁶.

De acordo com a discussão teórica desenvolvida pelos autores adotados, a pesquisa se desenvolveu em Prudentópolis, por meio de multimétodos, recorrendo-se a entrevistas individuais com entrevistados intencionais, ou seja, escolhidos por seus saberes já conhecidos, assim como por suas histórias de vida.

Optou-se pela estratégia de escutar e observar como a memória das mulheres ucranianas ocupou o universo simbólico dessa população, para perceber qual lógica interna comanda o sentido de conservação e reconstrução dessa memória no seio daquela população.

Segundo Ferreira (1999), esse recurso é uma opção reconhecida que tem grande potencial democrático, uma vez que incorpora o testemunho de setores da sociedade, cujas ações são muitas vezes desvalorizadas ou marginalizadas, quando não são reprimidas.

E ainda, segundo Bosi:

A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano (...). Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (Bosi, 1998, p. 15)

Thompson (1978) reforça tal ideia em *A voz do passado*, mencionando que: *“(...) a história oral é construída em torno das pessoas (...) não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”*. Assim, grupos tradicionalmente

⁶ Tópicos-guia partem da ideia de não fazer um conjunto de perguntas padronizadas ou esperar que o entrevistado traduza seus pensamentos em categorias específicas de resposta. As perguntas são quase um convite para o entrevistado falar de forma demorada, com as próprias palavras e com tempo para refletir, possibilitando também que o/a pesquisador/a ainda obtenha esclarecimentos e acréscimos de pontos importantes com sondagens apropriadas e questionamentos específicos (Bauer e Gaskell, 2002, p. 73).

ignorados como negros, índios e mulheres transformam-se em sujeitos da história, visto que passam a ser reconhecidos, incorporando sua experiência à história.

Portanto, a história oral pode dar grandes contribuições para o resgate da memória, pois a memória de um pode ser a de muitos, o que possibilita enxergar vivências coletivas. Assim, o espaço da cidade em estudo se tornou base para a investigação. E, por meio de entrevistas individuais, realizei o registro de relatos de experiências vivenciadas por esse grupo, aqui representado por mulheres de diferentes faixas etárias e descendentes de ucranianos.

A finalidade da pesquisa in loco é acompanhar o relato de histórias de mulheres no processo de formação de identidade e de memória coletiva. Para isso, em julho de 2006, dirigi-me à cidade de Prudentópolis para encontrar Zita, minha principal informante, à época residente na linha⁷ Esperança, onde comecei a selecionar as mulheres que mais tarde entrevistaria. Todas foram apresentadas por Zita, que fez questão de selecionar mulheres que, segundo ela, eram líderes nos locais onde atuavam, mantendo, assim, as tradições.

Prudentópolis é uma cidade pequena, de colonização marcadamente ucraniana, cujos símbolos remanescentes podem ser encontrados por toda parte, como: o colégio e o seminário São José, a Praça Ucrânia, a tipografia Prudentópolis, as casas de madeira, a igreja matriz de São Josafat, o campanário da igreja São Josafat, a capela mortuária São José, o cemitério da paróquia São Josafat, a estátua de Taras Chewtchenko, o *iconostas*, as *pêssankas*, os bordados, a dança, a língua, a música e a comida típica.

Aos olhos do visitante, segundo o artigo “Prudentópolis: A Ucrânia que adotou o Brasil”, de Mônica Canejo tudo é muito bonito, colorido, uma outra cultura, um outro país dentro do Brasil,

(...) Em busca de melhores condições de vida, um grande número de ucranianos aceitou a oferta e mudou-se para o Brasil, a maior parte para o Paraná. Nos primeiros tempos, a vida era difícil. (...) Com esforço, porém, eles venceram, se adaptaram à nova terra, mas jamais abdicaram de suas raízes. Assim, a marca dos ucranianos perdura até hoje, nos nomes de cachoeiras ou de estabelecimentos comerciais, nos cabelos e na pele clara dos moradores, no cardápio dos restaurantes, nas festas tradicionais. (Canejo, 2006)

⁷ As colônias ficaram conhecidas como linhas devido à linha do telégrafo que passava pela região. A denominação é usada até hoje.

O visitante vê os símbolos que retratam uma cultura diferente da sua, mas eu me senti em casa. Por isso, vale ressaltar que um dos facilitadores desta empreitada, mas que também poderia interferir no resultado final do trabalho, era o meu vínculo com essas mulheres, pois sou, como elas, descendentes de ucranianos. Assim, durante as entrevistas, num primeiro momento, algumas se mostraram inibidas, mas à medida que retornavam ao passado e traziam suas lembranças, a narrativa fluía com um forte apelo emocional.

Para realizar este trabalho, busquei desvendar o cotidiano dessas mulheres, investigando comportamentos, valores e representações do vivido. Nesse sentido, fez-se necessário redirecionar o olhar da pesquisadora, pois, até então, este estava marcado pelo papel de descendente. Ademais, o fato de ser descendente e conhecer as tradições e praticá-las poderia não favorecer a percepção dos significados subjacentes. Dessa maneira, meu esforço foi com o objetivo de despojar-me, em certa medida, das ideias e imagens acerca das mulheres, do espaço, das relações e dos comportamentos.⁸

Assim, foram realizadas 15 entrevistas, sendo esse número determinado pelo ponto de saturação, ou seja, quando os dados começaram a se repetir. Todas as mulheres entrevistadas têm um papel importante na preservação das tradições e são líderes na comunidade onde atuam, seja nas linhas (colônias) seja na cidade.

Quanto à faixa etária, cinco delas estão entre 65 e 100 anos, cinco, entre 45 e 55 anos, três, 25 e 35 anos e duas entre 15 e 24 anos.

Como captar de forma eficaz as recordações dessas mulheres?

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, a técnica do gravador possibilita maior riqueza de dados, nos levando ao que subjaz à narração.

Verifica-se assim a riqueza de dados que esta técnica permite alcançar, uma vez que, além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, ela abre portas para o implícito, seja este o subjetivo, ou o inconsciente coletivo, ou o arquetipal. (Queiroz, 1983, p. 67)

No entanto, com o avanço da tecnologia e as facilidades que esta proporciona, foi utilizada a máquina fotográfica digital, possibilitando um arquivo de

⁸ Segundo Geertz (1989, p. 7), “(...) fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”.

imagens em *CD-ROM*, *pen drive* e no computador. Utilizando-se o aparelho *MP3* para gravar as entrevistas. Mas, apesar de seu tamanho reduzido, este também inibia as entrevistadas, conforme ficou evidenciado com as mulheres de Prudentópolis.

Ao iniciar a entrevista, elas demonstravam satisfação em poder ajudar, mas ao pedir licença para gravar, relutavam perguntando se realmente era necessária a gravação, pois não tinham muito a dizer. Após insistir e explicar por que havia necessidade de gravar, salientei que poria o aparelho num lugar não visível, o que as acalmou. E, no decorrer da conversa, elas ficavam mais à vontade e se esqueciam do aparelho.

A pesquisa realizada por meio de “histórias de vida” leva tempo para ser realizada, sendo necessário retornar várias vezes aos locais e dar continuidade às entrevistas, por isso esta etapa da pesquisa durou um ano ou mais. Esse tempo foi suficiente para que os informantes se habituassem ao uso do gravador.

No caso do uso do aparelho *MP3*, essa dificuldade não foi vivenciada, pois, no decorrer da entrevista, as entrevistadas ficaram à vontade para relatar suas histórias de vida sem constrangimento.

O aperfeiçoamento da tecnologia propiciou que o registro escrito fosse abandonado quase que por completo, assim como o uso do gravador, pois o aparelho *MP3* permite riqueza de detalhes e a conservação de dados por um longo tempo, possibilitando um arquivo sonoro e escrito em *CD-Rom*, *pen drive* e no computador.

Essa coleta seguiu de forma livre. Após um breve diálogo, procurei interferir o mínimo indispensável, para obter um relato o mais próximo possível da fala do indivíduo, como se fosse um solilóquio, por considerar essa forma a mais adequada à coleta de “histórias de vida”, visando identificar os sentimentos das mulheres ucranianas, seu modo de pensar e, através deles, sua visão de mundo. A técnica utilizada justifica sua importância, pois permite colher dados que subjazem no discurso do informante.

Além de entrevistas, fizeram parte da metodologia de investigação documentos referentes à história dos ucranianos, bem como pesquisas realizadas na biblioteca do colégio ucraniano e no museu da cidade, que retrata o dia a dia dos ucranianos da região por meio de peças de vestuário, bordados, utensílios domésticos, documentos do início da imigração.

Também faz parte dessa pesquisa um acervo de fotos, pois a história precisa ser compreendida e não somente conhecida. A documentação fotográfica armazena de maneira estruturada os acontecimentos, o que permite resgatá-los, interpretá-los e alicerçar a construção da memória coletiva.

Com a criação e estruturação de bancos de dados foi possível elaborar e desenvolver uma política de documentação da história da sociedade que será de suma importância para publicações, exposições e consulta para os estudiosos sobre a trajetória das comunidades, cidades, ou seja, a história de um povo. Segundo Sontag, as imagens que mobilizam a consciência estão sempre ligadas a determinadas situações históricas. Com a fotografia divulgamos a história e guardamos a memória. Pela foto sabemos que nunca estamos sós. Somos um fragmento dela e somos responsáveis pela construção deste fragmento e a fotografia documenta este esforço. Assim nos relata Sontag:

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e por conseguinte com o poder. (...) A fotografia brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, recortada, consertada e distorcida. Envelhece ao ser infestada pelas doenças comuns aos objetos feitos de papel; desaparece; valoriza-se, é comprada e vendida; é reproduzida. (Sontag, 1981, p.4)

Por ser um fragmento do mundo, em razão de seu efeito depender da existência de um objeto real diante da câmara, a fotografia nos fornece provas. Sua natureza parece ser muito próxima à da denúncia, pois a comprovação de um acontecimento é mais rápida quando há fotos dele. E o uso deste se faz presente entre os ucranianos desde o início de sua imigração para o Brasil, pois, quando entramos nas casas dos descendentes, na sala estão de um lado da parede os quadros de santos e de outro perfilam fotos de família, ou seja, são fotos que lembram a história dos imigrantes da cidade de Prudentópolis também vista no museu ucraniano da cidade, já que várias famílias disponibilizaram fotos de seu arquivo pessoal para contar a história da comunidade ucraniana no Brasil. Hoje, a foto ainda está presente nas festas e cerimônias em que a tradição se faz presente, ou seja, as tradições continuam a passar de geração em geração através de documentos como a foto.

Todas essas fontes foram fundamentais e possibilitaram o acesso a informações essenciais à pesquisa e sua ampliação.

A estrutura desta dissertação se constitui de três capítulos:

No primeiro capítulo, Prudentópolis centro cultural ucraniano, é apresentada a história da Ucrânia à época da imigração, analisando-se aspectos da vida social e cultural da população ucraniana, bem como de seus descendentes, que expressam faces de sua identidade. A presença e a atuação da mulher ucraniana em Prudentópolis que, no espaço doméstico, na religião, no trabalho, repassou e reconduziu gerações a um senso de pertença como povo. Portanto, enfatizou-se a presença feminina, sua contribuição no sentido de resistência e de reconstrução do passado de seu povo, por meio das formas simbólicas e dos significados culturais, ordenados e exteriorizados por práticas sociais cotidianas fundadas em valores sustentados pela mulher ucraniana.

No segundo capítulo, Comunidade ucraniana e suas fronteiras, recorreremos a Max Weber que, ao discutir as relações comunitárias étnicas, conceitua a etnicidade como algo que ultrapassa a ideia de cultura ou raça. O conceito abordado pelo autor se mostra muito adequado à compreensão da comunidade ucraniana no Brasil, situada em Prudentópolis, onde certas características marcam sua singularidade étnica.

No terceiro capítulo, Costumes e tradições ucranianas – passado e presente, considera-se o papel fundamental que a mulher exerce na estrutura da família ucraniana, realizando-se a descrição de suas tradições e sua relação com a religião, que é reconstruída e sustentada pelo grupo como parte da sua cultura. O objetivo é analisar a variedade de rituais encontrada na cidade com base na cultura e nas tradições, dando especial ênfase ao que lhe é peculiar, a comida típica, a indumentária, o artesanato (*pêssanka*) dentre outros.

Por fim, apresentaremos as considerações finais desta pesquisa e, em seguida, a Bibliografia.

CAPÍTULO 1 - PRUDENTÓPOLIS CENTRO CULTURAL UCRANIANO

1.1 Um Breve Histórico – A Ucrânia⁹

Antes de iniciar a etnografia da cidade de Prudentópolis – PR, julgo oportuno dizer previamente algo sobre o país de origem desse povo que veio fazer parte da nação brasileira. Segundo Burko:

Pensa-se, não raro, que a Ucrânia não seja senão uma província russa, formando um todo orgânico com o Estado Soviético, e o povo ucraniano um ramo da grande nação russa, assim como os bávaros e os saxões são ramos de um só povo, que é o germânico. E mais ainda. Até hoje não se esmaeceram de todo algumas opiniões, segundo as quais a Ucrânia e os ucranianos são nada mais que uma expressão geográfica, criação política e polêmica. (Burko, 1963, p. 15)

Entretanto, um povo que mantém, através do tempo, a unidade de língua, de literatura e de espírito; que defendeu sempre, com sacrifício de homens e bens, o ideal pátrio, não é e não pode ser considerado apenas uma “expressão geográfica”.

No período do século XII, a Ucrânia¹⁰ limitava-se com os territórios dos tártaros, mongóis e moscovitas, campos de lutas contínuas entre poloneses, russos, tártaros e turcos (Haneiko, 1985). O nome atual da configuração geopolítica da Ucrânia¹¹ surgiu ainda no século XII. Sua denominação mais antiga era Rush e seus habitantes chamados de ruthenos.

Haneiko, estudioso da questão, esclarece que:

(...) o povo ucraniano lutou para conservar o seu verdadeiro nome ligado a tradições milenares, mas observando que Moscou criou de forma ardilosa

⁹ A história da Ucrânia é contada para caracterizar o ucraniano com o intuito de distingui-lo de outros povos europeus mais conhecidos que também imigraram para o Brasil, isto porque há uma tendência de confundir os ucranianos com Russos e Poloneses, devido às características físicas muito próximas.

¹⁰ A palavra Ucrânia é formada por dois elementos do vocabulário eslavo: U – junto de, e KRAI – extremidade, fronteira, ou seja, o sentido do nome do país relativo à região ou estado político situado numa extremidade (extremo oriente europeu) ou numa zona fronteira.

¹¹ Conforme cita Szewciw (1988), a Ucrânia estende-se dos Montes Cárpatos, no oeste, ao longo da margem superior do Mar Negro, até o sapé dos Montes Cáucassos, fazendo fronteira com o Oriente Médio, é um dos mais ricos países da Europa em recursos naturais. Hoje a Ucrânia está localizada no Centro – Leste da Europa e as suas fronteiras são: ao norte a Ucrânia faz fronteira com a Bielorrússia; a nordeste e leste com a Federação Russa; a sudoeste com Romênia, Moldávia e Hungria; a oeste com a Eslováquia e a Polónia. Ao sul a Ucrânia é banhada pelo Mar Negro e pelo Mar de Azov.

uma confusão de nomes, renunciou ao seu nome histórico de Rush, adotando o de “Ucrânia-Rush”. A confusão de nomes se deu durante o reinado de Pedro I (1672-1725), o então czar (czar) do “Principado de Moscóvia” determinou que o nome “Rússia” substitua definitivamente a primeira denominação de Moscóvia ou Estado de Moscou. Outros nomes também designavam a Ucrânia, como “Pequena Rússia”, “Ruthênia”, nomes todos inventados pelos “colonizadores” estrangeiros, onde o idioma ucraniano era proibido por lei, principalmente por parte dos polacos. (Haneiko, 1985, p. 30)

Quando se trata da discussão sobre identidade, a expressão “invenção de tradições”, usada por Hobsbawm e Ranger (2002), não pode ser esquecida. No entanto, ela não se sustenta somente por ser uma pura invenção que se adequa ao grupo, à coletividade, à sociedade no seu tempo histórico, mas, sobretudo, pela elaboração de seus significados e representações. A tradição ucraniana se encaixa tanto na ideia de uma invenção, como na necessidade de se perceber que toda esta movimentação liga-se ao passado.

Em meio a todas as privações se fez necessário usar de artifícios para manter as tradições existentes, e o nome Ucrânia foi algo inventado, elaborado, selecionado para recuperar uma memória. O nome Ucrânia foi criado de forma intencional, seus inventores pinçaram aquilo que era mais interessante para que surtisse o efeito objetivado: ícones, prioridades a serem explorados, fatos, memórias a serem privilegiadas.

Ao nome Ucrânia foram incorporados elementos que, no entender da população, seriam originais do povo ucraniano, assim foi possível obter a devida aceitação de seu povo.

Como nos sugere Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawm, 2002, p. 9)

No caso do nome Ucrânia, este foi criado, pensado, trazido de outros contextos nos quais a tradição inventada é necessária, pois na dinâmica da criação do nome, seus idealizadores se sentem espontaneamente responsáveis para que a

tradição não morra pela continuidade. O nome Ucrânia permanecerá automaticamente no tempo, vinculado ao seu passado histórico.

Aqui a contribuição de Bosi em sua análise sobre a tradição e a cultura popular se apresenta fundamental, principalmente quando diz: a tradição não morre, pois *“a cultura popular não morre, (...). Se ela for de fato popular, enquanto existir povo, ela não vai morrer. Cultura popular é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que a pode fazer”* (Bosi, 1987, p. 44). Tal referência de Bosi direciona meu entendimento sobre a Ucrânia no cenário histórico no século IX, com o nome de Estado (principado) de kyiv. Reunindo tribos que estavam à sua volta, e em campanhas nas margens opostas do Mar Negro, em Constantinopla, na Bulgária, nas regiões do Cáucaso e em terras do outro lado do Mar Cáspio, obteve grande respeito no mundo europeu no decorrer da Idade Média.

Segundo Burko, autor do livro *A imigração ucraniana no Brasil* (1963), no ano de 988, o príncipe Wolodymyr instituiu como religião oficial o cristianismo, impulsionando a economia e a vida cultural do país. Kyiv¹², a capital da Ucrânia, passou a ser um grande e próspero centro cultural e comercial da Europa Oriental.

De acordo com Haneiko (1974), com o crescimento de Moscou, no decorrer do século XVIII, a independência dos ucranianos começou a ser ameaçada, nem mesmo os vários tratados feitos entre os dois países foram suficientes para deter o avanço dos russos.

Em 1775, a última fortaleza dos cossacos foi dominada pelos russos, houve, então, um período de opressão nacional e social, cujo objetivo visava à erradicação de tudo que fosse caracterizado como ucraniano. Tal fato coincidiu com o estabelecimento da liberdade dos Estados Unidos da América (1776) e com a revolução Francesa (1789).

¹² Segundo Padre Haneiko, a invasão dos mongóis, no século XIII, paralisou o desenvolvimento da vida cultural do Estado de Kyiv e de boa parte da Europa Oriental.

Com o declínio de Kyiv, a Ucrânia Ocidental assumiu o fio condutor das tradições ucranianas, Lviv passou a ser a nova capital e um importante centro político e cultural. No entanto, em meados do século XIV, a Ucrânia Ocidental entrou em decadência sendo agora controlada pela Polônia e Lituânia.

No século XVI, surgiu na Ucrânia a ordem militar dos cossacos, época em que o país voltou a crescer. Os cossacos de Zaporija eram vistos como os defensores da liberdade e da justiça e mantiveram uma turbulenta independência em meio às ambições de poloneses, russos, turcos e tártaros. Ao restaurarem a totalidade da antiga Ucrânia os cossacos promoveram um significativo renascimento cultural, com a religião, música, artes gráficas e outras manifestações, atingindo o mais alto nível de desenvolvimento. Novamente Kyiv tornou-se o centro da vida cultural e política, e a Academia Kyivense, o centro dominante de educação na Europa Oriental (Haneiko, 1974, p. 24).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918), a Rússia e o império Austro-Húngaro se desintegraram, fazendo com que os ucranianos sonhassem com a liberdade, que se concretizou no ano de 1918. Essa liberdade durou muito pouco, apenas três anos, sendo novamente dominada pela potência russa (comunista).

O domínio russo trouxe o terror para o povo ucraniano, atingindo o seu ápice nos anos de 1932 e 1933, com a coletivização compulsória das propriedades agrícolas. Nesse processo foram confiscados, do povo ucraniano, alimentos produzidos pelos camponeses, propiciando que mais de sete milhões de ucranianos morressem vítimas de fome. A intenção do governo russo, ao introduzir tal medida, foi quebrar a resistência do povo ucraniano (Stevart, 1983).

Após anos de dominação russa, em 1991, com a queda do regime soviético, a Ucrânia declarou a sua independência, sendo hoje um estado soberano.

1.2 Galícia (Haletczená) na Década de 1890

Mais uma vez, tendo as referências de Bosi sobre tradição e permanência da cultura de um povo, creio que para que se possa mais facilmente acompanhar as



Mapa da Ucrânia – disponível em <http://pt.wikipedia.org>

discussões a seguir, torna-se necessário conhecer o lugar de onde veio grande parte dos imigrantes ucranianos que aportaram no Brasil. Originários da Galícia (ou Haletczená para os ucranianos), sua capital, a cidade de Lviv, foi durante o século XIII, um grande centro cultural e econômico depois da queda de Kyiv. G.W. Simpson¹³ (1953) mostra que, em 1890, que a população da Ucrânia era de 4,3 milhões de

habitantes, sendo que estes se dividiam em: 65% ucranianos, 15% poloneses, 12%

¹³ G. W. Simpson – Professor de história a Universidade de Saskatchewan (Canadá) – autor do livro “Ucrânia – uma série de mapas e explicações indicando a posição histórica e geográfica contemporânea do povo ucraniano”.

judeus, 7% austro-alemães e 1% de outros povos. Nessa época, o Brasil possuía 14,5 milhões de habitantes, sendo 250 mil no estado do Paraná.

Haletczená (Galícia) era a região agrícola mais populosa de toda a Europa. Os ucranianos eram atingidos por essa super população, pois cerca de 92% deles se dedicava à agricultura. As minorias nacionais (poloneses e alemães) encontravam-se em melhor situação, 30% das terras agrícolas estavam em mãos da nobreza polonesa, 22% divididos entre as populações agrícolas polonesas, alemãs e proprietários urbanos (poloneses e judeus), ainda segundo o autor, os judeus mantinham em suas mãos quase todo o comércio e parte da indústria e o governo austríaco não tomava nenhuma atitude para melhorar a situação econômica-social dos ucranianos, dando, assim, início ao processo de imigração do povo, partindo inicialmente para os Estados Unidos da América e, a partir de 1891, para o Canadá e Brasil.

1.3 Prudentópolis – Sua Origem

Diante do contexto até aqui exposto, identificamos que a busca pela preservação da tradição ucraniana acompanhou também os primeiros imigrantes que chegaram à região hoje conhecida como Prudentópolis. Tal região até a segunda metade do século XIX era conhecida como Guarapuava, a maior unidade administrativa da província do Paraná. O seu território se estendia pelo rio dos Patos, fazendo divisa com o município de Imbituva, até os rios Iguaçu e Paraná, fronteira com as repúblicas da Argentina e do Paraguai.

Os historiadores que trabalharam com os processos de imigração na região mostram que, em 1822, o Barão de Capanema fez um contrato com a província do Paraná para abertura de um caminho até Guarapuava que acompanhava os postes telegráficos. Na época, as regiões que compreendiam o rio dos Patos e a Serra da Esperança eram praticamente desabitadas. O projeto da construção da estrada e do telégrafo valorizou as terras e, como consequência, inúmeras pessoas começaram chegar à localidade, que, segundo consta, era habitada por indígenas da tribo dos Coroados, hoje não mais existentes na região.

Firmino Mendes de Queiroz, descendente de Bandeirantes Paulistas, construiu sua casa a seis quilômetros do rio dos Patos, propriedade pela qual

passaria a linha de telégrafo e a estrada para Guarapuava. Em 1884, influenciado pelo pároco de Guarapuava, Firmino mandou construir uma capela de nome São João Batista e doou terras para formar um povoado que recebeu o nome de seu grande amigo Barão de Capanema ficando, assim, o povoado conhecido como São João de Capanema.

Em 1894, o Governo Federal doou terras em São João de Capanema com objetivo de colonizar a região, o então diretor da colônia, Dr. Candido Ferreira de Abreu, para homenagear o presidente da república Dr. Prudente José de Moraes Barros, mudou o nome do povoado que passou a se chamar Prudentópolis, cidade que abrigou os primeiros ucranianos

Para facilitar a administração da colônia, esta foi dividida em núcleos, também conhecida como linhas: Ivaí, Piraí, Maurice Faivre, Inspetor Carvalho, Esperança, Santos Andrade, Sete de Setembro, Tiradentes, Dr. Vicente Machado, Rio Preto, Quinze de Novembro, Visconde de Guarapuava, Coronel Bormann, Luiz Xavier, Vinte e Cinco de Outubro, União, Olinto, Eduardo Chaves, Capanema, Carlos Gomes, Sertório, Cláudio Guimarães, Vinte e Três de Abril, Iguaçu, Ronda e Mirim.

A história aponta ainda que, para a criação do município, foi feito um desmembramento do município de Guarapuava, seu vizinho, através da Lei Estadual n.º 615, de 5 de março de 1906, foi criado o município de Prudentópolis e instalado em 12 de agosto do mesmo ano, foi desmembrado de Guarapuava. O decreto n.º 242, de 14 de junho do mesmo ano, designou o dia 8 de julho para a realização das eleições municipais.

A instalação oficial do município ocorreu em 20 de agosto de 1906, quando as primeiras autoridades municipais foram empossadas. Pela Lei n.º 2614, de 14 de março de 1929, Prudentópolis recebeu foros de cidade, sendo, ao mesmo tempo, criada a comarca de mesmo nome.

O município está localizado na região Centro-Sul do estado do Paraná, e segundo o IBGE (2000), abrange uma área de 2.280 km². Como coordenadas geográficas apresenta a Latitude -25° 12' 47", Longitude 50° 58' 40" e altitude de 840 metros.

A história do Brasil tem mostrado que a grande campanha de imigração¹⁴, desencadeada em 1880 por agentes de imigração, ofereceu grandes vantagens

¹⁴ Roberto Simonsen (1975, p. 141) comenta: "O estudo do povoamento do Brasil através da imigração faz remontar ao decreto de 25 de novembro de 1808, decreto revolucionário, que objetiva

àqueles que imigravam de outros países na condição de colonos (Burko, 1963, p.49).

Ao mesmo tempo, a história da Ucrânia mostra que, à época, sua população passava por dificuldades impostas pelos czares da Rússia, da Ucrânia Oriental e dos senhores feudais. Nesse contexto, historiadores como Burko (1963) e Haneiko (1974) mostram que a campanha do governo brasileiro teve boa aceitação por parte dos ucranianos que logo vieram para o Brasil.

Assim, em 1891, os arquivos consultados¹⁵ sobre a região mostram que cerca de 30 famílias ucranianas saíram da Galícia (Haletczena)¹⁶ e, no Brasil, estabeleceram-se no Paraná, nas colônias à época conhecidas como Santo Inácio e Tomás Coelho. Ainda pela recuperação das fontes documentais recolhidas pela pesquisa, pude identificar que a propaganda para atrair imigrantes europeus se intensificou a tal ponto que, em 1895, muitos outros camponeses saíram da Ucrânia para o Brasil.

Segundo Burko, (1963, pp. 49-50), cerca de 15.000 ucranianos entraram no Brasil entre 1895 e 1896. Entretanto, para o Departamento do Arquivo Público do Estado do Paraná de 1870 a 1920 (DEAP), o número de imigrantes ucranianos que entrou no Brasil, divulgado pelo Serviço Nacional de Imigração não corresponde à verdade.

Ao longo dos anos pode-se notar que muitos ucranianos, por terem vindo da Galícia, entraram no Brasil ou como austríacos ou como poloneses. Documentos¹⁷ afirmam que esse equívoco baseia-se no fato de que o território ucraniano, de 1795

desencadear alterações no processo econômico, social e político da “colônia portuguesa”. Completa ainda: “A mudança esperada [...] por homens livres e sob regime de pequena propriedade; quanto ao aumento da população, favorecendo a indústria e o comércio; quanto à abolição do tráfico de escravos e à criação de uma classe média formada de homens livres, não foi fenômeno isolado no tempo [...]. Pode-se buscar uma análise da vinda do povo ucraniano, partindo da consideração da política imigratória da então província do Paraná, através do decreto de Zacarias de Góes e Vasconcelos, em complementação à política imigratória do país, através do seu art, 1º:

Zacarias de Góes e Vasconcelos, presidente da Província do Paraná. Faço saber a todos os habitantes que a Assembleia Legislativa provincial decretou, e eu sancionei a lei seguinte:

Art, 1º – Fica o governo autorizado a promover a emigração de estrangeiros para esta província, empregando neste sentido os meios de julgar mais convenientes, e preferindo sempre atrair os colonos e demais estrangeiros que já se acharem em qualquer das províncias do Brasil. Fonte: PARANÁ. Lei nº 29, de 21 de março de 1855. Estabelece critérios para a entrada de imigrantes no Paraná. Guarapuava: Arquivo da Câmara Municipal, 2000.

¹⁵ Guarapuava. Prefeito (1927). Relatório da Câmara Municipal. Guarapuava: Manuscrito, 1927.

a 1918, pertencia ao Império Austro-Húngaro e ao fato de que os poloneses, em geral, apresentavam semelhanças do tipo étnico.

Já na viagem e ao chegarem ao Brasil, os ucranianos, pelos relatos encontrados nos documentos e pelas entrevistas recolhidas por mim, perceberam que a propaganda de paraíso era enganosa, pois passaram por inúmeras privações e dificuldades. Iwan Frankó (1856-1916) narra a saga de quarenta pessoas que vieram para o Brasil.

Vizinhos! – é Olécia que está escrevendo.
 Saúde boa e bem vai se vivendo.
 Faz sete meses que silenciámos.
 No fim de tal destino já acampamos.
 Vivemos em florestas, em cabanas,
 e imensamente, estamos trabalhando.
 Vivemos juntos, não nos separaram,
 da vila, quinze léguas nos distaram.
 Na mata, sob montanhas... não chamamos.
 Não há estradas, trilhas palmilhamos.
 Brasil! Também se sofre nessa terra:
 pegou-nos logo a febre amarela.
 Em três meses na Ilha das Flores
 morreram três mulheres e três homens.
 Vendemos como servos cinco moços,
 àquelas casas foram cinco moças.
 Dos moços não tivemos nem notícia.
 As moças comem, bebem... quê delícia!"
 Que mais escrevo? Novas não alardam.
 De cobras cinco nossos se finaram.
 Aqui anda um povo rude pelo mato
 que mata e come a gente. Fuja deste fato.
 Se Deus quiser, e nós nos recompormos
 quarenta fomos, em dezoito somos.
 É pena que rezar nem conversar
 não querem em ruteno nos deixar,
 Na vila Kandziubinski assim gritou:
 "Aqui não se fala em ruteno, não!
 Polacos são o rei, o país e Deus!
 Falar em polonês ou calar de vez!"
 Fazer o que com tal intimação?
 Que assim seja. Qual a salvação.
 Aqui termino. Adeus.
 E de ora tereis mais novas se luzir melhora.
 (Andreazza, 1999)

O relato anterior mostra a rivalidade entre poloneses e ucranianos, bem como a dificuldade de convivência entre esses dois povos. O governo brasileiro não respeitou a diferença entre ambos e, como nos fala Frankó, este momento tornou-se difícil não só pela falta material, mas também pela falta de entendimento entre esses

grupos étnicos “inimigos”, por isso tal situação foi muito constrangedora para os ucranianos.

O destino desses ucranianos, segundo o Padre Valdomiro Burko, autor do livro “A imigração ucraniana no Brasil” (1963), foi se instalar nas regiões íngremes do norte do município de Prudentópolis – PR, à época São João de Capanena. Outros seguiram para Santa Catarina, região de Iracema, hoje municípios de Itaiópolis, Papanduva e Santa Terezinha. Muitos deles desceram ainda pelo rio Iguaçu, chegando à região de Santa Cruz do Rio Claro – Colônia 5, Serra do Tigre, que hoje forma os municípios de Mallet, Paulo Frontin, Paula Freitas e Rio Azul. Outros foram mais além, chegando até Jangada, região que compõe hoje os municípios de União da Vitória, Porto União, General Carneiro e Cruz Machado.

Vale ainda lembrar que, conforme os historiadores, os ucranianos chegaram ao Paraná com pouca bagagem material, porém carregavam uma carga cultural milenar. Apesar de todas as adversidades que sofreram, conseguiram viabilizar a sua sustentabilidade material e começaram a reavivar a sua identidade ruthena.

De acordo com os dados do Consulado Ucraniano de Curitiba – PR¹⁸, há atualmente 350.000 ucranianos e descendentes em todo o Paraná. Já a cidade de Prudentópolis, cuja população é de 45.927 habitantes, conta com 75% de ucranianos e descendentes (IBGE, 2007).

Os relatos historiográficos coletados indicam que a população de ucranianos na região manteve sua dedicação à agricultura familiar, pecuária e pequenas indústrias. O município atualmente é considerado o mais ucraniano do Brasil. Conforme resultados apontados anteriormente pelo IBGE, a maioria da população é descendente de imigrantes ucranianos, por isso estes influenciaram muito na colonização do município, isso é evidente na religião, gastronomia, cultura e artesanato. Ocorrem ainda na cidade diversas festividades típicas da cultura de seus colonizadores ucranianos.

Do ponto de vista urbanístico, Prudentópolis é de casas grandes, antigas, de muitas janelas, ruas largas, de praças tranquilas, onde, por vezes, pessoas saem a passeios à noite ou à tarde e encontram-se com amigos. Seu aspecto sereno convida ao repouso e nos remete a um país distante – Ucrânia.

¹⁸ Fonte: <<http://www.pr.gov.br/deap>> Acesso em: 26 out 2006.

Ao nos afastarmos da cidade em direção às linhas, encontramos as araucárias imponentes, onde vacas, cavalos e ovelhas pastam tranquilamente, a fumaça da chaminé mostra que o fogão à lenha ainda é usado, uma ou outra carroça passa vagorosamente sem pressa na estrada de chão batido entre as casas em madeira colorida com belos jardins floridos, o tempo parece não ter passado ali, a impressão que se tem é de que estamos no início do século XX. Nas linhas as igrejas com suas cúpulas prateadas brilham ao sol, algumas são hexagonais, outras octogonais ou em forma de cruz. Nas pequenas casas em madeira pintadas de cores vivas e jardins de várias flores, moram pessoas que trazem a herança viva de seus antepassados. Ainda hoje, em muitas delas, na sala de estar podemos observar a decoração que é mantida como no tempo de seus avós, de um lado quadros com imagens religiosas e, de outro, fotos da família. Também não é difícil encontrar na zona rural quem mantém o forte sotaque estrangeiro, carregado de “erres”. Já na cidade, podemos observar, além de antigas casas de madeira, novas construções principalmente de alvenaria, não lembrando as antigas casas de madeiras construídas pelos primeiros imigrantes.

1.4 Os Imigrantes Ucranianos de Prudentópolis – Sobrevivência Cultural

Na época da colonização, a população de Prudentópolis era constituída majoritariamente pelo contingente ucraniano. Mas, assim como ucranianos, a cidade de Prudentópolis também foi povoada por outros povos com outras culturas (poloneses, alemães, italianos) que também foram para a região no Paraná, porém, segundo dados colhidos nos documentos que guardam a memória da região, o imigrante que mais se sobressaiu e deixou suas marcas foi o ucraniano.

O ucraniano vivia numa economia de subsistência. Conforme o relato da senhora Valdomira:

Eles vieram da Ucrânia, contavam que tinham muita saudade de lá, o meu avô, mataram ele na Ucrânia, eles diziam que lá era muito perigoso. O pai também veio de lá, diziam que lá a lavoura era muito mais fácil do que aqui, no domingo todos iam a igreja. Quando eles chegaram não tinham onde ficar, o governo disse que se responsabilizaria em dar assistência, mas ajudou pouco. Ficaram em casas pequenas, até eu me lembro daquelas casas que eles faziam, de tabuinha, a repartição quase nem tinha, os rapazes dormiam num canto e as moças em outro. Eles faziam essas tábuas com as próprias mãos não tinham ferramentas, nada, estavam

arrependidos de terem vindo pra cá (...). Mas a terra era muito boa, meu pai “fazia roça” plantava trigo, milho, criava porco, galinha e na horta sempre tinha verduras e legumes. Meu pai era um homem muito bravo, mas gostava de ajudar os mais pobres sempre que matava um porco mandava levar um pedaço grande para uma família que morava perto e era muito pobre.

Depreende-se, dessa narrativa, o padrão seguido pelos imigrantes ucranianos segundo o qual se apresenta uma trajetória de muito trabalho, muito suor, labuta, sofrimento, dificuldade de adaptação onde as leituras dos atos cotidianos femininos são relidas à luz da necessidade de uma nova visão de mundo trazida pela imigração.

Segundo Burko:

Ao desembarcar no Brasil, o imigrante que vinha da Ucrânia deveria provar suas primeiras decepções e amarguras. Que doloroso contraste entre o que ele sonhara antes e a realidade que sobreveio depois! Durante a viagem a sua imaginação ansiava por antever coisas maravilhosas, por vislumbrar no horizonte, que ficava além das águas do oceano, um mundo resplendente, onde tudo era novo, radiante, fácil (...). Fugia ele das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome. E, navegando, entusiasmava-se de poder, dentro em breve, estar longe de tudo isso. Logo ele construiria, no seu vasto quinhão de terra virgem e fértil, a sua nova casa branca, onde reuniria todos os seus pertences, onde às tardes esperá-lo-iam voltar do trabalho a mulher tranquila, com o “*borshchtch*”¹⁹ fumegante na mesa, e os filhos crescidinhos, sadios e alegres, tentando falar uma língua nova que aprenderiam na escola, quiçá estranha, mas sempre tão doce de ouvir e falar. – Tudo isso se lhe pintava na imaginação às tardes, no alto-mar, quando o navio, que o transportava para o novo país ia singrando vagaroso as águas do Atlântico. (...) Ao chegar a seu destino, o imigrante percebeu logo que o belo trama de sua imaginação deveria ceder à realidade muito outra, distinta, bem diversa da que sonhava. Ele deveria passar, antes de tudo, por uma nova série de dificuldades, até que aos poucos, com perseverança, e tenacidade, que são o único caminho da autoafirmação, atingisse aquilo com que havia sonhado, quando deixara a sua amada aldeia na pátria longínqua, e quando viajava no alto-mar. (Burko, 1963, p. 51)

Quem imigrou se aventurou e buscou novas possibilidades para além de qualquer dificuldade. Queria terra para trabalhar, condições, espaço de sobrevivência, circunstância que a região de Prudentópolis oferecia.

¹⁹ Sopa típica ucraniana, de sabor azedado, feita com beterraba vermelha, repolho, pedacinhos de carne, batata, etc.



Barracas dos primeiros imigrantes ucranianos em São João do Capanema, hoje Prudentópolis, foto de 1896 – Fonte: Site Prefeitura de Prudentópolis

O choque cultural foi inevitável, mas, como quaisquer outros imigrantes, os ucranianos buscaram formas de adaptação, aderiram a determinadas práticas culturais e sociais, mantiveram outras. Nesse sentido, o trabalho de adaptação para o imigrante à nova região foi lento e ardoroso, independentemente de qual país ele tivesse vindo.

Da mesma forma, o nativo, o polonês, o italiano e o alemão, que à época constituíram a população local, com muito esforço. Todos os imigrantes entraram num processo de negociação, ora acolhendo, ora rejeitando, ora estranhando a nova cultura trazida pelos ucranianos.

Assim a noção de ethos e visão de mundo discutida por Geertz (1989) ilumina a possibilidade de entender as negociações desenvolvidas pelos ucranianos da região de Prudentópolis, principalmente quando o autor mostra que,

(...) os aspectos morais (e estéticos) de uma cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O “ethos” de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. (Geertz, 1989, p. 93)

Esta noção torna-se eficiente nesse contexto de encontros dos ucranianos com outras etnias, uma vez que, na interação entre esses grupos, houve um confronto entre ethos diversos, em que o ucraniano, por sua condição de estar

disposto a tudo para se adaptar à nova situação, por vezes conseguiu fazer prevalecer sua visão de mundo.

Ao confrontar-se com grupos diferentes, o ucraniano tomou uma consciência de identificação incômoda no que diz respeito à relação entre o diferente dos seus costumes. Os relatos dos entrevistados mostram que as maneiras de interação com as outras etnias e as maneiras como, por vezes, eram tratados por estes eram o reflexo desse enfrentamento com o outro. Tal situação pode ser observada na fala da senhora Valdomira:

(...) no colégio Santa Sofia (Polonês), éramos cinco professoras ucranianas, mas não era permitido falar em ucraniano, eu aprendi alguma coisa em polonês, nós falávamos mais em português. Os poloneses não guardaram muito da sua cultura, eu nunca fui num jantar ou almoço dos poloneses.

Subsiste na narrativa padrão, enfaticamente apoiada na guarda da preservação étnica e na identificação de uma rede de relações, segundo a qual a integração étnica só se dá pelo alargamento futuro de horizontes relacionais. Mesmo assim, apesar dos esforços individuais, as fronteiras étnicas se apresentam rígidas.

Por meio da fala da entrevistada podemos observar, no caso de Prudentópolis, que o contato entre estes segmentos não foi, de forma alguma, harmoniosa, mas repleto de conflitos. No entanto, o que se percebe nesse enfrentamento é o predomínio da cultura ucraniana, uma vez que o elemento tradição ucraniana prevaleceu nos lares e na igreja.

Dessa forma, deparamo-nos com Prudentópolis como um lugar com características particulares, com um povo muito peculiar, sobretudo em sua maneira de lidar e manter um cotidiano com a tradição movida pela fé cristã e, com uma participação ativa de suas mulheres que lutam para preservar e manter suas tradições e costumes.

Ainda hoje, Prudentópolis continua com um perfil rural e diferencia-se de outras áreas do Estado, justamente por ainda conservar muito as tradições populares dos ucranianos. Pela observação participante e pelas minhas memórias de nascida na região, pude constatar que a população da cidade se considera “guardiã” da cultura ucraniana. Sua religiosidade, aliada ao gosto pelas brincadeiras, danças e festas, rituais, cultivo de devoções individuais e/ou familiares transforma as comemorações durante o ano e o seu cotidiano em motivo especial para reavivar

velhas tradições, reforçar laços de origem, incorporar novos elementos e anseios, conservar a memória. E isso é evidenciado no calendário de festas da cidade apresentado a seguir:

A cidade por ter dois padroeiros e duas festas em homenagem aos mesmos recebe o título de capital da oração.

- Padroeiro São João Batista é comemorado no dia 24 de junho, a festa tem duração de dez dias.
- A festa do Padroeiro São Josafat é comemorada no dia 12 de novembro está tem duração de quatro dias, com novenas, bingos, barraquinhas e shows.
- Dia 06 de janeiro dia de Reis é realizada a bênção de água e na semana que se segue é feita a bênção das casas onde o padre ucraniano visita todas as casas de descendentes de ucranianos para abençoá-la.
- No dia 02 de fevereiro bênção das velas e no último domingo de quaresma a bênção de palmas (e flores).
- Sábado de aleluia bênção de alimentos para o desjejum de Páscoa (bênção da paska e das pêssankas)
- 16 de agosto bênção das laranjas e sementes e 15 de agosto a bênção das flores.
- 07 de setembro noite ucraniana – com jantar e danças típicas ucranianas.
- Natal, Ano Novo e Páscoa – são datas de extrema importância para os descendentes ucranianos e será tratado com detalhes no capítulo 3.

Portanto, de acordo com o calendário festivo da cidade é possível observar a presença significativa desta etnia na cidade.

1.5 Quando a cultura é um texto

Assim, a identidade reporta-se a qualidades que expressam símbolos móveis tanto dos seus quanto dos perfis coletivos nos quais essas individualidades e subjetividades se plasam definindo tradições e incorporando valores novos. Assim, a interação de maneira individual e coletiva direciona nossa reflexão em torno de questões referidas à cultura que têm suscitado ao longo dos últimos anos acirrados debates nos quais se envolvem cada vez mais atores sociais. Os significados desse

conceito são vários, a Antropologia tem oferecido uma resposta mais satisfatória ao pensamento sobre a diversidade de culturas produzidas pela humanidade. Dentre os vários autores da Antropologia que se dedicaram à questão, podemos tomar como referência Clifford Geertz (1989) para podermos entender que as mulheres de Prudentópolis atuam como peça-chave na reprodução da cultura ucraniana na região.

Na visão de Geertz, as culturas devem ser entendidas como textos e a análise antropológica constitui-se sempre em uma interpretação provisória.

Diante da complexidade que advém da busca de análise dos significados numa determinada cultura, Geertz aponta para a necessidade, ao mesmo tempo difícil, de um situar-se. Isso pode ser possível na medida em que a pesquisa etnográfica se torna uma experiência pessoal.

Para Geertz:

(...) os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz interpretações em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado”. (Geertz, 1989, p. 11)

Ao conceber a cultura como rede de significados, Geertz acena para a necessidade de entender a visão que as pessoas de uma determinada cultura têm de si mesmas, o que perfaz o seu fazer e o que lhes motiva a crer que fazem o que fazem. Com essa concepção, o autor afirma a necessidade de se buscar a estratificação do significado, pois a cultura como um sistema simbólico acarreta um significado.

Geertz procura uma definição de homem, baseada na cultura. Ao considerar que a Antropologia busca interpretações, retoma alguns teóricos que contribuíram para o estudo da Antropologia, desenvolvendo cientificamente o conceito de cultura. Incluindo-se entre os pensadores que defendem *“um conceito de cultura mais limitado, mais especializado e, imagino, teoricamente mais poderoso”* (Geertz, 1989, p. 3)²⁰

²⁰ O autor retoma as ideias desenvolvidas por E. B. Tylor que, no seu entender, às vezes pode mais confundir devido à ênfase que este dá ao alargamento e amplitude do conceito de cultura. No entanto, para Geertz, “ainda é uma das melhores introduções gerais à Antropologia, o *Mirror for Man*, de Clyde Kluckhohn” (Geertz, 1989, p. 4). Kluckhohn elabora de forma clara onze pontos que definem o conceito de cultura.

Assim, Geertz (1989, p. 4) propõe um conceito de cultura “*essencialmente semiótico*”. Ele se inspira na ideia de Max Weber ao concordar “*que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*”. O autor desenvolveu sua noção de cultura “*como sendo essas teias e a sua análise; (...) como uma ciência interpretativa, à procura de significado*”.

Para ele, o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo tece como ser social e histórico, essas teias definem a cultura, por isso deve-se cuidar para a etnografia não se restringir a uma ciência experimental que está simplesmente buscando leis, mas, sobretudo, nortear a análise por uma ciência interpretativa que busca significados, explicações.

Partindo desse ponto de vista, Geertz assume a cultura como

(...) sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, p. 10)

Sendo assim, os símbolos e significados são partilhados pelas pessoas, membros daquela cultura; o estudo da cultura torna-se o estudo de um código de símbolos partilhados pelos membros de determinada cultura.

Nesse contexto, em que a base familiar que organizou o sistema de produção na região de Prudentópolis, o homem e a mulher eram responsáveis pela produção, sendo que esta responsabilidade pela produção era desigual.

Quando a propriedade rural gerava o suficiente para garantir o sustento da família, o campo de atuação da mulher incluía o cuidado com a casa, a educação dos filhos, o cuidado com jardim, horta e animais domésticos (principalmente as vacas leiteiras), o beneficiamento do leite, a comercialização dos produtos. Ao homem agricultor cabiam os cuidados mais pesados como a plantação e os pastos e era ele quem detinha a autoridade global sobre a propriedade. As mulheres tinham jornadas de trabalho ainda mais duras do que as do homem, uma vez que estavam profundamente inseridas no processo de trabalho da propriedade rural (ajudantes qualificadas do homem), ao mesmo tempo em que respondiam, sozinhas, pelo seu “trabalho natural” (casa e filhos). Quando o homem tinha completado o tratamento dos “seus” animais, depois de ter voltado da roça com a mulher que o auxiliara na

colheita, na capina ou na plantação, então ele estava “pronto” para descansar. Neste tempo, a mulher tinha ainda de preparar a comida; por a mesa; convidar para vir à mesa; lavar a louça; arrumar a cozinha; preparar o café para o dia seguinte e planejar o próximo almoço. Aos sábados, além das tarefas habituais, competia à mulher lavar a casa e a cozinha, quando completava o serviço da cozinha, a mulher pegava o cesto de roupa para remendar ou lavar. Ela não ficava nunca sem trabalhar. Eram poucas as mulheres que se dedicavam, nessa época, a serviços fora da pequena propriedade, algumas trabalhavam como professoras nas colônias, mas quando chegavam em casa também tinham os seus afazeres domésticos (arrumar, passar, educar, etc.).



Quadro de Cristo Rei em casa típica ucraniana - Foto: Tenchena

A religião também era muito presente no cotidiano das mulheres, pois eram católicas praticantes e jamais em uma casa ucraniana podia faltar crucifixos e quadros de santos. Tais características ainda estão presentes em muitas casas tanto nas colônias quanto na cidade de Prudentópolis.

A pesquisa realizada permitiu constatar que a mulher ucraniana é extremamente forte, meiga e divertida, bem como o homem ucraniano não é machista e não determina a vida familiar, pois são as mulheres que se colocam como cabeça do núcleo familiar, são elas quem discretamente falam e decidem

tudo, conforme narra Madalena:

Quando se fala da mulher ucraniana vê-mo-lá dentro do contexto em cada tempo. No período da vinda dos primeiros imigrantes ucranianos para o Brasil a mulher ucraniana era vista como “submissa”, pois vinha de um país sob domínio comunista fugitivos de uma guerra, chegando a um país com costumes, língua e clima muito diferente da pátria mãe. Porém, dentro daquela realidade a mulher ucraniana revela-se como aquela que consegue

organizar as tarefas domésticas, direcionar os filhos e auxiliar o esposo no desbravamento das matas até que sejam trabalhadas para o cultivo das lavouras. Ela é a base da família, embora aparentemente submissa.

Tal ideia de submissão feminina talvez seja pelo fato de costumes antigos como, por exemplo, ao final da cerimônia religiosa do casamento (*vesilha*) a noiva encaminhava-se ao altar de Nossa Senhora, localizado ao lado direito da igreja, para receber uma bênção especial. Esse ritual continha invocações para o bom desempenho do papel de esposa tradicional, ou seja, ser boa para o esposo e boa mãe, tendo como espelho Maria. As noivas recebiam um véu na cabeça para receber a bênção e a partir de então se marcava a maneira de como esta deveria ficar – coberta com uma *hutzka* – um lenço – como convêm as mulheres casadas.

Tal ritual remetia diretamente aos cuidados com a casa o que, para alguns, parece cruel para a mulher ucraniana é um sinal de respeito conforme nos relata dona Micalina:

Ao final da cerimônia do casamento o padre me chamou para o lado, no altar de Maria deu a bênção e mandou colocar o lenço porque não era mais moça. Só tiro o lenço quando está muito quente, mas em casa quando vou à rua ou a igreja nunca. Minha filha também usa o lenço, dificilmente tiramos, é um sinal de respeito.

E Madalena continua em sua narrativa:

A família ucraniana sempre teve e tem em sua estrutura a religiosidade e a mulher é a orientadora dos filhos, do esposo bem como dos netos. Ela própria tem esse aspecto intrínseco que se manifesta claramente no seu dia a dia pela força com a qual ela “a mulher ucraniana” vive na sociedade.

Ou seja, as mulheres ucranianas são a base da estrutura familiar e são ouvidas por todos nas horas difíceis. Os relatos anteriores mostram claramente a função primordial da mulher ucraniana e essas características são possíveis de observar por meio de um contato mais profundo junto ao grupo, pois, de forma superficial, não é possível perceber.

A mulher ucraniana que não seguia as tradições e os costumes era vítima de preconceito como a triste sina que cabia às mães solteiras. Conforme nos relata Andreazza (2007), a mulher não podia usar tranças típicas de donzelas, apenas um lenço que assinalava o estatuto de mulher casada. No entanto, não se perfilavam ao

lado das casadas nem das solteiras. Na igreja, ficavam no *babenétz*, local mais distante do altar, onde não havia bancos ou genuflexórios. O repúdio às mães solteiras decorria da crença segundo a qual a vida humana não podia ser solitária. Dependia de uma trama de compromissos mútuos, dentre os quais o familiar seria essencial. A comunidade ucraniana de Prudentópolis constitui-se em um centro de produção e reprodução de tais códigos de símbolos partilhados por um imaginário coletivo e individual.

Nesse sentido é que volto ao objeto desta pesquisa, para, com base na análise inspirada em Geertz²¹, com o intuito de verificar pelas experiências cotidianas coletivas, envoltas numa atmosfera de rituais tradicionais, verificar como a população constrói o seu sistema de significados culturais. Busco também compreender os significados das tradições e seu papel social naquele espaço.

A resposta foi obtida ao analisar o calendário descrito anteriormente em que, dentre as várias tradições, no ritual religioso da bênção da água e das velas, os descendentes ucranianos ficam à espera do padre com a água benta e ramos para que o mesmo faça a bênção da casa, esse ritual acontece todos os anos nessa mesma data (após o dia de reis). As velas bentas são usadas pelas mulheres ucranianas para proteger as casas de tempestades, bem como para “derramar cera”, ou seja, algumas mulheres da comunidade aprenderam com suas mães e avós a exercerem as atividades de benzedadeiras cujo objetivo é livrar as pessoas de mau olhado e também mostrar o futuro de quem as procurou. “Derramar cera” – consiste em aquecer a cera para que derreta e, em seguida, derrama-se dentro de uma vasilha com água, ao mesmo tempo que benzedeira faz orações, essas passadas de geração em geração e não são reveladas, pois são segredos do saber que as impede de dizer.

Como nos relata dona Valdomira, *“a igreja sempre em primeiro lugar, mas também precisamos procurar outras coisas para nos ajudar sempre que preciso derramar cera é bom, faz bem”*. A vela também é utilizada por muitas mulheres para confeccionar as pêssankas que têm toda uma simbologia a ser analisada no capítulo

²¹ Na busca de significados, Geertz concorda com Ryle²¹, no exemplo sobre a piscadela de olho, quando o autor afirma que entre a descrição superficial feita por quem ensaia uma piscadela e a descrição densa feita por quem está fazendo praticando a piscadela “está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” (...), pois os gestos “são produzidos, percebidos e interpretados” (Geertz, 1989, p. 5).

Diante disso, é possível verificar a força da tradição, o universo simbólico dos rituais e a religião que perfazem o cotidiano da população de Prudentópolis – coletivo ou individual – continuam sendo um dos vários mistérios que a sustenta na produção de significados, do refazer a memória coletiva e simbólica e ao ressignificar o passado na tentativa de vivenciá-lo no presente.

Ao pretender analisar a vivência de hábitos, de tradições, de rituais religiosos numa determinada população, faz-se necessário perceber, em matéria simbólica, como essa população se situa em grupo; como expressa não só suas emoções, como também constrói um estilo de vida a perfazer o seu cotidiano. Conforme nos fala Silvia:

Eu vejo nos que vêm me procurar, querem fazer teoria sobre iconografia, curso de pêsanka, bordado ucraniano, eles conhecem o valor dessa cultura e estão procurando. (...) A tradição ucraniana é muito bonita, olha esse irmão marista, esse reitor que nos visitou, ele disse: “quero um quadro com ícones da tradição ucraniana, porque eu estou admirando, eu gostei muito é muito bonito”.

Silvia expressa a satisfação de ter o reconhecimento da academia, que valoriza a arte ucraniana que ela mantém viva e lhes dá um lugar na história, apesar de a sociedade de Prudentópolis, às vezes, não lhe dar o devido reconhecimento e até mesmo em alguns momentos a excluir. Esse reconhecimento valorizado, de um lado, enfatiza a responsabilidade das mulheres na preservação e reprodução da arte ucraniana e, por outro lado, quando não reconhecido, demonstra certa transformação da comunidade ucraniana quando se refere ao poder do traço tradicional da arte e da força da mulher.

Entendem-se esses hábitos e tradições que se alimentam da religião e tudo que lhe faz alusão, como um sistema de produções simbólicas, portanto um sistema cultural, segundo Geertz, em que o mundo vivido e o mundo imaginado se fundem num só mundo. Tal situação é perceptível no mundo imaginário que veio junto com os ucranianos e presente no seu cotidiano como o *lovison* (lobisomem), as *mavkas* e *borenhas* (bruxas) e o *tchort* (diabo). Para esses ucranianos, o lobisomem podia tanto nascer como tal ou se transformar em um, cuja aparência era de lobo ou de porco, visto que, no Brasil, lobos eram poucos e estes viviam na mata ao passo que os nascidos lobisomens viviam entre a família e se juntavam aos demais em

algumas ocasiões para matar o gado. Segundo a lenda, os casamentos entre padrinhos e madrinhas poderiam gerar filhos lobisomens ou filhas bruxas.

A *mavka* era outro ser sobrenatural que transformavam os bebês nascidos mortos ou aqueles que haviam morrido sem batismo. Esta se parecia com uma linda jovem, que voava sob a forma de ave, implorando batismo. E se isso não acontecesse até os 7 anos de idade, esta se transformaria em um espírito maligno.

Ainda hoje existe a preocupação entre os descendentes de ucranianos quanto a batizar os seus filhos em seguida ao nascimento, pois não se pode correr o risco de uma criança morrer e ficar condenada a ser um espírito maligno. Portanto, assim que a criança nasce e sai do hospital, a família faz o batizado em casa. E nas semanas próximas o batismo na igreja, onde também é realizado o batismo de crisma, ao contrário do rito latino.

E ainda, segundo Andreazza (2007), existem outros seres das trevas que sofreram adaptações para a versão brasileira: a *marra*, o *zmii* e o *tchort*. Para os ucranianos na Europa, *marra* era a personificação da deusa do mal que tiranizava as pessoas sob a forma de um fantasma. Os imigrantes, por sua vez, consideravam-na um agente do mal que agia à noite. Enquanto na tradição popular ucraniana o *zmii* representava o



Batizado ucraniano – Foto: Tenचना

dragão medieval que matava os homens, raptava jovens e mulheres e queimava aldeias, no Brasil ele virou uma cobra. Só que essa cobra servia para designar tanto uma coisa como uma pessoa má. Por fim, *tchort* era Lúcifer, o demônio, e representava todas as forças inimigas do homem. O diabo assumiu uma representação mais popular. Era uma divindade suscetível à adulação e passível de ser enganada. Além do próprio *tchort*, havia a *tchortela*, sua mulher.

Com tantas figuras demoníacas, os colonos se defendiam com as forças da luz. A lamparina, o lampião e posteriormente a luz elétrica ajudavam a estabelecer essa defesa. E, conforme nos relata Andreazza (2007), para sua defesa, os quartos das casas eram voltados para o leste, a fim de receber os primeiros raios do nascer do dia. Era comum manter o quarto do bebê iluminado, ou a coruja viria buscá-lo. Em caso de suspeita de alguma entidade sinistra, moradores queimavam ramos bentos para purificar o ambiente, tais ramos ainda hoje são queimados para limpar o ambiente das casas, bem como em rituais fúnebres em que se usam as flores bentas para fazer um travesseiro que é colocado no caixão, fazendo com que o “defunto” tenha uma boa passagem sem assombros. Esses ramos são bentos no dia 02 de fevereiro junto com as velas, ou seja, esse simbolismo de purificação pela fumaça continua presente na cultura ucraniana mesmo nas igrejas onde toda a celebração da missa transcorre com queima de incenso.

A pesquisa com essa população evidenciou que as tradições, em seu meio, concentram-se na sua maioria nos espaços religiosos – Igreja Católica do Rito Ucraniano. Segundo Luciqueli:

A cultura ucraniana me encanta, gosto do jeito da minha vizinha, ela é bem ucraniana, a casa dela é bem colorida que dá um clima mais gostoso. Sinto-me bem sendo descendente de ucranianos, porque eu gosto de Prudentópolis e Prudentópolis é uma cidade ucraniana e gosto de fazer parte, de ir a igreja ucraniana, nos jantares ucranianos.

Luciqueli relata a história revisitada agora por descendentes de ucranianos, procurando demonstrar que chegou à atual situação por ter mantido sempre o gosto pela estética tradicional ucraniana sustentada nas bases do padrão fornecido pela religião católica de rito ucraniano.

Assim, Geertz mais uma vez nos ajuda a entender esse processo ao afirmar que *“a força de uma religião ao apoiar valores sociais, repousa, pois, na capacidade de seus símbolos de formularem um mundo no qual esses valores (...) são ingredientes fundamentais”* (Geertz, 1989, p. 96).

A pesquisa mostrou que, em Prudentópolis, o universo cultural do cotidiano é recolocado e reelaborado como um sistema de significados digno de uma compreensão, conforme a interpretação cultural de Geertz²². Os rituais da tradição e

²² Ao relembrar a fase em que Geertz analisa a sociedade javanesa, Kuper aponta a constatação do autor sobre a existência de correntes que poderiam estar alterando a dinâmica naquela sociedade. Mediante essa constatação registrada por Geertz, em sua análise, Kuper expressa no que tange a

a atmosfera religiosa em meio àquela população parecem indicar um espaço que garante a liberdade de reproduzir valores culturais de tradição da cidade, cujo significado indicam ter origem no sentido mítico-religioso. Exemplo de tal situação pode ser encontrado no casamento.

Na comunidade ucraniana, moças que se mantinham de acordo com as tradições e bons costumes encaminhavam-se para o matrimônio e este era um processo que continha várias etapas envolvendo não só os noivos e pais, mas também a comunidade, ou seja, isso requeria um conhecimento anterior não exatamente entre as famílias dos noivos, mas entre as famílias e o casamenteiro – o *stárosta*²³ fazia a apresentação do noivo à casa da noiva.

Não era qualquer pessoa que podia ser o *stárosta*, pois a ele caberia a união de famílias, portanto deveria ser alguém idoso. E como esta não era uma escolha individualizada, não era necessário os noivos se conhecerem, pois cabia aos pais e ao *stárosta* a negociação matrimonial.

A partir do momento que o noivo visita a casa da noiva, segundo a tradição ucraniana, é a *svatánha*²⁴ e inicia-se na soleira da casa onde o *stárosta* pergunta se vão recebê-lo e se ali tem uma moça para se casar porque ele trouxe um rapaz.

O noivado – *zarutchne*²⁵ – durava pouco tempo em média três meses, tempo esse para que os noivos se conhecessem ainda a distância. Talvez por isso que as mulheres entrevistadas não fazem relatos apaixonados desse período. Conforme relata Micalina, “*mesmo não tendo amor a moça era obrigada a casar querendo ou não, algumas iam à base do chicote não podia desobedecer aos pais.*”

essas possíveis alterações, a hipótese de existir “*Um nacionalismo modernizante que buscava substituir os valores e as lealdades tradicionais e dar um novo sentido de propósito*” (Kuper, 2002, p. 127).

²³ Segundo Andreazza (2007) diversos estudos indicam que, nos meios tradicionais, os arranjos matrimoniais contavam com um mediador entre as famílias dos noivos. F. Lebrun, por exemplo, aponta que os pais usavam muito frequentemente os bons ofícios de um intermediário. Esse poderia ser um amigo, um familiar e algumas vezes o próprio padrinho de um dos nubentes. Indica também que certas províncias contavam com verdadeiros profissionais casamenteiros (Lebrun, 1975. p. 33-34). Ainda segundo Andreazza (2007) vários outros autores, citados por Woortmann; identificaram essa função em seus estudos: na Inglaterra, Gillis (1984); Hammel (1968) e Denich (1974) para os Balcãs; na Áustria (Khera, 1981). Para o Brasil, apontam diversos estudos apresentaram o casamenteiro, desde o Brasil colônia até passado recente. Ressalte-se, que aqui o casamenteiro não era profissional, como em certas partes da Europa, e nem poderia ser o pai dos noivos (Woortmann, 1900).

²⁴ *Svatánha* é o equivalente ao pedido de casamento, e corresponde ao ato inicial do casamento ucraniano, a seguir acontece o *Zarútschene*, equivalente ao noivado e o ato final chama-se *Vesilha*, que seriam os festejos que acompanham a celebração religiosa.

²⁵ Esta palavra designa tanto o dia do noivado quanto o período em que o casal já comprometido espera o dia do casamento – a *vesilha*.

Após *svatánha* e do *zarutchne*, alguns meses depois acontecia a celebração do casamento a *vesilha*.

A *vesilha* envolvia toda a comunidade em que o *stárosta* tinha a função de organizar as funções masculinas e femininas na preparação dos festejos. Aos casados cabia-lhes o preparo dos alimentos, pois as mulheres faziam as massas, repolho e pepino azedo e o *korovai*; e aos homens cabia-lhes o preparo das carnes.

Durante a semana, enquanto os preparativos para a festa eram feitos pelos casados, a noiva junto com as *drújke* (amigas solteiras, dentre as quais uma era a principal) visitava os vizinhos e parentes convidando para o casamento.

No início da colonização, as noivas iam a pé para a igreja com vestidos coloridos ao som de bumbos e rabecas entoando canções. Mais tarde iam à igreja em carroças em que as *drújke* as enfeitavam com fitas, ramos de cereais e rolinhos de papel, o tempo passou os noivos passaram a ir à igreja em caminhões e carros, mas o costume de enfeitá-los ainda continua.

Ao terminar a cerimônia religiosa, a noiva era levada para o altar de nossa senhora para receber a bênção do lenço, o que caracterizava que esta agora era uma mulher casada conforme já foi relatado em item anterior.

Após a cerimônia religiosa, a festa continuava na casa dos pais da noiva, onde estes eram recebidos com pão e vinho e abençoados com os ícones. Era de extrema importância comemorar a união de um novo casal, o início de uma nova família.

Os que ainda não haviam dado lembranças aos noivos colocavam dinheiro embaixo do *Korovai* este que é um dos elementos fundamentais do *vesilha*.

Korovai é um pão arredondado e enfeitado em que na sua parte superior tem um adorno em forma de lua, para a cultura ucraniana a lua e a estrela vespertina representam o casal e, quando se parte o *Korovai*, esta parte é destinada aos noivos. O *Korovai* também representa a cultura agrícola do povo ucraniano, pois neste é colocado uma pequena árvore, em Prudentópolis era o pinheirinho. Os seus antepassados se dirigiam a uma árvore associada às forças fertilizadoras da Mãe-Terra. Após circular o *Korovai* estes concluíam mais um rito que lhes colocavam em harmonia com o ciclo da natureza, depois desse cerimonial cabia-lhes festejar e dar frutos.

Com o passar do tempo os rituais ancestrais ligados ao matrimônio diminuíram. Os descendentes não falam com naturalidade do *stárosta*, eles

simplesmente confirmam a existência do mesmo. Embora o casamento continue sendo motivo de comemoração, não é mais celebrado pela comunidade inteira.

Agora, os pais da noiva recebem convidados. Os jovens, por sua vez, sentem-se livres para escolher os parceiros, mesmo que essas pessoas não pertençam à mesma etnia, algo impensável para as gerações dos seus avós. E os convites muitas vezes são feitos por correspondência (correio) o que não é bem visto pelos mais velhos que consideram falta de educação não ir até a casa da pessoa para convidá-la. Quanto às festas de casamento nos dias atuais, estas são realizadas no salão paroquial ou em empresas que prestam esse tipo de serviço. Mas ainda o pai da noiva é quem paga a maior parte das despesas da festa e fica por conta do noivo a bebida e a música. Quanto à separação, os mais velhos acabam aceitando, mas não veem com bons olhos, para eles casamento é para a vida toda até que a morte os separe. Dizem que hoje está tudo mudado, ninguém respeita mais os cônjuges, antes trabalhavam juntos, sempre conversavam e decidiam o que era melhor para o casal e para a família. Segundo as mulheres entrevistadas, era uma vida difícil, mas feliz. Hoje casam e já estão pensando em se separar. Mas, para as entrevistadas na faixa etária de 15 a 18 anos, elas pretendem casar e procuram um descendente de ucranianos porque dizem que estes são mais trabalhadores e respeitosos, os brasileiros, segundo elas, só pensam em brincar, sendo assim, pensam em casar com descendente de ucraniano e com os brasileiros elas só “ficam”. Elas dizem também que querem um casamento segundo as tradições ucranianas, com *Korovai* e na igreja ucraniana.

Diante do exposto, convém perguntar: Essa forma de manter o cotidiano, num clima de tradição, seria a busca de referências espaciais daquela população? Outra pergunta a se fazer é a respeito de quais sentidos culturais estão subjacentes a esse ritual de tradição e atmosfera religiosa mantidos cotidianamente. De acordo com os problemas humanos que assolam a vida das pessoas, qual o seu lugar no meio dessa população que caminha em ritmo de tradição? As tradições e os rituais do cotidiano podem ser espaços de representação simbólica de aspectos da cultura daquela população?

No estudo da sociedade de Prudentópolis, vale ainda indagar: até que ponto existem mecanismos modernizantes que poderiam substituir a dinâmica das tradições, dos rituais, do ambiente religioso e festivo daquela sociedade? Trata-se de substituição ou de novos empréstimos culturais?

Tais respostas são encontradas na proposição de Simmel (1967) que me leva a pensar sobre os encontros entre os trajetos da tradição mantidos por grupos na localidade e as pessoas que se retiram dessa cidade e a visitam em dias de festas ou para curtir as férias.

Os que migram para as grandes cidades sentem o fenômeno descrito por Simmel (1967) em seu artigo “A Metrópole e a vida mental”, segundo o autor, os indivíduos são expostos aos mais variados estímulos nervosos podendo haver uma espécie de “overdose” desses estímulos, desestabilizando emocionalmente o morador urbano. Para impedir que tal fato ocorra, postula-se que esses indivíduos adotem uma vida mental para que possam viver nessa sociedade, distanciando-se de relacionamentos afetivos. O comportamento blasé, a que o autor se refere, é o processo de indiferença aos produtos necessários à sobrevivência. Ele também ressalta que a intelectualização dos indivíduos, através de um distanciamento cada vez maior dos seus concidadãos, muitas vezes é feito por meio de uma espécie de desconfiança excessiva e de uma atitude de reserva.

Assim, a sociedade urbana geraria comportamentos específicos nos indivíduos que a compõem através da inserção social mecânica ditada pela circulação de moeda, ou seja, as relações urbanas seriam via mercado. O texto de Simmel coloca em xeque a autenticidade das relações sociais no meio urbano, conforme segue:

Na esfera da psicologia econômica do pequeno grupo, é importante que, sob condições primitivas, a produção sirva ao cliente que solicita a mercadoria, de modo que o produtor e o consumidor se conheçam. (...) A economia do dinheiro domina a metrópole; ela desalojou as últimas sobrevivências da produção doméstica e a troca direta de mercadorias; ela reduz diariamente a quantidade de trabalho solicitado pelo cliente. A atitude que poderíamos chamar prosaísta está obviamente tão intimamente inter-relacionada com a economia do dinheiro, que é dominante na metrópole, que ninguém pode dizer se foi a mentalidade intelectualística que promoveu a economia do dinheiro ou se esta última determinou a primeira. (Simmel, 1967, p.16)

Assim, o caminho percorrido introduz o antigo ucraniano numa consciência diferenciada do apresentado neste capítulo que tratava da consciência na vida rural, já que nesta última os ritmos de vida e do conjunto sensorial de imagens mentais fluem mais lentamente, uniformemente.

Sobre isso, Madalena comenta:

Nos dias de hoje a dificuldade já não é mais aprender o português, dificuldade encontrada pelos primeiros ucranianos que chegaram ao Brasil, mas sim manter a língua ucraniana pois, algumas vezes filhos e principalmente netos não falam ucraniano. A permanência no Brasil tornou a mulher ucraniana mais ocidentalizada, porém, o amor pela cultura, o respeito pelo sagrado e a valorização pela família são essências dos descendentes ucranianos e não se destrói apesar de viver em outra cultura.

Tal situação descrita por Madalena é visível, quando na primeira comunhão das crianças descendentes de ucranianos, pois as famílias fazem questão de que esta seja realizada na igreja católica de rito ucraniano, ou seja, essas crianças jogam videogame, estão na internet, mas revivem as tradições trazidas pelos seus ancestrais. Como podemos observar na foto ao lado, as crianças vestem roupas que lembram a sua cultura e ao levar as frutas e mantimentos lembram a sua herança agrícola e o respeito à terra que lhe dá a sobrevivência. As fotos eu tirei pois o arquivo estava muito pesado e não estava conseguindo mandar o arquivo para você.



Primeira comunhão - igreja ucraniana – Foto: Tenchena -

Muito embora Simmel aponte que a vida da cidade pequena descansa sobre relacionamentos mais profundos e emocionais, em Prudentópolis encontrei grupos que se movimentam até comunitariamente para introduzir um deslocamento e assim trazer coisas novas para a cidade como o turismo, a tecnologia para agricultura e a inserção dessa agricultura em um mercado maior, comercializando não só para a região, mas também para o mercado nacional e internacional como a exportação de soja, assim como no seu comércio são encontrados produtos vindos de outras regiões e países.

Prudentópolis é uma cidade que está passando pelas transformações que Simmel fala, pois os indivíduos que saem de lá trazem essas mudanças e os que ficam na cidade vivenciam e se apropriam do moderno pela comunicação (internet, TV, rádio, Jornal).

O ucraniano veio, cresceu, tem uma experiência que está atrelada ao moderno, hoje, o descendente viaja, vai para Europa, EUA, estuda fora da cidade tentando manter alguns vínculos das tradições na alimentação, na arte, no bordado, na dança e na religião.

Zita é um exemplo dessa nova mulher prudentopolitana, ela viajou para a Europa, América Latina entre outros países. Ela é conhecedora de várias coisas, ela não ficou blasé diante das transformações e, quando chega à cidade de Prudentópolis, ela reorganiza as suas relações com o lado tradicional da cidade. Ela entrou no circuito das transformações e fez adaptações que permitiram vivenciar ao mesmo tempo esse ciclo das diferenças e das tradições.

À medida que Prudentópolis rumo para se constituir em uma pequena metrópole, ao mesmo tempo, ela vai se segmentando internamente com grupos mais tradicionais e outros menos e, ao se fragmentar, ela vai trazendo traços típicos de uma vida mental diferenciada de alguns grupos centrados nos caminhos da subjetividade tradicional, outros indiferentes desse encontro e outros saindo desse estado ficando lá e forçando a entrada das mudanças.

Outro fato que chamou minha atenção é que descendentes que retornam para as festas estão tirando fotos e filmando as cerimônias. A foto guarda a memória e os que estão fora querem guardar para mostrar aos seus como que as coisas são feitas.

Presente e passado nessa memória coletiva não está mais homogênea, ela está fragmentada e traz diferenças dos grupos no que diz respeito à guarda dessa memória, uns guardam mais forte essa tradição, outros fazem um mix com as experiências dos trajetos de contatos com outras cidades.

Por outro lado, também o retorno à cidade é uma oportunidade para mostrar o quanto ele evoluiu, o quanto tem acesso à rede de consumo, bem como o quanto está voltado para as inovações tecnológicas.

1.6 O Enigma da realidade e da subjetividade no ritual da tradição

Em Prudentópolis, a pesquisa mostrou que, apesar dos comportamentos manterem-se ritualizados, segundo a matriz ucraniana e permeados por subjetividade centrada na tradição, percebe-se o mesmo fenômeno existente nas

idades urbanizadas onde a mulher sai de casa para ajudar no orçamento familiar, dividindo com o esposo as despesas.

Como nos relata Raquel:

Hoje em dia na cidade trabalhos tanto quanto as mulheres da colônia, ou seja, a mulher sempre trabalhou muito tanto na cidade quanto nas colônias lembro-me de minha mãe sempre fazendo tudo em casa e ainda ajudava o meu pai. Levanto bem cedo e vou preparar o café, arrumo tudo para depois ir trabalhar, sou professora e trabalho 40 horas semanais e também cuido de minha sogra ela mora ao lado e quando precisa de algo é só tocar a campainha ou ligar que estou sempre pronta a ajudá-la. Não é fácil, mas arruma-se tempo para tudo, gosto de fazer as coisas em casa, um bolo, um prato típico ucraniano. Nos dias atuais com toda essa modernidade compram-se tudo pronto eu prefiro fazer já fui acostumada assim. Não se tem tempo pra sentar e conversar como papai fazia conosco, antigamente não tínhamos televisão e nem rádio então quando o meu pai chegava a casa após o jantar ele nos contava histórias e lia as notícias do jornal. Hoje já é mais difícil conciliar o tempo e muitos preferem assistir novelas a conversar com a família. Eu procuro manter esse diálogo em casa assim como outras famílias ucranianas que conheço ainda senta para almoçar, jantar, tomar chimarrão e colocar a conversa em dia, esse convívio familiar é muito importante para manter a família unida, para nós descendentes a família está sempre em primeiro lugar, sempre unida não importa a situação, aprendemos desde pequenos ela é o alicerce a estrutura e a base para tudo em nossa vida. Valorizo muito a família e os ensinamentos passados pelo meu pai e principalmente por minha mãe que nos ensinou tudo, procuro fazer isso com meu filho, mas ele é adotado não é ucraniano então já é diferente, mas ele faz as coisas ucranianas coloquei pra fazer tudo, catecismo, primeira comunhão o idioma. Também sou catequista e adoro ensinar a língua ucraniana, sou professora de inglês, mas o ucraniano é que me encanta então a minha monografia de pós foi voltado para o universo ucraniano, falo do mito. Adoro as coisas ucranianas está no sangue. Não é fácil falta tempo, mas sempre estou procurando ajudar junto à igreja sou catequista e dou aulas de ucraniano e a igreja é o centro de preservação da cultura ucraniana, precisamos conservar o que temos de melhor a nossa cultura e a nossa fé cristã.

Como vimos, em Prudentópolis, a vivência de um universo simbólico norteador pela dimensão da tradição que perfaz o seu cotidiano ajuda as pessoas a manter suas emoções e a expressar um estilo de vida baseado em signos e valores que são ritualizados de forma individual ou coletiva. Nesse sentido, as trocas simbólicas ajudam a consolidar a relação social. A proposição, portanto, é que o significado do ritual do cotidiano é expresso pela reelaboração simbólica do universo que, do ponto de vista da população, é próprio de Prudentópolis. Exemplo disso encontra-se na entrevista da senhora Valdomira:

Eu trabalho na paróquia, trabalho em todos os eventos, trabalho para todos os grupos não só para a paróquia, mas para os marianos, grupo veselka, todos eles nós estamos incentivando. Organizo o trabalho na cozinha o que cada mulher deverá fazer, a quantidade de comida a ser feita de acordo com o evento.

Esse jeito peculiar de se manifestar reelabora um sistema de significados em um cotidiano fundado sobre uma vida que passa pela dimensão das tradições e da religião. Para tanto, as pessoas conquistam, no domínio do ritual, um espaço que lhes assegura a liberdade de reproduzir valores culturais de tradição da cidade. Observa-se tal fato junto ao Grupo Folclórico Ucrâniano-Brasileiro. De acordo com o site da prefeitura de Prudentópolis, Vesselka – cuja palavra de origem ucraniana, que quer dizer “arco-íris”, simboliza o selo da Aliança do Criador com suas criaturas, símbolo do amor e fidelidade. O Grupo escolheu este nome pelo fato de seus



Dança Folclórica Ucraniana - Fonte: Site Grupo Folclórico Poltava

integrantes visarem preservar o amor de Deus e a fidelidade às tradições que caracterizam a alma ucraniana. Apesar de oficialmente fundado em 1º de agosto de 1958, pelo Padre Efraim Krevey, o Grupo Vesselka já existia desde a imigração, pois há referências históricas que remontam ao ano de 1902, quando foi organizado o primeiro grupo de teatro e

primeiro coral junto à Igreja de São Josafat.

Atualmente, o grupo conta com a participação de aproximadamente 70 componentes divididos entre os grupos adulto, infanto-juvenil, infantil e musical, jovens amadores que dedicam horas livres nos finais de semana para ensaios, reuniões e estudos, procurando aprofundar-se na cultura milenar do seu povo. O grupo é reconhecido em todo o país e até no exterior, participando de shows, festivais folclóricos e congressos.

No mês de agosto, como já foi citado anteriormente, o grupo promove um jantar para mostrar, à população e aos turistas, os prêmios que ganhou em eventos fora do município. Esse evento também serve para prestar contas de suas atividades

à comunidade, como, por exemplo, quem saiu do grupo e foi para a Ucrânia pesquisar novos trajes e danças típicas e assim ensaiar novas coreografias. Conforme nos relata Maria do Carmo, turista que esteve presente em um jantar oferecido pelo grupo:

Participei de um evento ucraniano, onde fiquei encantada com as danças, o colorido de suas roupas, suas coreografias, onde um de seus integrantes havia retornado da Ucrânia com novas danças. O jantar com suas comidas típicas muito saborosas. Das pessoas com as quais tive oportunidade de conversar deu para perceber que a família é o principal é o suporte de tudo. Os costumes de seus ancestrais são passados de geração em geração. Matem o respeito pela religião, onde a juventude sabe e conhece todas as datas religiosas comemoradas por eles. Os mais idosos mantêm o idioma ucraniano com sua família, sendo que no colégio das irmãs ucranianas elas também procuram manter o idioma e as tradições. É importante manter as raízes e a cultura. Na cidade de Prudentópolis onde a maioria dos moradores são ucranianos estes cultivam suas tradições.

A dimensão da tradição e religião presente no seio dessa população parece ser um rito de interação que permite a reatualização de um sentido de pertencimento. O ritual de memória e de tradição da história da cidade, das pessoas e das relações do dia a dia coloca em cena o passado e o presente fundidos; condensa os tempos diversos das histórias locais; permite (re)atualizar os signos que acenam para a construção de um vir a ser. Assim, na transmissão, seja de valores, seja de formas de organização ou de instituições, o que se conserva é de fato antes reproduzido e recriado para preservação da dignidade da população e para garantia de sua coesão. Ali se encontram comandos coletivos e individuais que norteiam tanto o dia a dia, como os momentos especiais, conforme aponta uma entrevistada ao dizer:

Quando pequena, no domingo, a mãe nos arrumava e bem cedinho de carroça a gente ia pra igreja benzer a paska, meus pais eram muito católicos. Antigamente só tinha missa lá na linha Esperança, é muito linda a igreja de Esperança.

A entrevistada procurou mostrar como é possível uma mulher inspirada nesses princípios reafirmar padrões de conduta e com isso superar, nas suas lembranças, as inseguranças que vivemos no mundo moderno.

É a lembrança individual que recolhe as lembranças coletivas que emergem do passado sombrio em busca de um presente brilhante. Nesse sentido, Halbwachs (1990, p. 54) evidencia que *“um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são afixados pela sociedade”*. Um dos pontos de referência para esses descendentes é o Museu do



Museu do Milênio – Foto: Tenchena

Milênio, onde, segundo dados fornecidos pelo site da prefeitura da cidade, teve como objetivo resgatar e preservar a memória e história do imigrante ucraniano, foi inaugurado em 1989, com a exposição temporária “Os ucranianos em Prudentópolis”, mostrando a arte sacra, artesanato, folclore, educação e instituições. O seu acervo é

composto por objetos de uso tradicionais, artesanato típico, documentos, fotografias e livros relacionados ao povo ucraniano. O museu tem como administradora uma mulher e nele existe um espaço onde algumas mulheres fazem bordados ucranianos que são colocados à venda ali mesmo no museu.

Nessa perspectiva, as lembranças pessoais das mulheres analisadas sustentam-se em marcas ou indicações coletivas. Trilhando o caminho de depoimentos de algumas mulheres na cidade de Prudentópolis, foi possível averiguar lembranças que fizeram a cidade, e nelas perceber a presença histórica cultural da população ucraniana, que chegou na condição de colono. E quando interrogadas pela origem das tradições na cidade, a resposta das entrevistadas é imediata:

A tradição ucraniana está no sangue. Sabe a minha baba (avó), são duas babas; são culpadas, culpadas no bom sentido de a gente gostar tanto da cultura ucraniana. Elas tinham uma sabedoria fora do sério. A minha baba mãe do meu pai ela morou conosco, meu avô ficava ali em Barra Grande e ela morava conosco, então quando veio pra cá ela estranhou muito. (...) Quando meu avô veio de lá, ele não trouxe nada, ele trouxe um baú de

livros, então ele era um autodidata, era um veterinário que cuidava da criação, tanto que ele gostava lá do mato e a minha avó gostava da cidade. Ela tinha muita facilidade de aprender, mas ela não se comunicava em português conosco. Eu era criança, eu me lembro, se a gente pedisse alguma coisa pra ela, fazia de conta que não ouvia, aí ela dava a entender que ela não estava gostando, então a gente falava em ucraniano e ela respondia. Eu achava na época que ela não me respeitava.

Só que hoje graças à teimosia dela é que eu sei alguma coisa, o que me levou a me aperfeiçoar na língua ucraniana entre outras. Eu gosto, sou apaixonada por línguas, mais ucraniano, inglês e português. Gosto de ler bastante.

Agradeço muito a ela que me ensinou a língua e a tradição ucraniana. Tinha que ver o quarto dela, todo cheio de florzinhas feitas de papel de doce, ela dizia que lá na Ucrânia era assim que eles faziam, enfeitavam a casa.

O exemplo anterior é rico por demonstrar os papéis de mediadora assumidos pela mulher nas relações familiares e comunitária, é apresentado por Raquel que mostra a atuação de vida de relações sociais construída pela comunidade e na unidade familiar com vistas a fortalecer a força feminina como responsável pela transmissão dos padrões culturais, de valorização da leitura, do gosto pela reprodução estética ucraniana, de manutenção de objetos e cores e a definição dos papéis sociais típicos para os homens e para as mulheres.

O ponto de vista da senhora Raquel reflete um legado cultural, bem como a tradição em Prudentópolis, pois sua fala resume o imaginário construído: *“Agradeço muito a minha avó que, assim como minha mãe, me ensinou a língua e a tradição ucraniana”*.

A tradição dá outra visibilidade à cidade, bem como à sua população, uma vez que explicita sua característica, sua identidade. Para a população de Prudentópolis, a herança ficou pelas tradições, rituais, religião e festas, e isso une e eleva a cidade. No depoimento ainda aparece a consciência de que Prudentópolis tem uma população descendente de ucranianos, e que as tradições, ali, têm sua matriz. Subsiste na narrativa padrão enfaticamente ucraniano que reflete um dos aspectos existentes em meio a população local, que ali é uma cidade com um contingente expressivo de descendentes de ucranianos e com uma cultura majoritariamente ucraniana onde são resgatados o sentido comum de viver o cotidiano como lugar de produção de conhecimento e de trocas de sensibilidades.

1.7 Identidade e cultura

Neste contexto torna-se necessário concluir que, nos inúmeros conceitos sobre identidade, encontram-se as discussões ligadas à questão da cultura da participação feminina.

Tendo como objeto de estudo “a mulher ucraniana suas tradições e a religião”, procura-se aprofundar a discussão sobre identidade, destacando a construção da identidade cultural como processo e busca de afirmação de uma sociedade local.

O conceito de identidade é muitas vezes articulado ao conceito de cultura, ao mesmo tempo em que consideramos a cultura como uma realidade plural e sempre em processo de construção, ou seja, a cultura é uma unidade, um conjunto de expressões do ser humano.

Cuche ainda diz que:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficiência social, produzindo efeitos sociais reais. (Cuche, 1999, p. 182)

O Colégio ucraniano Imaculada Virgem Maria teve muita influência na educação de vários jovens da região, este foi fundado segundo o site da instituição, em 1911, quando as irmãs Valdomira Penhonjek, superiora, Irmã Anatólia Bodnar,



Primeiras construções do Colégio Ucraniano Imaculada Virgem Maria – Fonte: site do Colégio Imaculada Virgem Maria

Irmã Sofia Ramach e Irmã Eumélia Klapouchuk servas da imaculada Virgem Maria vindas da Ucrânia chegaram a Prudentópolis. No início, sob a direção da irmã Valdomira, funcionava o ensino primário, tal instituição era frequentada por alunos de Prudentópolis e de outros municípios, principalmente por descendentes de

ucranianos, em que as meninas ficavam em regime de internato. Famílias mais abastadas da região pagavam para que suas filhas frequentassem o colégio (descendentes de ucranianos e de outras etnias) e por ser um colégio filantrópico meninas carentes também ficavam como internas nesse colégio na condição de “bolsistas”, estas realizavam tarefas dentro do colégio e seus pais contribuíam como podiam doando, à instituição, mantimentos que colhiam em suas propriedades. De início as aulas eram ministradas em ucraniano até que as religiosas contrataram a professora leiga Helena Kowalchuk para lhes dar aula de português. Eram ministradas ainda aulas de costura, tricô, bordado, enfeite de flores, datilografia, piano, acordeon e violino. Hoje, segundo a secretaria da Educação, o Colégio Imaculada Virgem Maria é um dos cinco colégios mais antigos ainda em atividade no estado do Paraná.



Colégio Ucrâniano Imaculada Virgem Maria - atualmente – Foto: Tenchena

Como nos mostra Madalena ao narrar:

Algumas adolescentes do sexo feminino eram convidadas a permanecerem por um determinado período em colégios pelos quais uma comunidade religiosa – freiras servas da Imaculada Virgem Maria vinda da Ucrânia eram responsáveis. O intuito era o de educar esses grupos para a vida. Esses grupos geralmente composto por meninas que tinham algum tipo de dificuldade pra frequentar escolas (devido ao fato de morarem longe das mesmas), algumas devido a questões sociais (dificuldades financeiras dos pais em manter o filhos), bem como o próprio carisma desse grupo de religiosas que tem como um dos objetivos a educação feminina dos imigrantes ucranianos, visando a mulher integrada na sociedade. Essas instituições são de cunho filantrópico. As jovens eram mantidas pelas

instituições religiosas com a contribuição dos pais das mesmas que colaboravam da forma como os mesmos podiam doando alimentos provenientes do cultivo próprio e criação de animais e a comunidade ucraniana auxiliava com doações de roupas, alimentos, enfim como lhe aprouvesse. Os colégios como são chamados tais locais, geralmente são grandes e alguns são colégios particulares onde jovens carentes estudam sem pagar as mensalidades. Existe uma programação de atividades de manutenção dos ambientes das instituições bem como aulas de ucraniano, artes manuais, dança, cozinha, leituras e orações. Tal programação busca contemplar integralmente a formação das jovens.

O colégio também tem a função de formar religiosas conforme o site da própria instituição relata que a Irmã Anatolia Tecla Bodnar, como mestra de noviças durante treze anos, contribuiu para a formação de um grande número de Irmãs Servas que dão continuidade à obra da congregação nascida na Ucrânia e espalhada na diáspora. Exercendo o cargo de Superiora Provincial durante vinte anos, entre inúmeras dificuldades, consolidou a Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada em terras brasileiras, abrindo seguras perspectivas para o futuro.

Conforme nos relata outra entrevistada, existe uma crise de vocação, mas, quando se trata das irmãs ucranianas, todos se surpreendem com o número de jovens que querem dedicar-se a vida religiosa, mas é claro que as exigências para que as jovens venham a integrar o grupo de religiosas não são mais tão rigorosas, pois o colégio atualmente aceita meninas que vêm de um casamento interétnico como, por exemplo, filhas de ucraniano casados com poloneses em que muitas delas não sabem falar o idioma ucraniano, mas querem entrar para a congregação, sendo aceitas e orientadas segundo as tradições ucranianas.

Assim nos relata a entrevistada:

Antes as meninas vinham para o noviciado sabiam o que queriam e perseveravam e quando vinham, vinham já pra ficar, pra ficar e se consagrar a Deus e aos irmãos, via o quê que é e assinavam a folha em branco. Hoje não, hoje elas vêm, mas assim, se ficar bom eu fico se ficar ruim eu saio. Essas noviças de hoje encontram muita dificuldade nessa vida consagrada. Pra essas meninas entenderem o porquê de estar aqui não é porque é pra ficar bom ou ruim é para fazer um trabalho, não, é uma profissão é missão. É uma missão é uma vocação estar com Jesus. Jesus está no meio de nós ele ressuscitou só que isso é só através da fé e esta fé é preciso cultivar, é preciso porque se eu não cultivo esta fé vai ser muito fraquinha e por isso essas vocações que vem agora elas são muito fracas porque são famílias também não cultivam a fé como antigamente. A mãe o pai iam à igreja rezar ensinavam educavam nessa fé. Quando eu entrei nessa vida eu não sabia nada do que ia acontecer comigo, assim eu dei o meu sim na fé, como que Deus vai me levando pelos caminhos maravilhosos. É uma vida assim que se eu morresse e tivesse que nascer de novo e escolher novamente uma vocação eu escolheria a mesma

vocação, a mesma congregação de tão bem que eu me sinto, então é uma graça, uma graça de Deus.

Atualmente, o colégio, de acordo com o site da instituição, ministra cursos de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O mesmo continua com a administração das irmãs e conta com o respeito da comunidade, sendo considerado um dos melhores da região, mantendo uma porcentagem de 20% de bolsas para alunos carentes. Porém, este não tem mais o regime de internato, somente as irmãs é que moram no colégio e limitam-se aos seus afazeres, oferecendo aulas de ucraniano, pêsanka, catequese, bordado, tudo, é claro, segundo as tradições ucranianas. Algumas atuam como professoras na rede pública de ensino e este mantém a formação de jovens que querem seguir a vida religiosa. Partindo dessa perspectiva, compreende-se que as identidades são construídas como múltiplas possibilidades por seus sujeitos sociais, ela não está pronta.

Os relatos das entrevistadas mostram que a população de Prudentópolis vem, com o passar dos anos, elaborando códigos, comportamentos e uma linguagem comum que mantém o imaginário social vinculado à manutenção das tradições ucranianas, resultando na maneira de como querem ser vistos pelos outros. O ponto principal deste processo reflete-se nas ideias e imagens que as pessoas concebem e atribuem à sua realidade social (Cuche, 1999, p. 181).

Um exemplo do processo de atribuição de significados do quadro das relações sociais garantidoras da legitimidade da identidade de perfil tradicional é encontrado no depoimento da senhora Cleuza:

Ainda hoje crianças com 6 anos de idade chegam do interior falando só ucraniano, professoras que falam ucraniano e português vão ensinando a língua portuguesa. Isso acontece graças à família e à igreja que sustentam essa cultura, em todas as comunidades a missa é em ucraniano, a homilia e o evangelho em algumas comunidade é em português, mas na maioria é em ucraniano. Existem tradições que passaram e agora estão voltando até nos casamentos. Nos casamentos antigos tinham os corovais que é um pão doce enfeitado. O corovai tem o significado da aliança, o corovai significa que aquilo que Deus uniu o homem não separa, então eles cantam, dançam, confirma-se o sacramento realizado na igreja. E algumas comunidades estão resgatando isso. (...) Toda essa tradição é importante para a cidade atrair turistas. Trabalho com os turistas e eles vêm atrás da comida, do bordado, querem ver a igreja, querem que fale o ucraniano e isso é muito bom pra nós da cidade e é por isso que a gente ensina, pra nunca acabar.

O depoimento anterior, além de marcar a importância da tradição para os ucranianos, mostra também as transformações vividas pela comunidade que desenvolveu a comercialização de tais valores pelos projetos de alavancagem turística para a região. O depoimento mostra ainda uma transfiguração da identidade real de significados que envolvem cada ritual étnico religioso desenvolvido pelo “nativo”.

Segundo Cuche, é importante não *“adotar uma abordagem puramente objetiva ou puramente subjetiva (...)”, pois somente a abordagem relacional “poderia explicar porque, por exemplo, em dado momento tal identidade é afirmada ou, ao contrário, reprimida”* (1999, p. 181).

Sendo assim, através das trocas sociais apontadas no depoimento de Cleuza, a identidade é criada e recriada construindo novas marcas de representação coletiva. Seguindo esta tendência, afastamo-nos da corrente que prima pela produção de uma identidade em si e por si mesma, por uma suposta “essência”.

Hall fala da política de identidade – uma identidade para cada movimento. Portanto, as representações sociais – coletivas podem ser mudadas. Nesse ponto de vista, *“a identidade étnica pode funcionar como aglutinadora das necessidades sociais, políticas. Isso só pode se construir em uma dinâmica de relações* (Hall, 1997, p. 49).

Como podemos observar, existem dificuldades para que o mundo científico tenha uma definição única de identidade cultural. Talvez se faça necessária uma compreensão com alcance maior sobre identidade, trabalhando-a de forma interdisciplinar. Buscamos uma articulação entre a história e a antropologia. Para tanto busco apoio em Geertz quando assume a cultura como:

Sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos causalmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, p. 10)

Sendo assim, os símbolos e significados da cultura ucraniana, pesquisados em Prudentópolis, foram formados como símbolos partilhados pelos membros daquela comunidade.

1.8 Identidade e memória dos ucranianos de Prudentópolis

As mulheres de Prudentópolis aqui representadas por minhas entrevistadas chamaram minha atenção para o fato de que, independentemente da faixa etária, traziam em seus depoimentos reflexos marcantes do processo de socialização marcadamente voltado para a formatação de identidade que associa à vivência religiosa e a responsabilidade pela manutenção e reprodução de um modo de ser mulher ucraniana segundo padrões culturais de perfil tradicional. Durante a pesquisa, procurei contato com mulheres descendentes de ucranianos que fossem jovens. Tais mulheres saíram da cidade em busca de trabalho, de estudo e até mesmo de casamentos etnicamente misto.

A presente pesquisa investigou o papel desempenhado pela tradição religiosa na constituição da identidade. Portanto, segue o conceito da identidade como explicação antropológica – a pessoa como ser social – e não, puramente, como argumentação metafísica. Para conduzir nossa discussão proposta, pensou-se a identidade que parte do vivido, da experiência da pessoa como ser em relação, seguindo a vertente em que os parâmetros de análises perpassam as relações interculturais, em que o conceito de identidade assume o cunho de confluências.

Para melhor compreender tal situação, recorri a Hall quando, ao analisar o conceito de identidades culturais na pós-modernidade, mostra seu caráter amplo e provisório ao dizer:

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel,” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 1997, pp. 12-13)

A afirmação de Hall nos remete a pensarmos a situação identificada por mim durante o levantamento dos dados referentes ao viver das mulheres ucranianas em Prudentópolis, quando Maria Rosa diz:

Quando os ucranianos, irmãs, padres visitam o Brasil, eles ficam encantados em ver que aqui ainda se fala, se entende, se preserva a cultura ucraniana. Nós somos uma ramificação deles de mais de cem anos. Vieram os primeiros padres pra cá e as irmãs em 1911, quase cem anos da vinda da nossa congregação pra cá. Com as congregações, padres, irmãs vieram toda cultura ucraniana. Eles não imaginam a extensão da pastoral, do idioma, da língua, da cultura de tudo que se fala e se têm, eles ficam realmente encantados. (...) Nós somos raízes deles, quando os primeiros imigrantes chegaram ao Brasil eles tiveram que começar do nada e aprender a viver no meio de animais e comer sei lá o quê pra sobreviver. O povo aprendeu a trabalhar, a se virar, pois, receberam a pior terra e tiveram que dar tudo de si para sobreviver. Esse espírito, essa garra já começou ali e vem até os dias de hoje, porque temos ucraniano muito bem sucedido.

Tal afirmação demonstra comportamento peculiar entre a expressão da cultura tradicional ucraniana e a evidência de valores transfigurados por encontros mais fortes com os traços de cultura brasileira. Tal flexibilidade de valores com relação à interação conjugal implica a possibilidade subjetiva de pertencimento a um grupo e pensar como a identidade do sujeito se constrói, bem como define o meio em que vive. Assim, as entrevistadas podem compreender de várias formas as relações constantes que estabelecem com os outros. Em Prudentópolis, a pesquisa evidenciou que o processo de identificação e constitutivo de sua história prolonga-se atualmente a toda população por meio de sua linguagem verbal e corpórea, pelo imaginário, representado por suas expressões culturais. Através da religião e da ampla gama de tradições presentes no dia a dia, percebe-se que a população expressa as várias formas de identificar-se e fazer-se notar como representante de tal história em movimento. Assim, a religião e as tradições vão tomando contornos diferentes, adaptando-se, renovando-se, sem, contudo, deixar de assegurar a manutenção da tradição em todos os sentidos. Isso se expressa também na fala da Maria Rosa:

A santa missa foi traduzida do ucraniano para o português, e até mesmo aqui que é o maior centro de ucranianos está sendo celebrada aos domingos à noite. É bom porque as pessoas que são ucranianas e não entendem o idioma podem estar celebrando, rezando a nossa liturgia; mas por outro lado você os leva ao comodismo e estes não fazem questão de aprender a falar o idioma ucraniano fazendo com que deixem de viver as tradições os costumes com mais intensidade e quando temos outras celebrações que é só no idioma ucraniano percebe-se uma evasão muito grande na igreja.

Conforme depoimento de Zita:

Pra te dizer a verdade uma vez só eu participei, porque estava na colônia Esperança e é só aqui em Prudentópolis que tem, na colônia não tem, não precisa, não há necessidade porque lá todos entendem a língua ucraniana e falam. Aqui não, a maioria não entende, então há necessidade. Eu aceito, gosto e participo, a igreja fica lotada. Tem pessoas que não aceitam, mas fazer o que é a melhor maneira de fazer com que essas pessoas que não entendem o idioma conheçam a beleza de nossa missa e passe a valorizar mais.

Temos dois típicos exemplos representativos das dinâmicas e experiências de contato. De um lado, a tradição é seguida e defendida e, de outro, há as adaptações às mudanças no trato dos ritos sagrados da igreja católica ucraniana.

Os depoimentos apresentados mostram ainda a afirmação da identidade que requer sempre autenticação social ou, como afirma Pollak, sobre a construção da identidade como algo sempre relacional, ou seja, referido aos outros ao dizer.

Para a afirmação da identidade se faz necessário uma autenticação, ou seja, a construção da identidade é algo sempre em relação aos outros. Conforme Pollak:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. (Pollak, 1992, p. 204)

O exemplo de Zita legitima, no caso da presente investigação, o expresso por Pollak. Assim, a entrevistada mostra a identidade como processo permanente de construção e faz com que as pessoas estabeleçam relação de acolhida ao que vai sendo negociado, acrescentado e transformado de acordo com as novas exigências da sociedade. E como nos explica Pollak, a identidade também está relacionada à questão da memória,

(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência e de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 204)

Além disso, pudemos identificar como a memória é presente no depoimento de Zita. Em Prudentópolis, as memórias social e coletiva vêm sendo ao longo dos

anos construída e resguardada, reconstruída, negociada com destreza por sua população. O que identifica os descendentes de ucranianos em Prudentópolis é o espírito religioso e as suas tradições. O convívio com pessoas religiosas, alegres e animadas propicia uma linguagem própria do lugar, reforçando a importância dos laços sociais que são estabelecidos no dia a dia.

Portanto, a identidade pode ser reelaborada e apresentar-se de múltiplas formas, conforme afirma Pollak (1992, p. 211): *“temos a pluralidade não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos”*. Percebe-se essa objetivação no cenário histórico de Prudentópolis, pois se trata de uma população que carrega em seu cerne uma cultura fortemente enraizada nas expressões da cultura ucraniana. Diante disso, a memória tem papel importante na construção da identidade que considera pluralidades e vai se adaptando de acordo com a objetivação do momento.

Assim, como a identidade, a memória é algo vivo e está sempre em construção, portanto na estreita relação entre identidade e memória. A esse respeito, Godói afirma que:

A memória, no entanto, não é um patrimônio definitivamente constituído; ela é viva precisamente porque nunca está acabada. Verificamos que ela é ativada num contexto de pressão sobre o território do grupo, atuando como criadora de solidariedades, produtora de identidade e portadora de imaginário, erigindo regras de pertencimento e exclusão, delimitando as fronteiras sociais do grupo. (Godói, 1993, p. 186)

Tal dinâmica é percebida na coletividade de Prudentópolis, onde as pessoas conhecem, reconhecem e se identificam com a história. A pesquisa realizada mostra que os novos atores sociais entrevistados relatam acontecimentos que demonstram que no presente e no futuro a história será recontada, passada adiante através das gerações. E as tradições ucranianas servem e servirão para manter e guardar a memória daquele povo, as quais são representadas pelos ritos religiosos, pelos ordenamentos das relações familiares, nas cerimônias de casamento, nos batizados, no calendário festivo e outros.

CAPÍTULO 2 – COMUNIDADE UCRANIANA E SUAS FRONTEIRAS

A presente dissertação, como já apontada anteriormente, é sustentada no trabalho etnográfico de pesquisa com a população de Prudentópolis, pequena cidade com perfil rural localizada no interior do Estado do Paraná. Essa população se vale de certas características para marcar sua singularidade alicerçada em raízes responsáveis pela constituição de uma identidade étnica. Partindo do pressuposto de que a identidade se constrói em contextos sociais e estes são fundamentais para que as pessoas ou os grupos façam suas escolhas, entendo que essa construção identitária produz um efeito social de fato.

No Brasil, o encontro e a miscigenação de muitas etnias é parte constitutiva de sua história e de sua tradição. A população descendente de ucranianos utilizada como fonte desta pesquisada passou a fazer parte deste mundo de experiências culturais diversas em que a tolerância com as diferenças nem sempre se apresentou bem definida, evidenciando disputas, preconceitos e resistências à presença do diferente. Tais questões inquietantes foram apontadas na introdução deste trabalho. Como descendente de ucranianos, procurei entender, por meio da discussão sobre cultura e tradição, os elementos constitutivos de identidade étnica e de etnicidade que deram fundamentos aos relatos que fizeram parte até mesmo do meu próprio processo de socialização.²⁶

Os movimentos dos relatos colhidos por mim e as lembranças vivenciadas durante a produção da presente dissertação levam a ancorar o presente capítulo com base na discussão de Barth (1969) que desenvolveu sua análise sobre grupos étnicos e suas fronteiras, seu ponto de partida foi a crítica dos estudos das diferenças das culturas. Seguindo a linha de Weber, o autor inovou o conceito sobre etnicidade ao lançar um olhar sobre a esfera que concebe o grupo étnico, diferentemente de visões anteriores.

Para Barth, a etnicidade é concebida de forma mais flexível e dinâmica, por isso seu foco é no grupo social, na ação social e não na cultura.

Mais recentemente, a obra de Poutignat e Streiff-Fenart (1998) colocou em evidência a forma como a problemática da etnicidade se constituiu ao longo da

²⁶ As primeiras reflexões sobre as questões da comunidade ucraniana encontram-se na *Revista Nures*, n. 14 – Janeiro/Abril 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X

história. Os autores seguiram o pensamento teórico sobre etnicidade fundado por Barth e colocaram em relevo as diferentes abordagens realizadas no decorrer dos anos, como também trazem à tona as ambiguidades que esse conceito acarreta.

Ao trabalhar sobre as relações comunitárias étnicas, Weber (1999) conceitua a etnicidade como algo que ultrapassa a ideia de raça ou cultura. Ele pensa esse tema com base no foco subjetivo do senso de pertença, seja este por um tempo determinado ou permanente.

Esta visão, além de desconstruir ideias elaboradas anteriormente sobre grupo étnico, etnicidade e identidade étnica, inaugura uma visão ampla de grupo étnico.

Para Weber, não é viável buscar a fonte da etnicidade na posse puramente de traços físicos. O autor enfatiza, portanto, que a etnicidade deve ser indagada no ato de construir, aprofundar e manter as diferenças.

Ao questionar sobre de que forma atualmente a sociedade de Prudentópolis sustenta e mantém suas crenças, seus valores, seus símbolos, seus ritos, suas tradições, é relevante nos ater às ideias de Poutignat e Streiff-Fenart que nos chamam atenção sobre etnicidade em suas análises. Para eles,

(...) a etnicidade não é um conjunto intemporal de “traços culturais”, transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações reações entre este grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir. (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p.11)

Os argumentos dos autores remetem ao pensar sobre as interações interétnicas que têm lugar na região de Prudentópolis onde há uma maioria étnica de ucranianos que resiste e a diferencia de outros grupos. No Brasil, todos os diálogos entre os ucranianos e os brasileiros produziram um efeito relacional que propicia a oportunidade de percebermos a predominância da força da tradição e o universo simbólico dos rituais específicos de cada uma das culturas e de crenças religiosas. No caso da população de Prudentópolis, pelo exame do cotidiano, a população sob o ponto de vista individual e ou coletivo, foi possível observar uma produção de significados que é constituído e refeito pelo trabalho da memória coletiva ao ressignificar o passado buscando vivenciá-lo no presente de seus descendentes.

2.1 O Pertencimento

Em “Economia e sociedade”, Weber consagra o capítulo sobre “Relações comunitárias étnicas”, definindo o grupo étnico não apenas através das características raciais ou culturais, mas também por meio da ideia de pertencimento subjetivamente definido, de modo temporário ou permanente, ou seja, “(...) *quando é sentida subjetivamente como característica comum (...)*” (weber, 1999, p. 267).

Ao definir o grupo étnico pela crença subjetiva numa crença comum, Weber aponta para o fato de não ser conveniente procurar na posse de traços fixos a fonte da etnicidade. Deve-se procurar, na atividade de produção, manutenção e aprofundamento das diferenças, cuja objetividade não pode ser analisada independente dos significados que os indivíduos lhe atribuem no decorrer de suas relações sociais. Portanto, uma comunidade é definida como étnica quando essa pertença existe, ou seja, quando é sentida subjetivamente como característica comum entre seus membros.

Segundo o autor, a ideia de “descendência comum” é focal e liga-se às concepções de “disposição” e “pertença”; contudo, não há distinção fundamental a operar entre as disposições raciais e as disposições adquiridas pelo habitus.

Para Weber, as “disposições raciais” estão associadas à herança biológica, mas esta por si só não é capaz de dar conta das formas de organização coletiva, pois existe a união entre pessoas de descendências raciais diferentes, que partilham a crença em uma origem comum. Portanto, a “origem” ou “destino” comum estabelece um sentido de homogeneidade para os membros de uma comunidade constituída de diferentes grupos.

O sentimento de pertença, segundo Weber, desenvolve uma compreensão de diversidade cultural, ou seja, quando a “solidariedade étnica” se manifesta no confronto com os elementos estrangeiros desperta entre estes a oposição ou desprezo pelo que é diferente, dando origem ao sentido de unidade grupal no embate entre o “nós” e os “outros”. Desta forma, Weber deixa clara a importância do conceito de identidade étnica formado nas situações de contraste.

Os motivos que definem as singularidades de cada grupo demarcam as diferenças entre os grupos étnicos e são invenções que subsistem como convenções, por isso mudam de acordo com a situação e o momento histórico vivido.

Segundo Weber, a própria comunidade elege elementos que definem a delimitação de suas fronteiras. Isso ficou muito evidente na fala da entrevistada Nadia, quando relatou a profissão do pai, bem como outras peculiaridades que esse



Igreja Matriz de São Josafat - Fonte: Site Prefeitura de Prudentópolis- PR

povo elegeu como símbolos que definem suas fronteiras, como a arquitetura bizantina das Igrejas, os iconostas, as pêsankas, as comidas típicas, os bordados, o teatro, a música, a dança, os trajes típicos, as cores, os rituais

realizados nas festas de Natal, Ano Novo e Páscoa e a educação dos filhos. Disse ela:

(...) ele aprendeu a ser carpinteiro e marceneiro, marceneiro por sinal muito fino ele era de destaque no município porque ele tinha um diferencial, ele trabalha cúpulas de igrejas ucranianas, aquela igrejas com abóbodas, do nosso rito bizantino que se usa muito, então é isso que ele aprendeu a fazer e também tabernáculos nas igrejas, o tabernáculo é o formato de uma igreja ucraniana com abóboda toda entalhada que fica em cima da mesa no altar e também fazia altares, esses altares bem detalhados com muito entalhe e iconostas, aprendeu a fazer com os padres (...).

As palavras de Nadia sobre seu pai relatam a importância da arquitetura para os ucranianos de Prudentópolis, pois marca a diferença de outras etnias.

De acordo com o site da cidade, a Igreja Matriz de São Josafat, em estilo Bizantino, é considerada uma das mais belas do país. Construída entre os anos de 1925 a 1928, a Matriz de São Josafat foi esforço dos primeiros padres Basilianos vindos para o Brasil. Possui 38 metros de comprimento, 28 de largura e 30 de altura. A igreja possui 4 abóbodas representando cada uma os braços da cruz e uma central, bem maior, cobrindo a nave da igreja.

A arquitetura interior é dividida nas três clássicas divisões das igrejas cristãs.



Ikonostás - Foto: Tenchena

O vestíbulo ou átrio dos catecúmenos; o lugar onde nas antigas igrejas ficavam os não professores e pagãos; a nave ou corpo principal da igreja onde todos os cristãos se reúnem. O sacrário ou santuário, onde ficam o altar mor, as relíquias e a cátedra do oficiante, é dividido da nave pelo magnífico Ikonostás uma coleção de ícones sacros que representam a vida de Nossa Senhora e dos apóstolos executados em Munique e entalhados em madeira.

A arte dos trabalhos de entalhe em madeira, o artesanato das toalhas bordadas nos altares, as relíquias trazidas da Ucrânia podem ser apreciados no interior da igreja. O púlpito é outra arte, todo em madeira representando um barco com sua rede de pesca, peixes em madeira, velas e cordas, uma referência ao

apóstolo São Pedro. Na igreja também existe uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida, santa padroeira do Brasil.

Tombada em 1979 pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, como patrimônio artístico e cultural do Paraná, possui, em seu campo, um campanário, com seis sinos, uma estátua de Cristo e uma gruta, com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

O bispo auxiliar da diocese ucraníno – católica, em União da Vitória, dom Daniel



Igreja Ucraniana da Linha Esperança - Foto: Tenchena

Kozlinski, explica que as cruzes gregas representam a simbologia do rito bizantino e as cúpulas arredondadas demonstram o zelo de Deus sobre seus seguidores. “As cúpulas lembram o amor de Deus que nos cobre com a sua proteção”.

Igrejas do Rito Católico Oriental Ucraniano localizadas no interior do município também se destacam por seu estilo arquitetônico bizantino com suas cúpulas na parte exterior e pelos ícones sagrados no seu interior como podemos observar na foto acima da colônia Esperança.

Outro ícone da cultura ucraniana é a estátua em bronze de Taras



Colégio e Seminário São José - Foto: Tenchena

Chewtchénko esculpida na Alemanha, possui 3 metros de altura, homenageia o poeta máximo da Ucrânia, sendo que um dos seus poemas está gravado numa placa em bronze ao pé da estátua.

Assim como a estátua de Taras Chewtchénko, o Colégio e Seminário São José fundado em 1935 pelos padres Basilianos é outro importante ícone dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis, funciona como estabelecimento de ensino particular de regime interno e pertencente a uma instituição religiosa do Rito Católico Oriental Ucraniano.

Outro ícone que nos remete a uma cidade de ucranianos é o Portal da cidade localizado em uma das entradas da cidade na BR 373, cuja composição representa elementos presentes na cidade como o pinhão, símbolo do Paraná e a cúpula abobadada característica das igrejas em estilo bizantino do Rito Católico Oriental Ucraniano.

Portanto, no relato sobre a crença na afinidade comum, encontramos consequências importantes, principalmente na organização desses grupos étnicos, que Weber chamou de “comunidades políticas” voltadas para a ação. O grupo étnico é compreendido como uma coletividade que partilha valores,



Portal da cidade de Prudentópolis - Foto: Tenchena

costumes e uma memória comum, que nutre uma crença subjetiva numa origem, imprescindível para a definição da “comunidade de sentido”, existindo ou não laços de sangue.

A respeito da questão, Weber salienta que:

A crença na afinidade de origem – seja ela objetivamente fundada ou não – pode ter consequências importantes particularmente para a formação de comunidades políticas. (...). Nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (1999, p. 270)

Assim, Weber retira a importância dos traços somáticos (biológicos/culturais) como fundamental para identificar um grupo étnico. Para o autor, identidade étnica é fundamentada numa construção histórica e coletiva de um sentimento que os indivíduos nutrem e que expressam uma pertença a uma procedência comum²⁷.

²⁷ Evidências arqueológicas modernas indicam que os Ucranianos são um povo autóctone, ou seja, habitante original das terras de Ucrânia, cujos ancestrais já ocupavam esse território entre o quarto e o terceiro milênio A.C.

A mentalidade ucraniana foi formada e influenciada por muitos fatores, tais como, a localização geográfica no cruzamento das rotas leste-oeste, condições climáticas específicas e ocorrências complexas, por vezes trágicas, na sua história.

Desde os primórdios os Ucranianos eram conhecidos como agricultores laboriosos, prósperos e hábeis, emocionalmente apegados aos seus familiares, bons pais de família e dedicadas esposas.

Com base nesses pressupostos, verifica-se que a população em estudo parece buscar construir sua identidade conforme sua experiência social coletiva de um cotidiano mantido numa atmosfera de religiosidade e tradições, bem como vale averiguar sua relação com a construção da identidade étnica. Para tanto, serão considerados, sobretudo, o seu universo simbólico e seus sistemas de significados, ordenados e exteriorizados através de representações e de práticas sociais.

2.2 A Sociedade de Prudentópolis

Segundo a história dos ucranianos discutida por diversos autores pesquisados, esse povo conheceu muito sofrimento imposto pelo domínio de outros povos. Desta forma, mesmo com as enormes dificuldades, a condição de liberdade que o Brasil proporcionava a esse povo era motivo de extrema felicidade. Segundo as narrativas colhidas dos mais velhos, todos podiam falar livremente a sua própria língua²⁸, cantar, rezar, escrever, ler, aprender, ensinar, dançar, ou seja, fazer o que antes não lhes era permitido na Ucrânia.

Nas narrativas das entrevistadas mais velhas, pude perceber que a vinda de missionários ucranianos para o Brasil foi de grande importância para essa cultura, pois possibilitou a manutenção da unidade linguística e de suas tradições, como nos relata nossa interlocutora Maria Rosa:

Tipicamente de bom coração, amáveis, hospitaleiros e querendo bem aos seus pares e aos estrangeiros, inclusive levemente inclinados ao romantismo e sentimentalismo. Mas se chega a hora da provação eles são decididos, espertos, bravos, fortes e prontos a qualquer sacrifício. Segundo alguns descendentes, isso já é o suficiente para não ser confundido com os poloneses e russos.

²⁸ A Língua Ucraniana é uma das três línguas eslavas orientais pertencente ao grupo de línguas Indo-Europeias. As outras duas são o Russo e o Bielorusso. É agora falada em toda a Ucrânia, em partes da Polônia e Eslováquia e em vários grupos nos Estados, Unidos, Canadá e em outros países como: Brasil, Argentina, Austrália, Nova Zelândia, etc. Diferentes manuscritos em Ucraniano apareceram primeiramente no século XII. A literatura moderna ucraniana desenvolveu-se a partir da linguagem coloquial dos séculos XVII e XVIII. Das três línguas eslavas orientais o Ucraniano é mais distante do Russo que do Bielorusso. Esta língua tem diversas vogais e consoantes que estão ausentes tanto no russo como no Bielorusso, além de alguns detalhes na formação de palavras e na sintaxe. Compartilha também alguns sons com o Bielorusso, mas estas duas línguas estão ligadas por dialetos transitórios. O Ucraniano absorveu muitas palavras de origem Polonesa. É escrita com o alfabeto Cirílico. O Alfabeto foi desenvolvido no século IX para uso dos povos Eslavos Ortodoxos Orientais. É baseada em caracteres gregos e, com algumas modificações, constitui o alfabeto dos atuais idiomas: Ucraniano, Russo, Bielorusso, Sérvio e Búlgaro. Embora fosse tradicionalmente atribuído a São Cirilo, pesquisadores acreditam, agora, que o Alfabeto Cirílico teria sido elaborado por um de seus seguidores. Está relacionado ao alfabeto Glagolítico (também atribuído a São Cirilo) usado pelos Eslavos Católicos Romanos até o século XVII e que sobrevive hoje na liturgia eslavônica de algumas comunidades Católicas Romanas da Península Balcânica. É constituído por 33 caracteres ou letras.

A igreja ucraniana no Brasil é um centro cultural e espiritual. Procuramos manter a cultura e a espiritualidade nesse momento. Nós continuamos hoje ensinando, por exemplo, bordar, ler, escrever e falar ucraniano e a pintar a pêsanka. A igreja e a cultura ucraniana andam muito juntas, tanto é que quando se fala de cultura eu já vou integrando a igreja. Eu acredito que a igreja foi e é ainda forte na cultura, porque a igreja ainda tem muita força, parece que tudo acontece em volta da igreja. Existe um evento cultural quem está promovendo? Algum grupo da igreja. Então ainda cultura e religião andam muito juntas.

Sendo assim, a Igreja do Rito Católico Oriental Ucraniano passou a ser um importante centro de preservação e difusão da cultura desse povo. Esse legado é perceptível, tanto na arquitetura bizantina das próprias Igrejas, idênticas às conhecidas na Ucrânia, como nas manifestações místico-religiosas que remontam a hábitos e tradições sustentados às duras penas na própria Ucrânia.

No decorrer do tempo, criaram-se clubes ucranianos, e neles, outros espaços de preservação da cultura como, por exemplo, bibliotecas, escolas, onde além do grupo Veselka já citado no capítulo 1 que, para apresentar suas danças folclóricas, fazem inúmeras pesquisas sobre trajes, músicas e danças procurando ser o mais fiel possível aos seus ancestrais.

A partir do final do século XIX e começo do século XX, os trajes típicos, segundo o grupo Poltava – Curitiba – PR, passaram a se distinguir em 17 variações regionais²⁹, sendo que um dos elementos fundamentais dos trajes é os bordados em

²⁹ Descrição de trajes folclóricos ucranianos do fim do séc. 19 e início do 20 distribuídos em 17 variações regionais:

1. Região de Dnipró
2. Área de Kêiv
3. Área de Poltava
4. Área de Chernihiv
5. Área de Kharkiv
6. Região de Podillia
7. Região do Norte da Bukovena
8. Região da Políssia
9. Região da Volénia
10. Região de Hutsul
11. Região de Boiko
12. Região da Zakarpattia
13. Região de Lemko
14. Região de Yavoriv
15. Região de Sokal
16. Região de Pidliashshia
17. Região de Kholm
18. Região de várias influências.

O traje representante da Ucrânia Ocidental é o da região de Hutsul. O traje nacional é o da Ucrânia Central, mais precisamente o da Região do Dnipró. Fonte: Site Poltava.

cores vibrantes envolvendo o trabalho de tecelões, alfaiates, bordadeiras e joalheiros. Os conjuntos revelam a luxuosa opulência da vestimenta dos nobres, assim como a modesta, e não menos elaboradas a roupa dos camponeses.

O bordado ucraniano é de extrema importância para os ucranianos e seus descendentes.

Segundo fontes do site grupo Poltava, sempre requintados e altamente festivos, os bordados ucranianos nos parecem cintilantes mosaicos executados pela inimitável astúcia feminina transmitida de mãe para filha, sendo preservados pelas tradições familiares.

As cores têm conteúdo simbólico. O vermelho é o amor e o preto a tristeza. Na antiguidade foram usados como talismãs contra a morte, a dor e os ferimentos. As mulheres bordam o peito das camisas, as mangas e os punhos. O bordado ucraniano tem profundas raízes nos hábitos agrários e é representado, sobretudo por motivos geométricos que conservam características bizantinas, cada qual com as sutilezas das diferentes regiões ucranianas. Através disso temos representações de vários temas como o nascimento e a morte, a vida na terra e o universo.

A arte de bordar chegou à Europa vinda da Ásia Central, a começar pela Ucrânia, via “caminho da seda” e, muito antes do início da era cristã, os povos que habitavam a Ucrânia já usavam os bordados que foram evoluindo até as formas atuais, datando do século VII D.C. Existem três diferentes tipos de aplicação de bordado: O religioso, vestimentas de sacerdotes e de uso nas igrejas, o dos ritos folclóricos “*rushnyky*”, toalhas rituais, e o dos trajes, camisas, blusas, e lenços.

São três os principais estilos dos bordados ucranianos, que divergem nos motivos e cores: O do Norte da Ucrânia, em que as figuras geométricas são preservadas há séculos, o da Ucrânia central, Leste e Sul, no qual predominam as figuras de plantas e flores e os da Ucrânia ocidental, em que há um processo de transição das figuras geométricas a motivos de flores.

Para a cerimônia do casamento, era a noiva quem bordava a camisa do noivo. Quanto mais bonita a camisa, mais considerados eram os dotes da noiva. Cada bordado, seja para uso diário ou cerimonial, tem as sutilezas das diferentes regiões da Ucrânia. Através deles temos a perspectiva ucraniana de temas filosóficos tais como o universo, a vida na terra, nascimento, morte e a compreensão revelada da mensagem e do lugar de cada um.

Certos princípios do bordado combinado em camisas blusas e toalhas têm sido formados durante séculos, porém permanece o princípio inicial da ideia da composição dos elementos vertical e horizontal. Os bordados são praticados com ideias definidas.

Atualmente, em Prudentópolis, as mulheres continuam com essa arte milenar não mudando em nada a composição dos seus elementos.

Após a cristianização no Século X, a cruz e o ramo de parreira se incorporaram aos motivos dos bordados símbolos mágicos de proteção: água, sol, terra³⁰.

- Pássaros: simbolizam as almas humanas. Andorinhas, pavões, rouxinóis, pombos, galos, cucos.
- *Kalena* (viburno): árvore nativa da Ucrânia, cujos frutos vermelhos são símbolos do sangue e da imortalidade.
- Papoula: possui poderes mágicos contra o mal. Antigamente as suas sementes eram abençoadas e aspergidas sobre a multidão para proteção e acreditava-se também que os campos de batalha se cobriam de papoulas na primavera.
- Carvalho: árvore sagrada dedicada a Perun, antigo deus da masculinidade.
- Videira: energia do amor.
- Lírio: símbolo do casamento.
- Rosa: flor muito apreciada, significa sangue ardente.
- Lúpulo: relacionado com a simbologia da juventude.
- Morango: personificação do sol.

As cores básicas do bordado ucraniano são o preto e o vermelho. As cores adicionais são amarelo, azul e verde. No passado, foram tingidas fibras de plantas, linhas e lãs com tinturas naturais de cascas de árvores, raízes, folhas, frutas, flores e

³⁰ Principais pontos de bordados – em todo o território ucraniano se impôs o delicado – nasteluvannia – ponto acetinado paralelo ou inclinado. Principalmente no sul da Ucrânia, Poltava e Chernihiv, Keiv, Podillia, Volênia, Ucrânia Ocidental e Zakarpattia.

Merezka – trabalho aberto: Poltava, Bukovena, Podillia.

Hantuvannia: Em toda a Ucrânia.

Kherestek – ponto cruz: Firmou-se em toda a Ucrânia no final da séc. XIX.

Vekonubalocia – bilno: Chernihiv, Kiev.

Bila nezenka – nez: Zakarpattia, Podilia, Ucrânia Central.

Naburubannia: Kiev, Chernihiv.

Estebni'ka: Pokuttia.

Zanuzuvannia – ponto horizontal: Políssia.

Ramovannia – bordado em faixas coloridas: Zakarpattia.

Horobochkeii: Lviv, Ucrânia Central.

sucos de insetos. Ainda hoje, tais motivos e cores servem de inspiração para as mulheres que fazem bordados na cidade de Prudentópolis.

Além disso, faz parte da tradição ucraniana bordar o *rushnuke* que são toalhas rituais feitas pelas mulheres e são de extrema importância para a cultura ucraniana. Trata-se de um ornamento bordado ou tecido em tear, no passado usado em toda a Ucrânia, era considerado um talismã mágico e protetor, acompanhava uma pessoa em todos os eventos importantes da vida dela: nascimento, matrimônio, morte. Feito dos melhores linhos brancos, cada região da Ucrânia teve suas próprias cores e motivos do desenho, que mede 3 a 4 metros de comprimento e 40 a 50 centímetros de largura. Era frequentemente usado em vários rituais desde os tempos da Ucrânia pré-cristã, usado para adornar ícones (quadros religiosos) e utilizado em rituais festivos. Pão e sal (símbolos da fartura) são apresentados em um *rushnuk* para saudar os noivos recém-chegados da igreja. O *rushnuk* fazia parte do enxoval da noiva; eram mais de dez que ela mesma bordava. Nos dias atuais o *rushunké* é usado pelos ucranianos mais tradicionais da cidade de Prudentópolis para adornar os ícones em suas casas e igrejas de rito ucraniano.

Ainda hoje, o bordado é importante para a comunidade de ucranianos de Prudentópolis não só para o uso em rituais e nos seus ícones, mas também como fonte de renda, pois estes são vendidos a turistas.

Outro símbolo que representa a cultura ucraniana em Prudentópolis é o grupo folclórico da cidade de Bandura Soloveiko fundado, em 1991, o grupo amador que tem por finalidade a preservação das tradições e da cultura milenar



Grupo Folclórico Bandura Soloveiko - Fonte: Site Prefeitura de Prudentópolis

ucraniana. Segundo o site da cidade, busca-se, através da bandura, expressar toda gama de sentimentos ligados a eventos da vida popular como a chegada da primavera, a colheita, a festa familiar, o noivado e o casamento. A bandura é um instrumento ucraniano com 55 cordas, de origem ocidental europeia. O grupo

participa de eventos locais e regionais e vem obtendo grande sucesso, conta atualmente com 21 componentes.

E ainda a respeito do grupo folclórico Veselka, salienta Nadia:

Quando o grupo folclórico Veselka deu início as suas atividades eu fui uma das primeiras a participar do grupo. Nadia Shunak (que faleceu recentemente) e a dona Julia Hots nos ensinavam as danças e coreografias, eu me lembro tão bem do jeitinho delas, cantavam o tempo todo porque naquele tempo a música era tocada em aparelho (vitrola) de corda, nos dançávamos e de repente a música parava, dava-se corda novamente e voltávamos para a dança. Assim, eu fui uma das primeiras a participar do grupo folclórico Veselka e, eu me orgulho muito disso porque hoje esse grupo é renomado. Eu participei muitos anos como dançarina, depois como diretora, como mãe, tia. Hoje o grupo é destaque e participa de vários eventos como a FENATEC (realizada todo ano em Foz do Iguaçu – PR).

Entretanto, pode-se constatar que a cultura ucraniana preservada por suas mulheres não está presente somente em organizações como a Igreja e os clubes. Seu desdobramento é bastante intenso e atuante em muitos outros setores, especialmente no cotidiano dos lares ucranianos no Brasil.

Mais uma vez Nadia fez questão de contar que:

O natal de minha infância era a coisa mais linda do mundo, eram feitas as comidas típicas, meu pai estendia feno em baixo da mesa e a gente fazia comida nos não podíamos comer antes de sair a primeira estrelinha, então saía a primeira estrelinha, depois a gente ia pra mesa e o pai fazia a oração, toda a família junta, daí a gente comia e cobria os pratos e deixava para os mortos vir comer a noite. Imagine só, na época se usava isso. Então deixavam aqueles pratos e só no outro dia a gente ia lavar. Eu me lembro muito bem a minha mãe fazia 5 bolos, a gente fazia bolo só no Natal e na Páscoa, uma semana antes a gente fazia bolachas, bolacha de estrelinha, de lua, redonda enchia aquelas latas de bolachas pra esperar o Natal, sequilhos, cerveja de casa, sempre fazia tudo em casa, engarrafava, tampava, lavava garrafa, era aquela correria, a mulher trabalhava como uma “condenada”, todas as mulheres, meninas e as comidas eram como já te falei era muito bom depois a gente cantava em volta da mesa *Kôlhadas*³¹ e depois a gente ia a missa, depois o pessoal vinha como uma estrela, me lembro tão bem era uma estrela enorme, que vinha com sininho, eu não sei se a estrela era tão grande ou eu era tão pequena e vinha aquela estrela brilhando o pessoal cantando indo de casa em casa cantando.

Nesse espaço, pode-se identificar vários elementos da cultura, sustentados por mulheres ao longo dos anos pelas diversas gerações. Persiste um conjunto de práticas que afirmam uma singularidade material e simbólica. Dentre esses, pela

³¹ “*Kôlhadas*” são melodias típicas que sensibilizam e fazem reviver todas as circunstâncias do nascimento de Jesus.

investigação realizada, encontramos: a culinária, a decoração, a religião a educação dos filhos, o artesanato.

Durante as entrevistas com esse grupo de mulheres foi possível observar a importância da culinária para essas descendentes, visto que elas falam muito de pratos típicos que sempre estão relacionados a uma lembrança. Tudo parece acontecer na cozinha, aliás, local preferido desses imigrantes. As cozinhas são simples, mas grandes e espaçosas, onde os familiares se reúnem para não só fazer as refeições, mas também conversar e tomar decisões importantes para todos. Tão importante quanto para os ucranianos a cozinha tem grande significado para os poloneses. Segundo Santos:

Nas visitas observei que os poloneses gostam de receber na cozinha. Ali, naquele ambiente de grande intimidade familiar, que passam a maior parte do tempo e também recebem as visitas, sendo, portanto o espaço de sociabilidade do grupo. (Santos, p. 135, 2006)

Tal como evidenciado anteriormente por Santos, foi possível verificar que todas as entrevistadas também lembram de um prato típico, bem como valorizam muito a sociabilidade do grupo em suas narrativas, como nos relata dona Valdomira “(...) *hoje os pratos típicos estão mais gostosos, tem mais ingredientes, incrementa-se mais. Antigamente era mais simples tudo era mais difícil, mas também era muito bom.*”

Os principais pratos típicos populares da cozinha ucraniana servidos à mesa das famílias de descendentes aos domingos e dias de festas representam o exercício de encontro tanto com as memórias subterrâneas de Polack quanto à recriação da tradição de Halbawachs.

Os alimentos destacados a seguir representam tal processo:

- *Borchtch*: sopa de sabor azedado, à base de beterraba, repolho ou couve, com costela ou lombinho de porco, de preferência temperada com nata e saboreada com acompanhamento de pão preto de centeio ou trigo. O *borchtch* é servido como primeiro prato, logo após o aperitivo e tornou-se o prato nacional da família ucraniana;
- *Varéneke* ou *Perohê* : espécie de pastel de massa amanteigada à base de trigo fermentada, cozidos em água e recheados de uma mistura de batatinha com requeijão. Pode ser acompanhado de molho de carne;

- *Holubchi*: uma espécie de charuto feito com recheio de carne, trigo mourisco ou arroz e envolvido em folhas de repolho ou couve em panela fechada à base de vapor;
- *Chrin*: molho à base de raiz forte moída com beterraba, acompanha carnes assadas, principalmente a de porco;
- *Kubassat*: linguiça de carne de porco defumada, frita ou assada, de sabor muito leve;
- *Krakóvia*: salame produzido artesanalmente em Prudentópolis, a partir de carne suína selecionada, possui um sabor muito característico;
- *Kasha*: alimento de quirera de trigo mourisco, aveia, milho ou arroz. Servido no café, almoço e jantar nas mais variadas formas;
- *Salo*: toucinho, muito característico na alimentação, pode ser servido cru, cozido, frito, defumado. Serve como acompanhamento para batatas, kasha e broa. Possui múltiplos usos;
- *Nata*: extremamente suave e azedinho, este molho à base de leite acompanha carne de porco;
- *Carnes*: geralmente de porco, marreco e frango. Apresenta uma grande variação: assadas, defumadas, fritas, abafadas, moídas;
- *Cerveja caseira*: bebida fermentada não alcoólica, à base de lúpulo, água e açúcar. É muito produzida no município, a princípio, para consumo próprio das famílias, que costumam oferecer esta bebida às visitas ou a utilizam em ocasiões especiais como a Páscoa e o Natal. Sendo possível encontrá-la em duas variações a branca e a preta, esta última é acrescida de malte que dá a coloração característica. Deve ser servida gelada.
- *Pinga de Alambique* – mói-se a cana para a obtenção da garapa que vai para um tanque de fermentação. Neste processo, que vai de 12 a 14 horas, utiliza-se um fermento à base de milho, cana e centeio. Após a fermentação a garapa é esgotada do tanque para o alambique para que seu álcool evapore. Quando ferve, o vapor vai para a serpentina, onde ocorre sua condensação, e se transforma em líquido. A pinga é embalada em bujão de plástico ou vasilhas de madeira. Com 500 litros de garapa se produz em média de 100 a 120 litros de pinga.

Outro costume que chamou a atenção em Prudentópolis, assim como em outras regiões que reuniram imigrantes representantes de uma cultura camponesa, homens e mulheres ucranianos valorizavam ter filhos. Exercitam a noção cristã

segundo a qual a família se completa com a descendência e a reunião de mais força de trabalho para atuar no campo. Por esse motivo, julgavam sensato ter prole numerosa, com sete, oito, nove e mais filhos. A cada geração aumentava a necessidade de os filhos crescidos migrarem, visto que não havia terra para tantos.

Embora a migração para outras localidades fosse o destino da maioria, um dos filhos, em geral o mais novo, ficava para cuidar dos pais idosos. Desse compromisso entre as gerações decorreu o hábito de coabitarem avós, filhos, noras e netos. O convívio entre gerações nem sempre transcorreu de forma harmoniosa, mas o pacto silencioso de reunião das várias gerações para a construção de uma história de fixação do imigrante na região predominou por quase um século. Nos dias atuais nota-se uma fragilidade nas relações pactuadas entre as diferentes gerações, os jovens se sentem desconfortáveis com a cobrança por parte dos mais velhos de obediência irrestrita as normas e as regras tradicionais.

Exemplo disso, os que não conseguem se lançar em novos horizontes têm optado por reduzir o número de filhos, ou seja, famílias nucleares em que nem todos compartilham a noção segundo a qual uma prole numerosa representa “uma bênção de Deus”. Novos pais admitem dificuldades em manter muitos filhos. Para a geração atual de mães, três filhos são a descendência ideal.

2.2.1 A mulher ucraniana

Um dos papéis da mulher ucraniana era o de educar os seus filhos segundo os costumes e tradições ucranianas, mesmo porque na época, como ocorreu com outros imigrantes, poloneses, alemães e italianos, ninguém tinha contato com outra cultura, viviam isolados nas colônias, e isso foi passando de geração para geração (comida, educação, artesanato, religião, etc.). Muitas crianças só aprendiam o português depois de irem para a escola.

Cabia às mães ensinar as orações e o respeito a Deus, como se portar na igreja em relação ao rito ucraniano, respeitar os mais velhos e a valorizá-los. A partir dos 9 anos, as crianças já ajudavam na lavoura; os meninos aprendiam a lidar com o gado e as meninas a bordar, costurar, limpar a casa, fazer o quintal, a cozinhar e fazer as comidas típicas da Ucrânia, a mãe as preparava para o casamento e estas deveriam ser obedientes.

Nos dias atuais percebe-se que as mulheres ainda fazem questão de ensinar principalmente os pratos típicos, os rituais de páscoa, a valorizar a religião, ou seja, mesmo estudando muitas ainda preparam as filhas para um bom casamento.

Entretanto, percebe-se também que, quando ocorre o casamento de um descendente de ucranianos com alguém de outra etnia, essas mulheres desconhecem o padrão tradicional dos princípios da cultura ucraniana, uma vez que as novas participantes do grupo desconhecem os pratos típicos, os bordados as pêssankas entres outros. Como podemos observar na fala da sra. Vadamira *“Meu filho casou com uma brasileira e quando ela quer fazer perohe, sempre liga perguntando a receita”*

Nos dias de hoje vemos características bem fortes quanto à educação e os costumes nos seus descendentes que prezam tanto a sua descendência e tradições, ou seja, ensinar o idioma ucraniano.

Atualmente, com a própria evolução industrial que ocorreu no país as mulheres descendentes de ucranianos também saíram para o mercado de trabalho para ajudar no sustento da casa, ou seja, elas “continuam” com a dupla jornada, mulheres líderes em suas comunidades, ocupando secretarias na prefeitura, como educação, turismo, fazendo parte da diretoria do grupo de dança, participando de eventos junto à comunidade como festas nas igreja, associação de artesanato ucraniano.

Mas ainda hoje não é de bom tom engravidar antes do casamento e as festas da comunidade ainda seguem os ritos ucranianos, mas sem o casamenteiro.

Além disso, outro exemplo das mudanças encontradas refere-se a pouca aceitação da eficácia do emprego de velas, fitas e invocações na hora do parto. As jovens mães apresentam-se céticas quanto a tais métodos e preferem inteirar-se dos processos de intervenção médica no parto com emprego mais representativo da cesariana.

Esse conjunto de práticas afirma uma singularidade do fenômeno que, tanto material como simbolicamente captado, por meio da memória, permitiu a incorporação de princípios individuais e coletivos cuja referência é a Ucrânia.

Durante o contato com a população da cidade de Prudentópolis, ficou evidente que a religião e a manutenção de tradições constituem uma dimensão essencial de sua vida cotidiana. Assim, religião, língua, arquitetura, culinária, decoração, educação dos filhos e artesanato constituem uma característica

essencial daquela população e, ao mesmo tempo, transformam-se em uma experiência social coletiva.

Portanto, faz-se necessário perguntar: como verificar nas relações sociais dos habitantes de Prudentópolis uma configuração e apropriação de comportamentos que indicam uma identificação étnica como grupo social? Que escolhas essa população teria feito para reconstruir constantemente um passado coletivo que pudesse ser aceito e reproduzido pelas gerações do presente?

Essas, se tratando de identificação étnica, segundo Weber, têm a crença na afinidade de origem e isso pode ter consequências ao que ele também chamou de comunidades políticas, voltadas para a ação e organização dos grupos étnicos.

2.3 As escolhas do grupo Étnico

Ao analisar as narrativas das vivências de hábitos, de tradições, de rituais, fez-se necessário perceber e decodificar, através do elemento simbólico, como uma população considera-se um grupo; como expressa um estilo de vida a perfazer o seu cotidiano; como faz suas escolhas e como incorpora novos elementos de forma a serem aceitos pelas gerações. Entretanto foi preciso encontrar um limite entre o conceito de cultura e o conceito de identidade étnica, ou seja, a cultura pode existir independente da consciência identitária dos indivíduos; por outro lado, sabe-se que a dinâmica do processo de construção de identidade constitui-se prática responsável por alterar ou modificar uma cultura.

Assim, direcionando a análise para a visão de Weber, deve-se entender que as diferenças entre os grupos étnicos funcionam como invenções que se sustentam como convenções. Estas, de acordo com o tempo e as exigências do momento histórico, podem ser transformadas. Desta forma, segundo o autor:

Assim como toda comunidade pode atuar como geradora de costumes, atua também de alguma forma, na seleção dos tipos antropológicos, concatenando a cada qualidade herdada probabilidades diversas de vida, sobrevivência e reprodução, tendo, portanto função criadora, e isto em certas circunstâncias, de modo altamente eficaz. (Weber, 1999, p. 269)

O grupo étnico é tomado como uma expressão concreta coletiva que, além de partilhar valores, costumes, memória, sustenta uma crença subjetiva numa origem

comum e, conforme as convenções, pode transformar e/ou alterar o legado das tradições. No entanto, é o sentido de pertencimento que lhe assegura a formação de um grupo. Portanto, pode-se entender que a identidade torna-se uma construção social. Esse entendimento não minimiza o peso que acarreta e nem significa uma astúcia que dependeria unicamente da subjetividade de sua população ou grupo social.

Ao levantar a discussão sobre as fronteiras dos grupos étnicos, Barth adota a análise de Weber ao retomar suas principais ideias no tocante aos grupos étnicos. Para Barth, não existe a possibilidade de se apreender os grupos étnicos apenas em matéria cultural, uma vez que “se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (Barth, 1998, p. 195).

O centro da abordagem de Barth é o grupo e não a cultura. Diante da incapacidade de determinar o limite de uma comunidade pelos traços culturais objetivos, torna-se fundamental a análise da forma como a diversidade étnica se articula e se mantém socialmente.

A compreensão de Barth sobre grupo étnico está centrada numa ênfase relacional. Essa abordagem parece superar a problemática dos pólos do subjetivismo-objetivismo, pois, para o autor, compreender o fenômeno da identidade exige passar pela ordem das relações entre os grupos sociais. Sendo assim, o autor sustenta que: *“os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm característica de organizar a interação entre as pessoas”* (Barth, 1998, p. 189).

A etnicidade está relacionada, portanto, com processos sociais, nos quais podem ser excluídos ou incorporados princípios que irão favorecer a elaboração de significados simbólicos, no caso de uma identidade tanto coletiva como individual.

Em Prudentópolis, encontra-se o apresentado pelo autor quando há vivência de um universo simbólico norteado pela dimensão da religião e das tradições ajudam as pessoas a manter suas emoções e a expressar um estilo de vida baseados em signos e valores que são ritualizados de forma individual ou coletiva.

Como nos relata a Senhora Valdomira:

Eu trabalho na paróquia, trabalho em todos os eventos, trabalho para todos os grupos não só para a paróquia, mas para os marianos, grupo veselka, todos eles nós estamos incentivando, durante a festa nos trabalhamos entre

20 e 22 mulheres, muito bonito, chamou, pronto, estamos prontas pra trabalhar, todas descendentes de ucranianos (...) o grupo inteiro são 424 membros do apostolado da oração. (...) em casa nos não podíamos falar uma palavra em português tudo em ucraniano era pra preservar e outra coisa eles não sabiam falar muito bem em português falavam muito pouco.

Para Barth, a dimensão da identidade parece ajudar a consolidar a relação social. A proposição, portanto, é que o significado do ritual do dia a dia é expresso pela reelaboração simbólica do universo regido por tradições que, do ponto de vista da população, é singular de Prudentópolis.

Conforme nos relata Cleuza:

(...) os meus filhos estudaram no colégio brasileiro, fizeram catecismo e a primeira comunhão na igreja ucraniana, frequentam a igreja ucraniana, e brigam até hoje porque não coloquei neles o meu sobrenome ucraniano Sochodoia e só o sobrenome Luz do esposo, a minha menina dança no Veselka ela ama esse Veselka. Ensinei tudo o que aprendi com a minha mãe, a comida então eles adoram, quando vou a igreja ucraniana eles estão sempre juntos (...).

Essa forma de se manifestar no cotidiano reelabora um sistema de significados e mantém uma organização de trocas simbólicas. Aplica-se, assim, nesse contexto o sentido de identidade como um modo de categorização que os grupos usam para organizar essas trocas. O próprio Barth afirma isso ao expressar que:

Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional. (...) As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. (Barth, 1998, p. 194)

Nesse domínio, as pessoas conquistam um espaço que lhes assegura a liberdade de reproduzir e reelaborar valores culturais de tradição da cidade. Nem mesmo uma certa descontinuidade vivida pelo deslocamento dos mais jovens para a “cidade grande” ameaça a comunidade de destituição dessas manifestações. Pelo contrário, o movimento que se dá no dia a dia vai sendo reelaborado para circunscrever com mais evidência o que identifica aquela população. Cria-se, por meio da religião e dos costumes e ao que a eles se refere no dia a dia, um deslocamento que lhes permite fundir o mundo do trabalho aos demais domínios da vida cotidiana. Podemos observar isso na fala de Nadia:

Fiz o projeto de turismo para a cidade, temos tantas coisas lindas, a natureza, as nossas cachoeiras que são maravilhosas e a nossa cultura ucraniana, todos vem pra cidade e querem ver as *pêssankas*, a missa cantada em ucraniano, a nossa arquitetura, os bordados e as nossas comidas típicas. Tínhamos um grande potencial e precisávamos trabalhar isto, então fiz o projeto de turismo, onde as tradições e os costumes ucranianos são visto por vários turistas. Um rapaz me disse: “Se for pra ganhar dinheiro fico com o chapeuzinho de ucraniano o dia todo”, ou seja, a cultura ucraniana também passou a ser uma fonte de renda.

A dimensão da religião e das tradições presentes no meio desta população parece ser um rito de interação que permite a reatualização de um sentido de pertencimento.

Religião, costumes e tradições são ainda o suporte de Prudentópolis. Portanto, na transmissão, seja de valores, seja de formas de organização ou de instituições, o que se conserva é de fato antes reproduzido e recriado para a preservação de identidade da população; ao que parece, para a garantia de sua possível coesão. Ali se encontram comandos coletivos e individuais que norteiam tanto o dia a dia como os momentos especiais, como no caso das catequistas explorados por Nadia, quando mostra bem esse aspecto da população de Prudentópolis.

(...) o Veselka teve altos e baixos como todos os grupos, mas para manter a cultura ucraniana é o ponto chave da nossa paróquia e de todo o movimento dos jovens aqui, e pode ter certeza que na maior parte são as mulheres as responsáveis, eu atribuo a perseverança desse grupo as catequistas do colégio Santa Olga, porque dentro da diretoria uma das pessoas tem que ser do colégio, porque ali entra e sai, mas do colégio permanece então mantém firme. O maior sucesso deve ser atribuído ao colégio santa Olga, eu entrei e sai faz dois, três anos que estou fora do veselka, e o colégio permanece, então o braço forte do veselka é o colégio, são as mulheres catequistas que seguram esse grupo, até pra manter a ordem, a organização, o nível e o traje, porque você não pode colocar o traje que você quer você tem que ver a região o tipo de dança, elas observam bastante isso elas são zelosas, (...) muitas pessoas também entram e saem mas as catequistas permanecem e assim a tradição vai se mantendo.

Nadia continuou seu relato, agora enfatizando os bordados típicos e as *pêssankas*³²:

³² *Pêssanka*, ovo decorado a mão com motivos místicos e arte ucraniana. Tradicionalmente, as *pêssankas* são feitas na última semana da Quaresma e levadas à igreja no domingo de Páscoa, para serem abençoadas.

O que também mantém a tradição são os bordados típicos e as pêsankas que têm um peso muito grande. Você para em Prudentópolis, você pensa em pêsanka, porque aqui se faz as mais belas pêsankas do Brasil. É muito interessante também que no início do século os ucranianos mandaram da Ucrânia padres ao Brasil para evangelizar nosso povo e dar assistência espiritual, agora os nossos padres estão indo para a Ucrânia para evangelizar, pois os nossos imigrantes trouxeram as tradições e mantiveram a língua os usos e costumes, a cultura, os artesanatos que eles mantiveram daquele jeitinho que era a cem anos atrás e hoje a Ucrânia meio que “russificou” porque eles ficaram sob domínio Russo por 70 anos, os bordados perderam as suas raízes eles começaram a misturar as cores e as formas então se perdeu muito. Aqui se manteve as pêsankas perfeitas, lá pinta-se pêsankas de outras cores, então agora uma catequista nossa foi pra Ucrânia também ensinar, resgatar as pêsankas, uma outra professora “nossa” ela fez mestrado ou especialização da língua ucraniana e foi pra Ucrânia ver os diferentes dialetos, dentro da própria Ucrânia.

As catequistas são um grupo de mulheres que se apresentam como catalisadoras e difusoras da história desses ucranianos. Importantes agentes de reprodução da memória muitas das vezes com um trabalho complementar com as freiras e padres outras por livre orientação transmitem à comunidade a língua, as atividades de artesanato, comida, o catecismo segundo o rito católico ucraniano e promovem encontros entre as mulheres da região como nos relata Maria Zita:

As catequistas promovem um encontro que acontece todos os anos no período de carnaval, durante cinco dias, mulheres de todas as idades, a maioria idosas, se reúnem no colégio das catequistas na cidade de Prudentópolis, Paraná, qualquer mulher pode participar, contanto, que entenda ucraniano, já que todas as orações, cantos e palestras são ucranianas e assim como as conversas. Ficando sem contato com rádio, TV, jornais e outros. As orações iniciam-se às sete horas da manhã, ainda em jejum, e acabam aproximadamente às 20 horas, o dia todo é de orações, missas, novenas, palestras as quais são ministradas sempre por um padre ucraniano, todos os dias é o mesmo padre, o que impressiona é a resistência das senhoras idosas em se manterem firmes durante as orações, normalmente ajoelhadas por muito tempo. As refeições são feitas no colégio mesmo por adolescentes que vivem no internato, tudo feito com muito cuidado, em todas as refeições há uma mensagem para cada participante, geralmente feitas em guardanapos, escritas em ucraniano, provavelmente confeccionadas muito tempo antes do encontro. Os dormitórios são comunitários, para jovens e idosas e a bagunça é tanta quanto se fossem só adolescentes, creio que a amizade que existe entre elas faz toda a diferença, afinal a maioria se encontra apenas neste período há muitos anos. No final do encontro é feita uma contribuição por todas para ajuda de custo para as catequistas e ainda a maioria contribui com alimentos como: pão caseiro, cucas, legumes, verduras, etc

Como podemos observar na fala de Maria Zita que também participa do encontro, qualquer mulher pode participar desde que entenda o idioma ucraniano, pois todas as orações e palestras são feitas na língua das descendentes, ou seja, foi fixado um padrão para que as mulheres possam fazer parte deste evento. Isso delimita o espaço e posições entre descendentes de ucranianos e de outras etnias e, ao instituir tal norma e inscrevê-la na natureza dos sujeitos, portanto passam a mobilizá-la como sinal de diferenciação intrínseca e imutável.

2.4 O processo social e a etnicidade

A pesquisa realizada com a população de Prudentópolis tem mostrado que a religião e as tradições são recolocadas e reelaboradas pelas mulheres como um sistema de significados que estabelece uma fronteira e mantém a diferença de outras populações de imigrantes como poloneses, italianos e alemães. Em Prudentópolis, a religião e os costumes ligados à fé parecem indicar, de um lado, um espaço que garante a liberdade de reproduzir valores simbólicos de tradição da população, cujo significado indica ter origem num sentido mítico-religioso e, de outro, grupos que mantêm relações entre o tradicional e as páginas da vida moderna.

Essa dinâmica tradicional ressignificada ao longo da história marca uma diferença, como podemos observar na fala da Nadia, quando esta se refere às suas lembranças sobre as festas religiosas:

No dia de Natal nós vamos cantar nas casas, cada bairro se organiza e vai de casa em casa cantando *Kôlhadas*. Nos organizamos por ícones, as famílias se reúnem e cantam nas casa daquele bairro. A população aumentou demais, e assim, todas as famílias são visitadas e isso é muito importante.

Em sua análise, Barth (1998) busca entender a composição que rege os grupos étnicos e o que põe em movimento as suas fronteiras; dessa forma, acentua os traços subjetivos que servem de suporte para os sentidos e de significados. Seu ponto de vista é que não é o isolamento de determinada comunidade que decide a diversidade cultural, ao contrário, essa diversidade ocorre exatamente em meio às interações.

Assim, podemos entender que o estudo sobre etnicidade está posto numa relação impregnada de um processo social como tão bem mostra a entrevista de Nadia.

Então, falar em etnicidade é associá-la a processos sociais. Esses processos podem excluir ou incorporar novos elementos que asseguram significados simbólicos individuais ou coletivos, e os significados equivalem à identidade.

Num primeiro momento, é possível verificar que, na sociedade de Prudentópolis, paralelamente ao ritual mítico-religioso e das tradições, encontram-se problemas humanos e sócio-econômico-políticos permeando também o cotidiano de sua população. Tudo indica que o universo de tradições ali existente, interposto por uma subjetividade, ao mesmo tempo que lhe assegura a diferença como grupo, tende a criar artifícios para “minimizar ou ocultar” esta realidade.

Além disso, as tradições ali mantidas dão à população uma característica singular e única dentro do Estado do Paraná se, por um lado, essas tradições são assimiladas internamente como algo muito antigo e fidedigno ao passado, por outro lado, pode-se constatar que, naquele contexto, parecem entrar num processo de construção do presente, cujo passado faz parte de algo remoto. A tendência revela que estão sendo incorporados e reelaborados novos elementos de acordo com convenções, conforme podemos observar na fala de Ana:

Nós entregamos a vida pela descendência, nossos antepassados defendemos com unhas e dentes. O Brasil contribui com isso, mesmo sendo brasileira o Brasil nos dá essa liberdade de defender a nossa descendência e os nossos antepassados e isso é muito bonito.

O crescimento econômico, as relações sociopolíticas e os meios de comunicação tornam-se inquietantes para algumas entrevistadas. Para Ana, a expressão “defendemos com unhas e dentes” significa manter-se em uma área de conforto que a tradição proporciona.

As palavras de Ana também podem ser interpretadas pelo que Weber³³ (1999) marca ao analisar as comunidades étnicas chamando a atenção para o fato

³³ Em sua análise sobre *comunidades étnicas*, Weber traz à tona o debate sobre a *relação com a comunidade política* e aí, mais uma vez, esse autor suscita o pensamento de que as “disposições da raça” não são, em si mesmas, determinantes na constituição de grupos étnicos, da etnicidade, da identidade étnica. Depara-se, mais uma vez, com a ênfase no compartilhamento da crença de uma “origem” ou “destino” comum que institui o sentido de “homogeneidade” internamente numa

de que é principalmente no contato com outras sociedades, nos espaços de interação que os atributos culturais adquirem expressividade. Esses atributos são selecionados atendendo a uma demanda pública que aos poucos vai sendo validada.

A religião e as tradições manifestadas em Prudentópolis dão a impressão de revelar uma apropriação do passado em função do presente de forma inconsciente. Suscitam crer que as gerações desta sociedade vão escolhendo e atualizando o passado no presente e, com isso, estabelecem fronteiras, mantêm limites e marcam um diferencial em relação a outras sociedades do Estado do Paraná.

A dinâmica assinala que, por mais que essa população procure preservar o passado, ele parece estar sendo reconstruído. Nessa sociedade provavelmente são criadas formas que a ajudem a se perpetuar além das existências individuais.

Partindo desse princípio é que se pode supor que certos significados e bens simbólicos são escolhidos para ênfase em Prudentópolis, pois as tradições e os costumes cotidianos como o natal, a páscoa, as comidas típicas, o artesanato, o bordado, os ícones são mantidos num universo religioso, de um fenômeno de identificação étnica, conforme o debate levantado pelos autores citados, principalmente Weber.

A população se concentra e investe nos espaços que foram escolhidos a partir deste movimento e, de forma subjetiva, permite perceber uma certa coesão no grupo social.

Assim, para Weber, a consciência étnica está *“condicionada por destinos políticos comuns e não pela ‘procedência’ (...) das mesmas. Está condicionada por uma fonte muito frequente da crença na pertinência ao mesmo grupo ‘étnico’”* (WEBER, 1998, p. 274). Entende-se, pois, que o processo da identificação étnica supõe também uma luta social e política sustentada pelo grupo de identificação.

O fenômeno da religiosidade e das tradições existentes na sociedade de Prudentópolis sugere uma investigação mais aprofundada nos termos das análises dos autores já citados. Concorde-se, porém, que a identidade étnica não existe em si mesmo, sua existência está relacionada à outra. Embora enfatizando mais um ou

outro foco, as perspectivas dos autores citados convergem no sentido da afirmação que o ato de identificação requer o reconhecimento nosso e do outro.

CAPÍTULO 3 – TRADIÇÕES UCRANIANAS – PASSADO E PRESENTE

O processo de imigração ao longo dos anos mostra que os formadores da sociedade de Prudentópolis, sem a prometida ajuda do governo brasileiro, estariam entregues à própria sorte. Os ucranianos ancoraram-se na memória da tradição para sobreviver em uma sociedade diferente da que conheciam. Apegaram-se à tradição para viverem de maneira estável em coletividade, elegendo as mulheres como guardiãs da tradição com o intuito de não perderem o caminho da vida cultural ucraniana. Tal processo tornou-se responsável pela formação da identidade que, ao longo do tempo, foi mixando a memória da tradição ucraniana com a cultura dos brasileiros, poloneses, italianos. Assim, novos contornos foram trabalhados apropriando-se de traços culturais da região como, por exemplo, o chimarrão, a música, a dança gaúcha e o churrasco gaúcho.

Houve um caminho gradual de recriação cultural pela construção de recursos adaptativos em um processo que, de forma inconsciente, pouco a pouco foi reorientando a população de Prudentópolis e dando um caráter de “tradições ucranianas” no cenário da nova cidade que se formava. As tradições e a religião foram ganhando espaço e se tornando ponto de convergência daquela população. E, nessa atmosfera, acredita-se que especificamente a população ucraniana da localidade entrou no movimento de reelaboração e reorganização de algo que lhe permitisse nova visibilidade e a inserisse também como construtora da sociedade, de Prudentópolis, do Paraná, enfim do Brasil. E, nessa perspectiva, é possível identificar que, em Prudentópolis, numérica e culturalmente o elemento ucraniano foi e continua sendo o predominante.

É com o propósito de compreender os sentidos das tradições recriadas e das mudanças de cultura em Prudentópolis que foi examinado o calendário religioso local e, em seguida, escolhida três festividades marcantes da tradição ucraniana. Festas populares religiosas – Natal, Ano Novo e a Páscoa. Essas festividades também são importantes para o calendário cristão brasileiro, formando um elo de compatibilidades entre os dois trajetos étnicos. Porém, cada uma das etnias trata de realizar suas comemorações salientando especificidades culturais, bem como atribuindo aos sujeitos sociais papéis diferenciados. No caso dos ucranianos, as tradições são passadas de geração a geração por mulheres que, com suas memórias, conservam suas boas maneiras e bons costumes sem, contudo,

deslocarem-se das participações nos processos de mudanças ocorridas na região com o manejo das novas tecnologias de comunicação e do mercado de trabalho.

A chegada das tradições ucranianas em Prudentópolis ocorreu com a imigração para a região, os imigrantes trouxeram as tradições das festas populares e religiosas, que incorporaram elementos ucranianos. Segundo o padre Haneiko:

Todos os anos, na Ucrânia, a festa do Natal marca um acontecimento nacional. Desde os tempos imemoriais, quando a Ucrânia se converteu ao cristianismo, no século X, a festa do Natal foi enriquecida no decorrer dos tempos, de cerimônias e de costumes típicos, de melodias originais das canções natalinas, tão significativas, quão belas (...) que causam inveja a outros povos, demonstrando uma sensibilidade religiosa e uma fé profunda quando recordam as circunstâncias do nascimento do Menino Jesus nos seus mínimos detalhes e exprimem no texto as verdades e os ensinamentos que vinda do Salvador do mundo trouxe aos homens de boa vontade. (Haneiko, 1975, p. 10)

Ainda segundo Haneiko:

(...) o povo ucraniano sempre manifesta a sua grande religiosidade quando vive comemorando as datas que relembram verdades fundamentais da sua fé cristã, como o Natal, o batismo de Jesus quando se manifestou a Sma. Trindade, a Páscoa e as festas que dizem respeito a Virgem Mãe de Deus. O povo ucraniano traduz a sua vigorosa fé em expansões sadias que para alguém possa parecer que elas se manifestam apenas nas igrejas. A verdade é que o povo possui a vivência de sua fé não só nas igrejas quando participa das pomposas cerimônias, mas também, na família, na sociedade, no trabalho cotidiano. (Idem, ibidem, p.10)

A narrativa de Haneiko marca o processo da chegada das primeiras manifestações religiosas tradicionais coordenadas pela igreja como instituição predominantemente responsável pela manutenção de difusão da tradição étnica religiosa ucraniana.

Em Prudentópolis, no período da imigração, as ucranianas e os ucranianos foram compreendendo que aquela região e eles próprios, mesmo com as dificuldades encontradas, não podiam desaparecer como povo. Pouco a pouco foram se estabelecendo e recriando primeiramente as tradições ligadas à sobrevivência e, em seguida, as tradições ligadas a um mundo mítico-religioso em que reelaboraram relações que subjetivamente lhes deu um imaginário de inclusão na sociedade brasileira e lhes assegurou um espaço que afirma uma identidade.

A história mostrou que os espaços físicos de Prudentópolis, aos poucos, receberam contornos estéticos majoritariamente ucranianos. Sua população foi “selecionando” um elemento comum para recuperar um olhar sobre a cidade e sua população: a tradição e a religião. Inscrita no contexto de Prudentópolis, essa dinâmica remete ao que, para Brandão (1986), é traço forte e ponto de convergência, é um “exercício de um ‘nós’ local”, ou seja, é uma manifestação sociocultural privilegiada que envolve e aproxima o grupo.

Em Prudentópolis, esta dinâmica de pertencimento cultural identifica as pessoas e as tornam conhecidas e reconhecidas pelos sinais de pertencimento. Traz à tona a questão da memória coletiva e identidade que se produzem pela recuperação da história. Esta memória tem um poder simbólico de extrema eficácia ao recriar tradições e reatualizar sistemas de ressignificado, além de estabelecer sustentação para as vivências transformadas pelas tensões, fruto de processos de modernização na região.

Dessa forma, entende-se que as recriações das tradições em Prudentópolis querem mostrar vias alternativas para a melhoria do espaço físico do centro urbano e condições de vida da população. Ela é uma forma de propagação, recuperação e permanência de sua história e cultura para atrair pesquisadores, turistas e investidores do sul e sudeste para o comércio, indústria e agroindústria.

A região passou a ser foco de atenção para negociadores internacionais, principalmente da Ucrânia hoje no que diz respeito à tecnologia e transferência de mão de obra e intercâmbio na área de educação.

Além disso, no processo de recriação da cultura ucraniana, ficou cada vez mais evidente que, no desenvolvimento das cadeias imigratórias, chegaram, à região, profissionais ligados à medicina, economistas, teólogos, linguistas.

Um significativo número de ucranianos voltados para a área acadêmica está inserido em universidades locais e em várias outras no país.

Dados recentes apontam que jovens descendentes de ucranianos da cidade de Prudentópolis estão indo para as universidades ucranianas fazer cursos na graduação e pós-graduação. Toda esta população bastante diferenciada dos primeiros imigrantes que estavam mais voltados às atividades agrícolas forma um conjunto diversificado inserido em vários estratos sociais.

Curiosamente grande parte dos segmentos diferenciados de ucranianos são fiéis, na maioria das vezes, aos ritos festivos de Natal, Ano Novo e Páscoa.

Muitos deles, no período do calendário religioso, retornam à cidade de Prudentópolis levando filhos, netos para fazer parte do processo de vivência das experiências de contato com a tradição em estado constante de construção.

3.1 A origem das tradições em Prudentópolis

Da mesma forma que o trabalho para os prudentopolitanos é algo próprio à sua cultura, o Natal, o Ano Novo e a Páscoa também se tornam um elemento cultural importante. Os rituais festivos sempre marcaram a vida dos sujeitos investigados ao longo de sua história e continuam marcando, bem como selando os momentos mais significativos tanto no âmbito do mundo do trabalho quanto dos calendários sociorreligiosos.

Embora a imposição do mercado e das suas leis esteja, com elevado grau de influência³⁴, ditando as regras entre os prudentopolitanos contemporâneos, este povo sabe e tem consciência de que, para além das adversidades, eles existem e precisam manter suas tradições, como, por exemplo, suas celebrações religiosas.

As cerimônias religiosas através do clero identificam os ucranianos como povo na medida em que, conforme descrito por Benjamim (1994) quando trabalha suas reflexões sobre o narrador, as histórias étnicas são associadas aos ritos religiosos, tanto pelas palavras quanto pelos gestos ligados ao sagrado, realimentando o memorizar de suas lutas e conquistas, mantendo vivas suas tradições, repassando conhecimentos, mitos, enfim, através de suas constantes festas e de seus contínuos rituais, eles recriam e, ao mesmo tempo, conservam a existência do ucraniano como pertencente a uma comunidade étnica.

A experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer está existência seja própria ou relatada. E, por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a estória. (...) Este sempre tem um propósito definido. Pode tratar da transmissão de uma moral, de um ensinamento prático, da ilustração de algum provérbio ou de uma regra fundamental da existência. Mas de qualquer, forma o narrador é uma espécie de conselheiro do seu ouvinte. (Benjamim, 1994, p. 67)

³⁴ Sobre as questões de transformações que o mercado exerce nas cidades tradicionais, veja Simmel (1967).

Como já apontado, dentre as diversas e importantes tradições que selam os momentos essenciais na sociedade de Prudentópolis, merecem destaque a festa de Natal, o Ano Novo e a Páscoa, por sua significação cultural decisiva em toda a vida dos ucranianos.

No início da imigração, autores mostram que, atendendo ao calendário litúrgico, o povo ucraniano se preparava com grande antecedência para a celebração do Natal.

Como antigamente, os descendentes mantiveram o calendário litúrgico com as festividades natalinas no dia 14 de novembro de todo ano, começando o período santo da abstinência e de privação de divertimentos sociais como: bailes e casamentos (Haneiko, 1975), com o intuito de prepararem-se para os ritos natalinos que acontecem nas igrejas e residências.

O momento importante desse processo de preparação para o Natal está localizado nas igrejas e residências, quando se iniciam as novenas e as belíssimas cantigas chamadas “*kôlhadas*”³⁵, melodias típicas que sensibilizam e fazem reviver todas as circunstâncias do nascimento de Jesus.

Vieram os Santos
 Vieram os santos a quebrar pedras,
 Seja louvada a trindade nos céus:
 A quebrar pedras, a erguer a igreja,
 Seja louvada a trindade nos céus:
 Com três janelas, com três entradas, com três zimbórios,
 Seja louvada a trindade nos céus (trecho de uma *Kôlhada*)

Paralelamente, no período das novenas de fim de ano, essas cantigas são rememoradas pelos mais velhos e ensinadas para as crianças e jovens que passaram a reproduzir tais saberes nas igrejas e nas próprias casas.

No momento da novena, nota-se que, além do conteúdo específico das rezas que obedecem ao padrão tradicional do tempo dos imigrantes, transmite-se aos jovens e às crianças o modo de comportarem-se nessas ocasiões. Os corpos são disciplinados, os gestos são aprendidos e as expressões faciais são modeladas de

³⁵ Segundo Navroski (1997), nas canções de Natal, o povo ucraniano demonstra a sua grande fé cantando histórias de seu Deus e de sua tradição. Os costumes natalinos desse povo são muito antigos, denominado o Dia do Deus Sol. Quando a Ucrânia converteu-se ao cristianismo, no século X, muitas das tradições pagãs que existiam na época, foram adotadas pela igreja, que até hoje existem, mas sem o seu antigo caráter, convertidas em louvor ao nascimento de Cristo.

acordo com a tradição, neste momento, quando criança ou jovem tenta confundir o padrão cultural dos comportamentos por meio de brincadeiras, gestos ou comentários considerados fora de hora, os adultos os reenquadram ao padrão considerado tradicional para estas ocasiões, ou seja, só se cantam músicas religiosas segundo as regras da tradição.

Este é um momento disciplinador tanto dos adultos que de alguma forma se desviaram da tradição quanto dos jovens que querem mudar os padrões tradicionais.

O papel de disciplinador dos comportamentos cabe à mulher, apontada como guardiã da tradição, tanto jovens como idosas relembram, organizam e disciplinam todos.

Tal situação foi presenciada por mim durante a pesquisa, quando uma de minhas interlocutoras perguntou ao esposo se este já estava pronto para ir à missa e este respondeu que não havia decidido se ia acompanhá-la. A senhora lhe respondeu: “não tem o que pensar, é hora de ir à missa e não de assistir TV”, o senhor então foi ao quarto preparar-se e, em seguida, os dois seguiram em direção à igreja.

Em Prudentópolis, dentre os grupos que respeitam a tradição, nota-se uma relação assimétrica de gênero em que os espaços reservados ao homem e à mulher são bem definidos e hierarquizados, bem como as relações familiares são marcadas pelo estilo da família Patriarcal.

Em estudos sobre a questão de gênero, em geral, a preocupação maior é discutir a questão da diferença na construção da vida social. Beauvoir (1953) já afirmava que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, a identidade é uma construção social e não algo natural.

(...) Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (Scott, 1976, p. 86)

Para a autora, mesmo não sendo a única articulação de poder, o gênero é a primeira instância do qual, ou por meio do qual, o poder se articula.

Com base em Bourdieu, Scott (1976, p. 88) afirma que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização de toda vida social, influenciando nas concepções, nas estruturas, na legitimação e na distribuição de poder. E isso é

perceptível entre os imigrantes ucranianos, pois a divisão do trabalho, como apontado na introdução, é bem rigorosa e observada à risca na época da imigração.

Sobre isso Bernardo fala:

Não há dúvida de que somos herdeiros do pensamento desenvolvido na Grécia antiga, além de termos sido moldados pelo cristianismo. Essa herança marcou com ferro em brasa a memória feminina do Ocidente. A memória coletiva se apóia no grupo que vive situações em comum. A mulher, no mundo ocidental, vive uma situação de submissão, portanto, suas lembranças correspondem ao lugar que ela ocupa nessa realidade. (...) As mulheres no mundo ocidental recebem desde a infância os princípios que devem orientar seu comportamento. É claro que essas normas, muitas vezes, são ressignificadas, mesmo porque um dos pressupostos de qualquer cultura é a sua dinâmica. No entanto, mesmo na contemporaneidade, o espaço privado parece ser ainda reservado especialmente ao feminino. Assim, grande parte das mulheres continua a representar a permanência, a intimidade, a continuidade. (Bernardo, 2003, p. 30)

No passado, tanto na cidade quanto no campo, entre os homens e mulheres ucranianos, a divisão das tarefas era realizada com um sentido de complementaridade. Algumas tarefas eram praticadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres. À medida que se aproximava o Natal, donas de casa ligadas aos grupos tradicionais ficavam atarefadas com os preparativos para a festa, tanto no que diz respeito às roupas e vestidos novos para comprar, quanto à aquisição e ao preparo dos alimentos com antecedência. Cada chefe de família preparava a palha de trigo e o feno para os dias santos. Esses preparativos organizados com grande antecedência empolgavam a criançada, assim, relembra a Sra. Micalina:

O natal era muito bonito, a senhora sabe que o antigo era muito alegre. Alguns dias antes do Natal precisávamos fazer todo o serviço, ajudávamos a mãe a fazer a limpeza da casa, então ficávamos até tarde da noite pra deixar tudo em ordem e enfeitar a casa, pois tinha que ficar bonito para o Natal. O pai colocava feno e trigo no meio da casa e nos cantos folhas e flores do quintal. A mãe fazia os doze pratos, porque naquele tempo era a tradição. Em seguida com a família reunida papai começava as orações antes do jantar e após começavam a cantar. Era muito bonito nos orgulhamos de continuar com as tradições ensinadas por nossos pais. Hoje nos reunimos com os filhos, sobrinhos e netos para continuar a tradição.

Na véspera de Natal, a dona da casa labuta no preparo de 12 iguarias³⁶ diferentes que devem ser servidas na ceia tradicional. Entre elas se destacam: “*Kutiá*”³⁷, além disso serve-se o “*bortch*”³⁸, o “*varêneke*”³⁹ e pastéis recheados com doce de frutas, peixe fresco e outras, entretanto, segundo Maria Rosa, nos dias atuais somente os grupos mais tradicionais o fazem.

Na ceia de natal sempre tem os doze alimentos conforme a tradição e espera-se sair à primeira estrela e assim jantar com toda sua simbologia. Depois do jantar todos em casa começam a cantar as canções de Natal. Esse costume existe até hoje, mas já deixando a desejar, pois, não são todas as famílias que fazem os doze pratos. E em algumas localidades os descendentes vão até as casas cantar. Nossa! Se precisar passar o dia todo cantando eles passam. Cantar é desejar em ucraniano felicidade, infelizmente não são todas as famílias ucranianas que faz isso, muito dessa tradição já se perdeu.

Atualmente, como aponta Maria Rosa em seu depoimento, as tradições já foram recriadas, o mundo mudou e com isso as tradições também. Não são todos os descendentes que fazem ou recriam as tradições até pela falta de tempo que o mundo moderno impõe, muitas donas de casa saíram para trabalhar e ajudar no sustento da casa, ou seja, pratos típicos entre outros já não são feitos em casa, são consumidos nas festas que a igreja e a comunidade organizam.

Observa-se que as entrevistadas na faixa etária de 45 a 55 anos, quando se referem à tradição, falam como se estas não tivessem sofrido qualquer alteração ao longo dos tempos e continuam a pensar e agir como antigamente no período da vinda dos imigrantes, elas se fecham tentando, assim, manter-se fora da turbulência que os novos tempos trazem, a tradição é o refúgio que lhes proporciona a

³⁶ Segundo Hrushewski (1959), os 12 pratos (iguarias) preparados pelos ucranianos para festejar o nascimento do menino Jesus, era uma festa agrária que tinha suas raízes, costumes e crenças populares muito antigas, “*A Santa Ceia – tem na sua base, rituais e magias do culto agrário*”. A ideia principal que predomina em todos os rituais da Santa Ceia está ligada com a crença na força milagrosa que a natureza adquire depois do inverno. A Santa Ceia era o símbolo de riqueza e abundância. Na Ucrânia pagã o sol era divinizado e adorado, com o cristianismo, essa adoração passou a ser a Cristo. Todas crenças, rituais e simbolismos pagãos, com o passar dos séculos fundiram-se com os rituais cristãos que passaram a significar o nascimento de Jesus.

Um preparado de grãos de trigo escolhidos, socados num pilão, são cozidos, depois adocicados com mel e adicionados de sementes de papoula e passas. Essa iguaria se serve já no início.

Uma sopa especial feita de repolho, beterraba e outros ingredientes.

Pastéis de requeijão (ricota) que se come com nata, prato predileto dos ucranianos.

³⁷ Um preparado de grãos de trigo escolhidos, socados num pilão, são cozidos, depois adocicados com mel e adicionados de sementes de papoula e passas. Essa iguaria se serve já no início.

³⁸ Uma sopa especial feita de repolho, beterraba e outros ingredientes.

³⁹ Pastéis de requeijão (ricota) que se come com nata, prato predileto dos ucranianos.

sensação de segurança. Entretanto, ao observar entrevistadas mais jovens na faixa etária de 15 a 24 anos e de 25 a 35, assim como as de faixa etária de 65 a 100 anos, estas são mais críticas, eu diria mais realistas, concordam que ainda se tem muito das tradições, mas houve muita mudança, pois nada é como o tempo em que os primeiros imigrantes chegaram. A tecnologia e o desenvolvimento chegaram mudando o comportamento dos imigrantes, uma vez que estes precisaram mudar alguns comportamentos até para sobreviver em um país distante do seu, conforme nos relata Maria Rosa:

O mundo hoje apresenta muitas alternativas, a economia e a tecnologia estão presentes no cotidiano de todos e isso impacta diretamente nos descendentes de ucranianos, estão vendo novas possibilidades, novas oportunidades aparece, o consumismo está presente e assim a cultura começa a se fragmentar, não é mais forte como antigamente, está faltando à união que existia nos primeiros imigrantes. Mas eu acredito que as tradições ucranianas não vão morrer, mas que muitas coisas mudaram e vão mudar isso sim. Ou seja, a dança, a comida, o bordado entre outras tradições ainda estão muito presentes. Mas, o idioma ele está se perdendo, nossa! “Em um estalar de dedos” são poucos que a gente encontra hoje falando e vai se fazer o quê? Nas colônias todos os descendentes falam, talvez porque o lugar é pequeno e não traz tantas possibilidades como a cidade.

É nesse sentido que recorremos a Geertz (1989) para analisar os significados simbólicos da tradição ucraniana, pois, segundo o autor, *“a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas”* (Geertz, 1989, p. 14). Nesta análise é fundamental buscar saber o como das coisas.

O autor sugere um conceito de cultura inspirado na ideia weberiana *“que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”* (idem, ibidem, p. 4). Ele desenvolveu a noção de cultura *“como sendo essas teias e a sua análise; (...) como uma ciência interpretativa, à procura de significado”* (idem, ibidem, p. 4).

Procurando entender o homem como um ser de cultura, o autor o define como *“um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo tece como ser social e histórico”*. Nesse ponto de vista, essas teias definem a cultura, ou seja, deve-se cuidar para a etnografia não pautar por uma ciência experimental que está buscando leis, mas, sobretudo, nortear a análise por uma ciência interpretativa que busca significados e explicações. É dessa forma que é assumida, nessa pesquisa, a

postura de interpretação das vivências das mulheres ucranianas de Prudentópolis ao reproduzirem suas histórias de vida constituíram fontes, nas suas narrativas individuais e mostram que o discurso político contribui para a construção do imaginário do prudentopolisense na cidade.

Assim, segundo as mais velhas, antigamente, antes de iniciar a ceia de Natal, o chefe da casa levava o feno reservado para os animais do curral que também estiveram no nascimento do Menino Jesus. Em seguida, apanhava o grosso feixe de palha de trigo e colocava num dos cantos da sala e no chão onde crianças e outras pessoas poderiam deitar-se e brincar. Após colocar o feno na mesa da refeição e cobri-lo com uma toalha, vestia um capote de pelo de ovelha e juntamente com os seus aguardava o aparecimento da estrela vespertina, este era o sinal para que todas as famílias iniciassem a ceia. Com uma vela acesa no meio das iguarias já alinhadas pela esposa, todos se reuniam ao redor da mesa, rezavam em voz alta de joelhos pedindo bênçãos e graças ao Menino Jesus, além de pedir que se encontrassem novamente no próximo ano para comemorar o nascimento de Jesus. A ceia prolongava-se até que o sino da igreja convidava a todos para as vésperas natalinas que teria início antes da meia noite. Todos participavam da missa solene cantada por todos os presentes.⁴⁰

Essa cerimônia terminava já na madrugada e, segundo Haneiko (1975, p. 5), “(...) os presentes geralmente superlotam as dependências da igreja”.

Nos dias atuais já não se usa mais o feno no dia de Natal, mas, tratando-se de uma festa tipicamente familiar, todos ficam em casa entretendo-se, porém, não só com as canções natalinas, hoje faz parte desse contexto músicas tradicionais gaúchas, sertanejas, rock, sambas entre outras, as crianças estão em frente à TV, jogando vídeo game ou na internet enquanto aguardam a hora do almoço que também é rico em iguarias.

Após o almoço, ainda hoje, aparecem os primeiros cantores que vêm entoar as “*kôlhadas*” e desejar um Feliz Natal aos membros da família visitada, assim nos relata Zita:

Lá em esperança, por exemplo, nos últimos três anos que estive lá eu e um grupo de crianças e jovens visitamos no Natal várias famílias mostrando o

⁴⁰ Quando da imigração e até meados do século XX, homens perfilavam o lado direito da igreja enquanto as mulheres ficavam nos bancos do lado esquerdo, hoje, percebe-se que os casais ficam juntos podendo escolher qualquer lado para se sentar.

significado do Natal (...). Teve um Natal, era uma chuva torrencial, vinte crianças, treze jovens com guarda-chuva, tiraram os sapatos eu não podia tirar os sapatos (risos). Então eles me carregavam, me pegavam pelas mãos e diziam irmã nós vamos segurar a senhora e nós vamos. E de casa em casa as pessoas diziam: mas irmã porque vocês estão fazendo isso? Porque eles não querem parar, eles querem cantar. (...) Foi uma aventura, é uma alegria imensa, porque o que nós levamos é alegria para essas famílias. Pois Jesus nasceu, nos trouxe a vida, nos trouxe a salvação, então eu senti nesse último Natal o que é um sacrifício, o que temos que fazer para a salvação do mundo. Jesus veio e já fez a parte dele.

Estes grupos geralmente recebem em troca algum refrigerante e um dinheiro que se destina às obras sociais. Na época da imigração também existia o costume de transportar um presépio vivo, chamado “*Vertép*” que era carregado por dois anjos e acompanhado dos três reis magos, de um judeu, de um diabinho que fazia muita trapaça, de outras pessoas usando máscara de animais como seres que também assistiram ao Nascimento do Menino.

Receber o “*Vertep*” era a maior alegria para a criançada, pois o diabinho costumava fazer muitas brincadeiras e trapaças. O grupo de teatrinho canta canções e também faz votos de boas festas a todos os membros da família.

Segundo a tradição, os ucranianos costumam celebrar o Natal durante três dias, sendo que o 2º dia é consagrado a São José e o 3º dia, a São Estevão, o protomártir da fé, tal costume ainda hoje é seguida pelos descendentes mais conservadores.

O ambiente festivo e alegre do Natal perdurava até o Ano Novo quando os jovens, desde bem cedo, têm o costume de visitar casa por casa para levar os votos de Ano Bom. Segundo Haneiko, na Ucrânia, na época da imigração na vigília de Ano Bom, os jovens costumavam andar cantando de casa em casa. Um deles ficava fantasiado de “*Melanka*” (era o dia de Santa Melânia), outros de “cabra”, de “cigano”, de “urso”, de “grou”.

O grupo andava pela aldeia com brincadeiras, exclamações e risos. A “cigana” lia a sorte o “cigano” trocava os cavalos, o “urso” dançava, a “cabra” tocava violino, o “grou” – rapaz mais alto da aldeia – tocava o bumbo. O costume de fantasiar-se e de usar máscaras.

A “*Melanka*” das moças era mais séria. A mais bela entre elas era a própria “*Melanka*”; uma outra trajando roupas masculinas, era Basílio (a festa de São Basílio coincide com o Ano Bom). Os cânticos eram, em geral, líricos.

Estes possuem uma origem muito remota. O nome “*Kolodá*” poderia ser uma corruptela do Grego “*Kalanda*” que significa o Ano Novo como “*calendae januarinae*” em latim. Conforme nos relata Navroski (1997), existe também uma hipótese de ter existido uma divindade eslava com este nome, ou talvez, uma festa de solstício e dos mortos, na antiga Ucrânia. Para Navroski (1997), os cânticos que se formaram entre o IV até o IX século tematicamente possuem elementos arcaicos, recuando até o período matriarcal, em que a mulher é comparada com o sol brilhante e seu esposo com a lua prateada (a lua, em ucraniano, é de gênero masculino). Mais tarde, em “*Kolady*” e “*chtchedriwky*”, nota-se nitidamente a estrutura patriarcal da sociedade: primeiro é louvado o dono da casa, depois sua esposa, em seguida seus filhos.

Visível, nestes cânticos, é ainda a fé na magia da palavra. As “*kolady*” tiveram no princípio a meta prática de evocar a natureza para auxílio do homem. O típico refrão “*Podái Boje*” (presenteia-nos, Deus), pode ter sido uma evocação do *Daj-bogh*, o deus da fartura entre os eslavos: “*Podái Boje*”! Nos cânticos de Natal e Epifania, a natureza é retratada numa unidade orgânica com o ser humano, mostrando-se vital, generosa e ensolarada.

Atualmente, algumas comunidades de ucranianos reproduzem tal evento sob a forma de representação teatral, porém, em sua maioria, o que prevalece são os cânticos de *kolady* e *epifania* cantados nas igrejas e residências no período das festas de Natal, Ano Novo e Páscoa como já apontado anteriormente.

Os grãos de trigo e o pão estão sempre presentes. Entre os costumes natalinos no início da imigração, havia ainda um de rondar a casa com uma cabra, cujas orelhas eram enfeitadas com espigas de trigo; uma outra de dançar em torno das colméias e ainda de derramar no Ano Bom as sementes de cereais, desejando felicidade aos donos da casa, – tudo isso são exemplos de magia agrária. Cantava-se o Ano Bom: “Derrama-te, cresça, centeio e trigo, centeio e trigo e cereal diverso, alho como boi, cebola como punho”. Mais tarde até a força mágica da palavra é transformada em votos de prosperidade. Eles levam sementes de trigo que jogam no chão da casa visitada enquanto recitam os versos de felicitações e votos de um próspero ano. As sementes significam que seus votos são semelhantes às sementes férteis que frutificarão em benefício de quem os recebe. Como pagamento pela agradável visita, os jovens recebem uma pequena recompensa em dinheiro.

Tal prática de semear ainda hoje é realizada pelos descendentes de ucranianos principalmente pelas crianças.

3.2 Páscoa – uma herança pagã

Na Ucrânia, depois de um longo e rigoroso inverno, a chegada da primavera era festejada pelos agricultores que entoavam alegres canções para saudá-la e ao mesmo tempo faziam um ritual simbólico que significava o funeral do inverno (Navroski, 1997).

Com o tempo, este costume pagão foi adaptado para os dias Santos de Guarda Cristãos, o maior deles era a Páscoa. Os rituais de comemoração da Páscoa receberam uma conotação cristã preservando costumes da era pagã. Portanto, a Páscoa significa, para os cristãos, a ressurreição de Cristo, mas ela também representa felicidade e a lembrança de antepassados falecidos.

Hoje faz-se, no domingo de Ramos, uma comemoração universal da igreja católica relativa à entrada de Jesus em Jerusalém, que é comemorada uma semana antes da Páscoa. Para os ucranianos, esta passagem está ligada a costumes remotos, quando se prestava culto aos protetores das árvores, ramos de “*verbá*” que era considerada uma árvore especial, pois era a primeira a soltar botões após o inverno anunciando a chegada da primavera

Segundo Kotviski (2004), na Semana Santa, os ucranianos tinham tarefas a serem realizadas na família. A cada dia havia um trabalho predeterminado realizado na maioria das vezes pelas mulheres: na segunda-feira, lavava-se toda a casa e era o dia do trabalho na horta, semeando os canteiros de hortaliças; na terça-feira, a roupa e todos os panos deveriam ser lavados, secos e passados; na quarta-feira, terminava-se o trabalho dos dias anteriores e começavam a preparar os ovos para serem pintados (*pêssankas*).

O chefe da família deveria concluir o trabalho na lavoura e preparava a lenha para o forno como também fazia a faxina ao redor da casa. Quinta-feira, chamada de “*Jêvney Tchetyér*” (quinta-feira gorda) todos os trabalhos da lavoura e na casa deviam ser terminados, nesse dia inicia-se a festa da Páscoa. Os que possuíam apiários, preparavam três velas de cera que eram unidas para formar três ramificações e, enfeitadas com flores, eram levadas à igreja na quinta-feira à noite

quando a primeira ramificação era dedicada ao sol; a segunda, aos falecidos da família; e a terceira, aos vivos. Hoje, também é realizada a bênção das velas que são vendidas na comunidade ou na igreja.

Na Ucrânia, no período da imigração, durante a noite jovens, faziam fogueiras para que toda a aldeia fosse iluminada, porque o fogo nesse dia teria a força de purificar até onde alcançasse a sua claridade. Durante o tempo de pesquisa realizada na cidade de Prudentópolis, observou-se que tal prática não é realizada tanto na cidade quanto nas linhas (campo).

Assim como na Ucrânia, no Brasil, estes também dividiam a sexta-feira Santa em duas partes: antes de ir à igreja e depois. Nesse dia, não se falava em voz alta,

não se diziam palavras indecentes e era proibido ofender alguém. Ninguém, exceto as crianças, podia comer até voltar da igreja, não se preparava almoço, apenas um leve lanche e todo o trabalho era proibido.

Na igreja, ainda hoje, há a adoração da *Plastchanytsia* (imagem de cristo morto), ficando exposta até sábado.



Benção de Alimentos igreja ucraniana – Foto: Tenchena

Na Páscoa fazíamos muita oração, na quarta-feira e na sexta-feira jejum completo de carne e na primeira e na última semana nada de carne, Assim, dávamos graças quando começava a arrumar a cesta de páscoa, aquele cheiro de linguiça, aquela carne deliciosa, as raízes, a *paska*, tudo que colocamos na cesta para ser benzida. Lembro bem das missas, como era linda, sexta-feira “maior” sempre tinha muita gente. Ninguém podia sequer trocar de roupa, minha mãe dizia: Tome banho e troque de roupa hoje, porque amanhã é dia santo o maior dia santo do mundo, então você não podia nem trocar de roupa tomava banho e ficava com aquela roupa até o sábado. Não podia falar um nada, porque se você estivesse fazendo bagunça no sábado de aleluia a mãe tirava a varinha, e dizia: “eu vou tirar a tua aleluia no sábado”, então eu ficava comportada senão apanhava de vara de marmelo. (Nadia, 2008)

No sábado, prepara-se a festa da ressurreição, “*pessankê*”, “*halunkê*” ou “*Krashankê*” (os ovos coloridos e pintados), são feitos com a tradicional simbologia envolvendo os costumes pré-cristãos e cristãos.

No domingo, após a Missa de Páscoa, benzem-se os alimentos da Páscoa: pão (*Paska*)⁴¹, ovos, requeijão, leitão assado, manteiga, hrin (raízes amargas), linguiça e outros. Terminada a bênção dos alimentos todos começam a cumprimentar-se e a presentear-se com *pessankê*. Nos lares, a noite de Páscoa é uma noite sagrada, mágica, benéfica, a noite da felicidade.



Cesta com alimentos para a bênção - Foto: Tenchena

Assim nos relata Madalena: “(...) o sábado santo é o dia em que se faz a bênção dos alimentos que farão parte do café da manhã do domingo de Páscoa para que não falte o alimento na mesa todos os dias do ano”.

Conforme nos acena Douek, tanto para os ucranianos como para os judeus o alimento também é importante em sua cerimônia de *Pessach*, que é “o rito de renovação por excelência, não somente porque, como bem diz Mosès, a renovação torna-se o tema da refeição, mas também porque este tema volta a cada vez renovado” (Douek, 2003, p. 139).

Na época pré-cristã, era a noite precursora do Grande Dia do Sol. Em cada casa devia arder o fogo, e ainda eram feitas grandes fogueiras para dar boas-vindas a *Dajbóh*, o deus do Sol.

Atualmente, percebe-se que tais rituais nas linhas localizadas no campo são realizados, porém, sem a riqueza de detalhes quando do início da imigração em Prudentópolis. Mesmo afastada da cidade, essas colônias também foram

⁴¹ Para Navroski (1997), a *Paskha* tem sua origem em primitivas tribos da Arábia no século II, era uma espécie de pão com os seguintes ingredientes: farinha de trigo, gema de ovo, extrato de raízes. A palavra *paskha* vem de “*pesáh*” – dia dos judeus. O cristianismo primitivo logo associou-o à Paixão, Morte e ressurreição de Cristo. Há três tipos de *paskha*: amarelas, brancas e pretas. No paganismo, as amarelas simbolizavam o sol; as brancas eram feitas para os falecidos e as pretas eram destinadas às pessoas em geral. Havia ainda outro significado quanto à cor: a amarela simbolizava o céu; as brancas o vento; as pretas a fertilidade da mãe terra. Na Quinta-feira eram preparadas as amarelas, na sexta as brancas e no sábado as pretas.

influenciadas pelo mundo moderno, seus filhos estão em universidades, estão trabalhando nos grandes centros e quando retornam para as festas sempre voltam com novidades alterando o cotidiano com as novas tecnologias, a antena parabólica e a internet.

Na cidade de Prudentópolis, com a maioria das mulheres trabalhando fora, não se faz todo o ritual até mesmo pela falta de tempo, conforme relatam nossas interlocutoras: *“a vida precisa ser simplificada, não se tem mais tempo para certos rituais o mundo atual requer praticidade”*. Portanto, elas fazem o que consideram importante, guardar a quaresma, a sexta-feira santa, ir à igreja, fazer a *paskha*, a *pêssanka* e benzer os alimentos, ou seja, pequenos grupos de famílias seguem à risca todo o processo, outros já deixam público a adoção parcial.

Um dos rituais de que não abrem mão é a da *Pêssanka* - palavra ucraniana *Pêssanka* ou *Pyssanky* (transliteração do alfabeto cirílico), é originada do verbo ucraniano *pessaty*, que significa escrever. A arte de colorir ovos ficou assim denominada pelo fato de as pessoas desejarem expressar algo por meio dos desenhos, das formas e cores. As *pêssankas* são feitas na última semana da quaresma, outono no Brasil, correspondendo ao final do rigoroso inverno na Ucrânia, quando o povo se prepara para a chegada da Páscoa e também da primavera.



Pêssanka -Fonte: Site Kotviski

Para Navrosk (1997), esta arte era praticada por mulheres de idade avançada. Segurando um ovo na mão esquerda e um pedaço de osso pontiagudo na mão direita, embebido em cera quente, a mulher voltava com a face para o sol e recitando orações, começava a girar o ovo sobre o qual surgiam desenhos. Durante esse ritual a mulher falava à pessoa de seu futuro e as coisas boas ou más que iriam acontecer na sua vida. Era um ritual que tinha

um aspecto semelhante à feitiçaria, ou melhor, comparando a atitude daquelas mulheres que decoravam os ovos era semelhante às nossas ciganas que dizem “ver sorte” lendo a mão das pessoas.

Segundo minhas interlocutoras, essa tradição ainda é realizada pelas mulheres de Prudentópolis sem a “feitiçaria⁴²”, mas com os votos de paz, saúde, prosperidade entre outros como veremos mais adiante.

Para Zita, “a *pêssanka* é um símbolo que representa a ressurreição de cristo, é a vida, cada traço cor tem um significado, o significado da vida”. Conforme podemos observar na fala da entrevistada, a *Pêssanka* ainda continua tendo um significado muito importante para esse povo.

Segundo Kotviski (2004), em *Pêssanka – da Ucrânia para o Brasil*, na história do povo que habitava nas estepes sempre esteve presente a tradição de colorir ovos na véspera em que o Sol voltava a brilhar⁴³, derretendo a neve que cobria a rica terra negra da Ucrânia.

Os ucranianos assim como todos os povos antigos veneravam a natureza, o Sol, com Apolo e seu carro puxado por leões. Os ucranianos reconheciam, no mesmo astro, o ente *Dajbóh* e a ele ofereciam homenagens, pois novamente traria luz e calor para a terra e o povo poderia trabalhar para obter o seu sustento.



Pêssanka - Fonte: Site Kotviski

Os relatos colhidos foram enfáticos em mostra que “a festa da primavera era um evento alegre no qual se acendia uma grande fogueira no meio da aldeia e todos comemoravam a chegada de *Dajbóh* no exato momento do solstício de primavera. Ao começar desse dia, o povo já estava em festa oferecendo presentes ao Deus *Dajbóh* e entre eles estavam as *pêssankas*. Nelas estavam gravados os raios de luz que seriam oferecidos à terra”.

Na tênue casca do ovo, se apresenta em símbolos, a história da humanidade, as suas crenças, esperanças e anseios. São inúmeros os símbolos usados em *pêssankas*, alguns comuns em toda a Ucrânia, outros típicos de determinadas regiões, ou ainda, mais contemporâneos, relativos também à vida dos ucranianos na diáspora. Cada traço, figura e cor das *pêssankas* tem um significado especial. (Kotviski, 2004, p. 30)

⁴² Segundo Aurélio feitiçaria [feminino de feitiçeiro]: mulher que faz feitiço; bruxa, carocha, estrige, maga, mágica. Mulher encantadora.

⁴³ No Brasil está época coincide com a Páscoa de época Cristã.

Como apontado, com o passar dos tempos e a cristianização do povo ucraniano, a *pêssanka* passou a ser um símbolo cristão e as práticas de adoração ao Deus *Dajbóh* deixaram de serem feitas .

Porém, nos dias atuais, tal prática de preparar ou fazer a *pêssanka* não é mais exclusividade das mulheres mais velhas, crianças, jovens e adultos tanto homens quanto mulheres praticam tal arte. Estes, ao prepararem a *pêssanka*, devem sempre estar sintonizados com aquilo que desejam expressar em seu trabalho. Eles irão colocar sempre bons sentimentos em seus desenhos, buscando harmonia de formas e cores para que se mantenha a tradição dessa arte.

Segundo Kotviski os símbolos e as cores são:

Símbolos solares – os símbolos solares incluem variações de círculos, de moinhos de vento, tripés, estrelas, etc. O sol e os desenhos cósmicos significam a felicidade, prosperidade e a fortuna. O processo para fazer *pêssankas* já tem um simbolismo ligado ao sol: a cera foi feita de mel, o mel coletado das flores, as flores cresceram por causa do sol.

– círculo: representa a integridade, a continuidade, e a natureza cíclica do universo. A interpretação pré-cristã tinha o sol como o centro do universo, como o impulsionador da fertilidade, e da vitória da luz sobre a escuridão.

Um círculo com um ponto representa o momento em que a terra recebe a luz do sol, na chegada da primavera. Um círculo com uma cruz no centro representa a verdade divina. O círculo dividido em duas partes iguais representa a polaridade, como a noite e o dia, o verão e o inverno, a vida e a morte. Sendo circundado por pequenos traços, lembrando uma aranha, simboliza os raios do sol. Nas representações dos círculos também são lembradas as danças e das festas da primavera, na época pré-cristã.

Moinho de vento – símbolo da felicidade, da fortuna e da boa vontade. Este símbolo geralmente é visto com cantos arredondados, procurando representar um moinho de vento ou uma cruz de malta.

Tripé – provém da era *Trypillian*, e tem relação com o número místico três, uma trindade.

Estrela – este símbolo é geralmente encontrado com oito pontas, sendo uma das mais bonitas e versáteis representações geométricas, e está relacionado com a pureza, a vida, a história da luz, o conhecimento, a beleza, a elegância e a perfeição. No contexto do cristianismo, simboliza o nascimento de Cristo, símbolo do amor de Deus. (Kotviski, 2004, p. 25)

As cores também têm um lugar especial no simbolismo das *pêssankas*. Kotviski (2004) esclarece que os projetos antigos tinham um valor místico, quando possuíam quatro ou cinco cores, cada uma carregando uma mensagem de boa vontade para a pessoa que recebia a *pêssanka*.

Preto – representa o absoluto, o constante ou o eterno. Pode também representar a morte.

Branco – pureza, inocência e nascimento são os significados desta cor

Amarelo – símbolo da luz e da pureza. Fala da juventude, felicidade, colheita, hospitalidade, sabedoria, amor e benevolência.

Laranja – simboliza a resistência, a força e a ambição digna. Laranja também é a cor do fogo, e símbolo do sol. Representa a paixão moderada, estando entre o vermelho (paixão) e o amarelo (sabedoria).

Verde – renovação na primavera, cor da fertilidade, frescor, saúde, esperança.

Vermelho – é considerada uma cor positiva, significando a ação, o fogo, desenvolvimento espiritual. Glorifica o sol e a alegria de viver. São normalmente indicadas *pêssankas* vermelhas para as crianças e para a juventude. Simboliza a Paixão e o amor.

Marrom – símbolo da mãe terra, trazendo seus presentes aos seus entes.

Azul – simboliza o céu, o ar, a vida, verdade, fertilidade, confiança, talismã da saúde.

Roxo – quando usado, simboliza a fé, paciência e confiança. (Kotviski, 2004, p. 26)

Observa-se ainda que tal arte hoje não é mais restrita aos descendentes de ucranianos da região, tal técnica está sendo ensinada nos meios de comunicação como a TV aberta, em que se mostram como prepará-la e o lucro que podem ter com tal “enfeite”. Assim como em Prudentópolis, turistas procuram esse enfeite em outros locais devido a sua beleza, como algo decorativo, ou seja, não se diz o real significado desta arte, prevalecendo o lucro.

Portanto, também se observa tal fenômeno nas festas, para muitos turistas, estas têm o significado de lazer, ao contrário do descendente cujo significado é mais profundo e importante do que o lucro, conforme segue abaixo.

Ao dissertar sobre a conceituação de festa, Guarinello (2001) entende que ela não é fruto de elementos contrários ao cotidiano, antes, ela é parte integrante deste e, como tal, perpetua a vivência e a experiência das pessoas.

Proponho-me, portanto, a ver a festa, não como realidade oposta ao cotidiano, mas integrada nele. E, só como parênteses, penso cotidiano, não como uma dimensão particular da existência humana, mas como tempo concreto de realização das relações sociais. (Guarinello, 2001, p. 971)

Para o autor, a festa é:

Parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso aberto no espaço e no tempo de exaltação dos sentidos sociais, regido por regras que regulam as disputas simbólicas em seu interior e que podem, por vezes, ser bastante agudas. A festa unifica, mas também diferencia, tanto interna quanto externamente (Idem, ibidem, p. 971)

Participam da festa os ucranianos que já saíram da cidade e ao retornarem com seus vínculos com a tradição vivenciam nas festas os seus impulsos de tensão e são obrigados a se reintegrar. Nesse processo eles também vão impondo involuntariamente trajetos de alterações desse cotidiano que são incorporados pela comunidade e igreja, como, por exemplo, as tecnologias trazidas são aceitas, pois modernizam o sistema de som da paróquia, a festa e as fotos são disponibilizadas na internet, ou seja, mesmo que de forma imperceptível, esse sujeito que retorna para recriar as tradições também as altera.

Nesse caminho teórico assentamos nossas bases para compreender a festa, tanto imbricada no cotidiano, quanto lugar de construção de identidades. Ela estabelece laços de solidariedade que se configuram no momento de sua organização, bem como através delas podem ser evidenciadas as disputas internas de poder.

Para Guarinello (2001, p. 970), pelo caráter que a festa tem de abstrair “particularidades históricas e culturais”, uma análise mais generalizada sobre seu conceito pode acarretar problemas entre as diversas bibliografias a respeito deste conceito.

Olhada pelo prisma de um constante refazer, a festa torna-se uma dinâmica (re)criadora. A cada festejar, a cada evento, novas configurações são feitas. A festa, em seu movimento, cria simbologias, passíveis de interpretação que une passado e presente. Há, portanto, uma relação dialética entre festas e identidade, uma vez que elas convergem entre si e se influenciam mutuamente.

A festa em Prudentópolis parece ter sido a melhor dinâmica para encarnar o interesse comum de sua coletividade: promover a cidade, dar nova visibilidade, um imaginário alegre, festivo. Assim, a festa possui também a capacidade de transformar-se em uma grande exposição de motivações para um dar a conhecer, fazer-se visível.

Ao discutir festas, Brandão aponta:

Eis um sistema inicial de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Porque cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal não é mais do que uma sequência cerimonialmente obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer, cumprir. (Brandão, 1985, p. 11)

No universo das festas, os prudentopolitanos estabelecem uma relação de pertencimento. As relações ali vivenciadas forjam percepções que revelam a imagem de como sua população gostaria de ser vista por si mesma e pelos outros. Está em jogo nesse momento a noção de identificação com a imagem construída de si mesmo e, portanto, da maneira como eles gostariam de ser olhados pelos outros.

A festa é para os prudentopolitanos característica básica de sua existência como grupo, é o laço que os une como membros de uma mesma comunidade. Estar em festa significa mergulhar no caminho mítico que – segundo seu ponto de vista – perfaz o universo da cidade, em suma, estar em festa em Prudentópolis é reavivar os ritos, os vínculos, os laços de pertencimento.

Para Rita de Cássia Amaral, a festa exerce:

(...) simultaneamente o papel de negar e reiterar o modo como a sociedade se organiza, justamente selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser relegado ao esquecimento; o que deve ser transformado e o que deve permanecer. (Amaral, 1998, p. 109)

Por este viés de seleção é que se percorre o universo festivo da cidade de Prudentópolis e, com base nele, tecemos nossa análise e interpretação. A festa como fenômeno social permite significar, construir e reconstruir, e, nesse processo, recheada de significado, a festa cria espaço de transformação das pessoas em sujeitos sociais participantes onde deve prevalecer o princípio de reciprocidade, com o intuito de preservar o sentido de comunidade étnica mantendo para alguns subgrupos a essência do ethos ucraniano. Assim nos fala Madalena

Quando falo da Páscoa me vem a memória minha infância, pois, foi neste período que aprendi o que é a Páscoa. A Páscoa é um tempo absolutamente maravilhoso, envolvido de um clima muitíssimo especial porque é quando o filho de Deus veio para a terra em forma humana é neste período que fazemos todos rituais e as celebrações, a Pêssanka, a benção dos alimentos.

Observa-se na fala da entrevistada a importância dos rituais de Páscoa onde neste período é possível observar como já citado as obrigações e os papéis dos sujeitos dessa comunidade principalmente das mulheres nesse processo.

A reciprocidade é fundamento essencial do processo da dádiva ocorrido nas relações intergrupais examinados por Godelier (2000), pois indicam que não é

somente enfática as obrigações ela revela os fundamentos das relações sociais entregues ao grupo. A festa na vida dos prudentopolitanos reflete o caráter de pertencimento ao grupo e das obrigações recíprocas entre os indivíduos do coletivo, o que também pode ser assemelhado ou servir de inspiração para o exame do contexto da dádiva examinado pelo autor, pois ali também encontramos a dinâmica da circulação de bens simbólicos entre homens e mulheres e seu imaginário.

Para Godelier:

(...) a dádiva como prática faz parte simultaneamente da forma e do conteúdo dessas relações. É neste contexto que a dádiva, como acto, mas também como objecto, pode representar, significar e totalizar o conjunto das relações sociais, do qual é, ao mesmo tempo, instrumento e símbolo. E como as dádivas vêm das pessoas e os objetos dados estão primeiro ligados, depois desligados para serem novamente ligados a pessoas, as dádivas incarnam (sic) tanto as pessoas como as suas relações. É neste sentido e por estas razões que a dádiva – como Mauss disse soberbamente – “é um fato social total”. É porque contém e une simultaneamente qualquer coisa que está presente nas suas relações que ela as totaliza e as simboliza na sua prática e nos objectos que a materializam. (Godelier, 2000, p. 126)

Unindo todas as relações, as festas apresentadas desenvolvem interações que lembram o exposto por Mauss quando analisa o Potlatch⁴⁴ e percebe sentidos que se pode aplicar ainda atualmente na dinâmica do dar-receber-retribuir nas festas de Ano Novo, Natal e da Páscoa, de Prudentópolis. Nesse ritual, “as trocas de presentes (...) incitam (...) a todos a serem generosos. Produz abundância de riquezas” (Mauss, 1974, pp. 60-61).

Assim, Mauss aponta a respeito das trocas naquelas sociedades: “(...) não são simples trocas de bens, de riquezas (...). Em primeiro lugar, não são indivíduos, e sim coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam” (Mauss, 1974, p. 44). Para Mauss, o pressuposto da troca é o grupo constituído, é o coletivo. Suas análises apontam que a troca é o tecido conjuntivo e só se efetua dentro de uma estrutura muito organizada.

(...) ninguém tem a liberdade de recusar um presente ofertado. Todos, homens e mulheres, tratam de ultrapassar uns aos outros em generosidade.

⁴⁴ Forma típica mais evoluída e relativamente rara de prestações totais, estudada por Mauss em tribos do noroeste americano. É um ritual dos índios do Pacífico do Canadá. Nesse ritual domina o princípio da rivalidade, o apelo a dar cada vez mais e ser mais generoso. Segundo o próprio Mauss, “Potaltch quer dizer essencialmente *alimentar, consumir*” (Mauss, 1974, p. 46).

Havia uma espécie de rivalidade quanto a quem poderia dar mais objetos de maior valor. (Mauss, 1974, p. 70)

Os homens criam categorias para se organizar e viver em sociedade, bem como alimentar a exigência fundamental de que façam parte de um coletivo. No caso de Prudentópolis, o grupo de mulheres valoriza a generosidade e busca sempre uma certa competição saudável através dos belos presentes de páscoa, as cestas e as *Pêssankas*, em que todas procuram deixar as suas cestas mais bonitas com as *Pêssankas* mais belas e coloridas.

Ao evidenciar que a dádiva pela reciprocidade une simultaneamente as pessoas as coisas e estas às pessoas, Godelier identifica a dádiva como um fato social. Isso se manifesta claramente no universo das festas em Prudentópolis, bem como na vida particular das pessoas, em que as relações de reciprocidades trabalhadas pelo autor serviram de inspiração para a análise das festas em Prudentópolis quando pude identificar semelhanças descritas pelo mesmo na vida particular das pessoas, principalmente no momento em que a mulher tem papel importante como mediador na circulação de bens e mensagens, pois tem presença ativa em todas as festas, organizando e lembrando “como se deve fazer” “distribuir” e “receber”.

3.3 A Páscoa em Prudentópolis

Em Prudentópolis, a Páscoa tem grande importância pelos rituais e pelo significado histórico e religioso daquele povo. O ritual da Páscoa, aos moldes da tradição ucraniana, constitui-se a mais importante festividade religiosa por meio do qual são rememorados, recriados e preservadas as identidades dessa cultura no Brasil.

Na região de Prudentópolis, a maioria da população participa direta ou indiretamente da igreja católica de Rito Ucraniano aglutinando todos em torno do circuito socioreligioso de fé e de festas, tornando-se um dos meios mais eficazes para preservar sua identidade.

Os rituais sagrados e festivos, por estarem entrelaçados pela história, refletem uma herança na qual o ucraniano se reconhece e estabelece uma relação que prevalece a de reciprocidade e que lhes dá o caráter de uma grande e única

comunidade étnica. Tradição e religião é, para os prudentopolitanos, parte integrante de sua cultura e de sua existência como coletividade. Na Páscoa, em Prudentópolis, há um trânsito que parece instaurar o que nomeamos de trilogia do “dar-receber-retribuir”. Para Madalena:

Na cultura ucraniana faz muito forte este tempo. A quaresma que são os 40 dias que precedem a Páscoa é um tempo de celebrações especiais no rito ucraniano (via sacras, missas pelos falecidos, orações diárias no período da manhã e noite relembrando as 3 quedas de Jesus no caminho do calvário). A sexta feira da Paixão é um dia de jejum, neste dia um clima de gratidão e dor envolve todas as celebrações.

A teia de significados e de valores que perfazem o imaginário sócio religioso dessa Comunidade indica que, no seu interior, o ritual de circulação das tradições está imerso num universo simbólico com múltiplos significados, conforme as discussões de Mauss.

Dentre as várias manifestações que remetem à herança



Benção dos alimentos (Páscoa). Foto: Tenchena

cultural ucraniana, a população de Prudentópolis cultiva de forma assídua as tradições, os ritos, os gestos, os símbolos, o mistério, o encanto.

Encontramos, na singularidade da Páscoa da cidade de Prudentópolis, assim como no imaginário, sustentado por seus participantes – na sua maioria são descendentes de ucranianos – uma possível explicação para religar fatos, resgatar a autoestima das pessoas, refazer o senso de pertença, reelaborar imagens e levantar questionamentos sobre a formação da sociedade e da cultura prudentopolitana.

Nessa perspectiva, interpretamos que manter as trocas, sustentar uma dinâmica do ir-e-vir, evidencia o encontro e a fusão de uma história e destino comuns, ao mesmo tempo em que estabelece compromissos e reata laços, que

gratuita e obrigatoriamente precisam ser mantidos para dar nova visibilidade à cidade.

Estudos mostram que festas e religião constituem uma das manifestações mais antigas e vivas da humanidade. Mediante o mistério do transcendente e a incompreensão das estruturas sociais construídas, o homem buscou formas de elaborações místicas ou rituais repletos de simbolismos. Sendo assim, podemos compreender festas e religião como os núcleos fundamentais que aglutinam as sociedades e representam algo revestido de importância para uma determinada coletividade.

Diante disso, em Prudentópolis, a dimensão da festa presente na Páscoa é um rito de interação que permite a re-atualização de um sentido de pertencimento. O ritual de memória coloca em cena o passado e o presente fundidos; condensa os tempos diversos da história local; permite reatualizar os signos que acenam para a construção de um vir-a-ser. Assim, na transmissão, seja de valores, seja de formas de organização, o que se conserva é, de fato, antes reproduzido e recriado para, ao que parece, preservar o sentido de comunidade; para a garantia de uma possível coesão e oferecer uma nova visibilidade da população e da cidade. Na Páscoa se encontram comandos coletivos e individuais que norteiam tanto o cotidiano, como os momentos especiais dessa comunidade.

Mauss (1974), estudando as sociedades consideradas arcaicas, dentre outras, descobre a possibilidade de estabelecimento de aliança concretizada por meio da circulação de dádivas. Com base no universo dessas sociedades, Mauss percebe a capacidade de se constituir redes, a cadeia de interdependências e a relação de confiança e fidelidade

Ao dialogar com Mauss, Caillé (1998, p. 18) aponta que: “A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade”.

Essa proposição ilumina nossa análise, pois, como vimos, a população de Prudentópolis criou inúmeros desdobramentos para a afirmação de uma singularidade local. As tradições e os espaços da religião foram um dos recursos utilizados para sublimar a existência de uma coletividade distinta, com espaços exclusivos. O cultivo das tradições na sua estrutura social e a manutenção da inter-relação na Páscoa, dando a ideia de uma grande comunidade, significaram a

possibilidade direta de a população se reconhecer nas tradições, bem como vir a ingressar numa rede de solidariedade.

Nossa pesquisa com as mulheres da cidade de Prudentópolis permitiu reconhecer que essa sociedade foi construída imbricada num contexto regional e nacional, moldado nos princípios de uma economia capitalista, emergente. Diante desse reconhecimento, podemos também fundamentar nossa análise em Godelier que, ao reavaliar as análises de Mauss no “Ensaio sobre o dom”, afirma:

O paradoxo próprio das sociedades capitalistas é que a economia é a principal fonte de exclusão dos indivíduos. (...) Ela os exclui ou os ameaça a longo prazo de exclusão da sociedade. E, para aqueles que são excluídos da economia, as chances de serem incluídos novamente são cada vez menores. (Godelier, 2000, p. 8)

Em Prudentópolis, a Páscoa veio reforçar a busca de algo que tornasse a sociedade prudentopolitana reconhecida e lhe desse um aspecto singular. Foi uma iniciativa coletiva que indicou um modo de inserção, principalmente da população ucraniana, nas relações locais. As tradições e a religião – que remontam a um universo comum: ucraniano – tornaram-se questão vital para a população de Prudentópolis e, principalmente, assumem um caráter peculiar nas igrejas de rito católico ucraniano oriental. Tais tradições e religião servem para estabelecer relações sociais; tornam-se uma experiência social coletiva; são espaços de representação dos valores básicos da Comunidade; afirmam uma identidade em construção de Prudentópolis sim, mas, sobretudo, de um grupo que se sabe e se sente descendente de uma origem comum.

Na Páscoa da cidade de Prudentópolis, ainda hoje, há uma forte organização e uma intensa programação que em geral é observada rigorosamente principalmente pela parte mais conservadora da comunidade que realiza todos rituais descritos anteriormente ao passo que outros só fazem a bênção dos alimentos. Conforme nos relata Silvia: “os padres fazem uma programação para benzer a paska, de meia em meia hora tem a bênção, todos podem benzer, é muito bonito as famílias trazendo as suas cestas para bênção dos alimentos”.

A fala de Silvia nos ajuda a compreender que estar ligado à Comunidade ucraniana constitui-se em um diferencial. Antes de tudo, essa vinculação que precisa ser mantida, está repleta de sentidos e significados religiosos, morais e sociais. Há trocas de benefícios para além do institucional.

Dessa forma, os fatos sociais totais de Mauss⁴⁵ com múltiplos significados dão oportunidade para exame da Páscoa que transmite um sentido de pertença, um sentimento do não estar sozinho. Na Páscoa há o reforço da crença sobre a grande e única comunidade através das reuniões, nas celebrações pascais, da dinâmica do ir-e-vir entre essa comunidade, da obrigação e da gratuidade das visitas. Pertencer à Comunidade é tê-la como guardiã e protetora, por isso é preciso, até certo ponto, prestar contas. Além do que, essa pertença e união, do ponto de vista dos prudentopolitanos e dos participantes da Comunidade, é algo que os diferencia e que lhes confere uma singularidade em relação a outras etnias do estado paranaense.

O depoimento que segue mostra que, para esta descendente de ucranianos, o sentido de irmandade e de grande união tem uma força vital na Comunidade e, no seu entender, é isso o grande diferencial da etnia ucraniana da cidade de Prudentópolis: “Nós nos reunimos no período de Natal e na Páscoa todas as segundas-feiras para rezar, cantar, cada uma fala da sua vida, partilhamos as alegrias e tristezas. Nas festas também estamos sempre juntas, ajudando a comunidade.”

Essa fala revela que, para os participantes dos ritos que reforçam as tradições ucranianas em Prudentópolis, ser membro da Comunidade constitui motivo de orgulho e confere um determinado status, da mesma forma que continuar unido na Comunidade reforça o senso de estar contribuindo para a elevação e visibilidade da cidade e de sua população. Por isso é preciso reunir-se, encontrar-se, visitar e ser visitado, em suma, é preciso trocar os bens simbólicos ou materiais, como podemos observar na fala de Silvia:

A *pêssanka* ucraniana tem todo um ritual para ser feita, cada traço tem um significado. A *pêssanka* é feita pensando na pessoa que você vai presentear o que você deseja para essa pessoa, prosperidade, felicidade, saúde, cada traço tem um significado. É diferente da *pêssanka* polonesa que fazem por fazer não tem um significado.

⁴⁵ (...) o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas (...). (Mauss, 1974, p. 75)

A troca entre os ucranianos da cidade de Prudentópolis se dá todos os anos no período da Páscoa por meio da circulação de *pêssankas* entre os ucranianos e essa dinâmica tem um sentido místico, religioso para seus participantes. Assim, como lembra Mauss, a dimensão mística é essencial, é operante. Por meio de suas análises, entendemos que a magia está em tudo e une o humano a todos e tudo – coisas, pessoas, espírito. Assim, concebemos que há um sentido de pertença a um coletivo que ocorre através da troca e que essa forma de entendimento não se deu só no passado nas sociedades arcaicas, mas permeia o universo simbólico dos participantes. A troca, a partilha, o sentido de irmandade são pilares que a mantêm em existência.⁴⁶

A inter-relação mantida entre a troca da *pêssanka* na cidade de Prudentópolis é permeada de direitos e deveres que são avaliados e reforçados na comunidade. A dinâmica de circulação é um dom gratuito e obrigatório, pois quem recebe a *pêssanka* sente-se homenageada, ao mesmo tempo em que se sente na obrigação de receber bem e retribuir de forma melhor. Para a festa da Páscoa, há uma intensa preparação que inclui também os comportamentos morais. Nesse contexto, o dar-receber-retribuir acarreta benefícios que incidem na área do espiritual e do material, confirmando a afirmação de Mauss:

Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (Mauss, 1974, p. 71)

A festa da Páscoa, para os ucranianos de Prudentópolis, reúne um universo repleto de simbolismos que emana de uma população que, se sentindo guardiã das tradições ucranianas no Brasil, recriou formas de resistência e de existência. Dessa forma, a Páscoa é um espaço de recriação de algo que ajuda a manter a cidade em seu sentido de tradição e religião, de união, de solidariedade, enfim de apoio e sustentação de uma visibilidade boa, festiva.

⁴⁶ Mauss apresenta-se como referência para tal análise quando diz: Há uma série de direitos e deveres de consumir e de retribuir, correspondendo a direitos e deveres de presentear e de receber. (...) Pois, essas instituições exprimem unicamente um fato, um regime social, uma mentalidade definida: é que tudo vai-e-vem como se houvesse uma troca constante de uma matéria espiritual. (Mauss, 1974, p. 59)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação teve como objetivo estudar as mulheres ucranianas residentes na cidade de Prudentópolis no Estado do Paraná. A pesquisa analisou as relações entre Cultura e Tradição, por meio de reflexões centradas na teoria da memória. Esta opção levou-me a conhecer as diferentes maneiras de apropriação dos tecidos simbólicos específicos da cultura, através de recorte de gênero associado a especificidades de gerações responsáveis pela produção dos sistemas de significados próprios dessa cultura.

No decorrer desses anos de pesquisa, muitas foram as contribuições que nos enriqueceram, dentre elas cito de forma particular a experiência de construção de pesquisadora ao realizar o estudo etnográfico da cultura ucraniana na cidade de Prudentópolis, mergulhando mais profundamente no contexto da mulher que tem o papel de transmitir as suas tradições as gerações futuras.

Toda investigação a que nos propusemos a desenvolver é composta de desafios. Como descendente de ucranianos tal vínculo poderia interferir no resultado final deste trabalho, portanto se fez necessário um desprendimento e uma postura de respeito e, ao mesmo tempo, de distanciamento para dar conta da complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa.

Diante da complexidade encontrada nas mulheres, em especial da comunidade ucraniana da cidade, instiguei-me a realizar um estudo utilizando a “descrição densa”, no qual Geertz, em suas ideias principais, propõe a observação de outras culturas, atento a uma compreensão dos vários aspectos pelos quais os membros de uma sociedade constroem um determinado tipo de conduta. No entanto, o autor não é alheio à grande dificuldade que essa proposta acarreta, pois, segundo ele, “os sinais ou elementos simbólicos que compõem um sistema semiótico têm uma conexão ideacional com a sociedade em que se apresentam” (Geertz, 1997, p.150). Isso mostra que existem significados que estão articulados em todas as dimensões da vida de determinada cultura. O desafio, portanto, consiste na análise da lógica da vida real, que se apresenta de forma subjetiva dentro do sistema simbólico, que é formado pelas interações dos indivíduos numa dada sociedade. A essa interpretação fundamentada em Geertz, submetemos este trabalho num propósito de aprofundamento da pesquisa etnográfica.

Com base em seu pensamento, busca-se chegar a exercitar a compreensão de um universo significativo do Outro. Consciente, porém, dos limites, pois além de intérprete de segunda e de terceira mão, pesam ainda os conflitos que as próprias interpretações acarretam em si.

Buscou-se, mediante a investigação da sociedade em estudo, perceber formas simbólicas e significações culturais implícitas nas ações sociais, no caso, nas tradições que perfazem seu cotidiano, não para afastar-se dos dilemas existenciais, ao contrário, para inserir-me no meio deles.

No que tange a esse tipo de análise, convém proceder ao que o próprio Geertz nos desafia e aponta: o situar-se. Isso significa a disposição de fazer da pesquisa etnográfica uma experiência pessoal. No entanto, consciente da impossibilidade de apreender o significado no seu sentido pleno, ali implícito, porém com uma convicção da relevância que a busca de sentidos e significados num universo cultural pode ajudar a responder a questões intrigantes sempre mais crescentes no debate das ciências sociais, ou seja, são várias as estruturas sobrepostas, muitas vezes entrelaçadas, que as envolvem, e decifrá-las, bem como descrevê-las nem sempre é uma tarefa fácil, porém foi o que tentamos desenvolver ao longo destas páginas.

Assim, quando mergulhei no cotidiano das mulheres ucranianas de Prudentópolis, analisei as histórias de vida e estabeleci relações por meio de seus relatos com a construção de suas identidades, busquei compreender qual o papel da mulher na transmissão da cultura ucraniana e como as mudanças tecnológicas e econômicas interferiram na recriação de suas tradições.

Prudentópolis nos mostra que uma determinada coletividade procura enaltecer sua população e dar relevo à sua cultura, ainda hoje sua população é majoritariamente de ucranianos em números e expressão cultural, pois muitas das tradições que ali se desenvolveram se remetem à expressão proveniente do universo ucraniano.

Com base em meu convívio e observação no dia a dia com a população da cidade, nota-se que a tradição e a religião foram estratégias para aglutinar o que é lugar comum dos povos que fundaram a região e a cidade, mas vale lembrar que não se trata de um momento específico em que objetiva e intencionalmente foram criadas as tradições no lugar, uma vez que estas fazem parte de um processo que

foi se desenvolvendo ao longo dos anos, criando-se e recriando-se de forma gradual.

Nesse sentido, é possível perceber que a tradição em Prudentópolis apresenta-se como um espaço subjetivo em que a população da cidade pode se identificar, por isso encontrou nas festas tradicionais ucranianas e na religião sua forma de existir e com elas reconstrói e busca afirmar sua identidade.

Apoiando-me em Halbwachs (1990), que considera que a memória não é um produto de uma atividade meramente subjetiva e individual, pois, estando o indivíduo inserido em um grupo, tem sua memória influenciada por valores, modos de vida e representações. Ao resgatar o passado das mulheres da comunidade ucraniana de Prudentópolis vieram à tona tais significados.

Nos últimos anos é inegável que ocorreram mudanças em relação às mulheres na sociedade brasileira, principalmente no que se refere à ocupação do espaço público. Se antes a concepção de ser mulher atrelava-se ao casamento e à maternidade, agora está mais voltada para a inserção no mercado de trabalho. Ao investigar o passado das mulheres ucranianas de Prudentópolis, fazendo a leitura de suas lembranças, não se pode desconsiderar que suas histórias são produto de uma realidade específica, fazem parte de uma região onde a cultura ucraniana tem um papel predominante. A construção de identidade dessas mulheres se fez em torno da religião e tradição em que, para muitas, o que prevalecia era a vida em torno da maternidade e dos cuidados da casa e do marido, sempre segundo os costumes passados de mãe para filha.

As mulheres mais velhas, quando entrevistadas, relataram-me as marcas de uma educação rígida de acordo com os costumes ucranianos nos quais a mulher deveria ser resguardada para o casamento, pois se observa a demarcação entre os papéis femininos e masculinos, outorgando maior liberdade ao homem, porém observa-se que a mulher ucraniana também conversava muito com seu marido e os dois chegavam a um consenso, ou seja, aparentemente o homem ucraniano machista aceitava sugestões de sua esposa e estava aberto ao diálogo.

No intercâmbio entre passado e presente, refazem, reconstroem, repensam com imagens atuais as vivências e tradições passadas. As mulheres mais jovens, por terem nascido em um momento histórico mais privilegiado, no que tange às conquistas femininas e pelo fato de terem tido mais acesso à escolaridade e à inserção no mercado de trabalho, evocam uma educação pautada por

comportamentos menos rígidos, levando-as a usufruírem de maior liberdade nas escolhas de seus parceiros e profissão, mas não deixam de lado os costumes, as tradições e a religião, adaptando-as ou recriando-as ao novo contexto.

No que se refere à construção das identidades das mulheres da comunidade ucraniana, tendo como base a pesquisa realizada, tanto bibliográfica quanto a de campo, é possível afirmar que tais identidades não se formam somente com elementos da igreja católica do rito ucraniano do qual fazem parte. As mulheres estão presentes em diversos ambientes que funcionam como espaços de sociabilidades os quais exercem de alguma forma uma influência sobre esses sujeitos.

Entretanto, esta pesquisa evidenciou que a família e a religião são as principais influências na formatação das identidades dessa comunidade.

Observa-se que as mulheres, nossas interlocutoras nessa pesquisa, demonstram haverem feito um movimento em direção à igreja e aos grupos tradicionais da cultura ucraniana, encontrando sentido de proteção. Nesses espaços, essas mulheres são reconhecidas e valorizadas, são detentoras de uma cultura milenar que criam e recriam junto à comunidade. Mas, essas mulheres estão sendo influenciadas pelos novos tempos, pela tecnologia, pela economia, enfim, como manter a tradição diante de tanta coisa nova e mais atraente. Este parece ser um dos desafios que a pesquisa evidencia para essa comunidade, principalmente para as mulheres mais conservadoras que buscam juntamente com a igreja manter a tradição.

O tema estudado não se esgota aqui, ao contrário, abre muitas portas pelas quais se pode entrar e continuar desenvolvendo pesquisas futuras sobre a mulher e a cultura ucraniana. Creio que esta pesquisa poderá se somar às que já existem e, assim, contribuir para a reflexão crítica sobre o tema aqui proposto.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira. Significado do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1998.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. (1895-1995)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- _____. *O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antonio Olinto, PR.* Abril/2007. Disponível em <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol11n1/art03_andreazza.pdf>. Acesso em: 04 Out. 2009
- ASZEWCIW, I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. Curitiba: Vicentina, 1988.
- AUAD, Sylvia Maria von Atzingen Venturoli (org.). *Mulher cinco séculos de desenvolvimento na América Capítulo Brasil*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 1999.
- BANDINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1998.
- BAUER, Carlos. *Breve histórico da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã Editora, 2001.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. Fatos e mitos*. Trad. Sergio de Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas v. 1).
- BERNARDO, Teresinha. *Negras mulheres e mães: Lembranças de Olga de Alaketu*.

- São Paulo/Rio de Janeiro: Educ/Pallas, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Cultura como tradição*. In: BECKER, David P. *Cultura brasileira tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BORUSZENKO, Oksana. *Os ucranianos*. 2. ed. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, v. 22, nº 108, out., 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BURKO, Valdomiro. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: Cobrag, 1963.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom – o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes. 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANEJO, Monica. *Prudentópolis: a Ucrânia que adotou o Brasil*. Caminhos da terra setembro/2006. Disponível em: http://www2.uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/148_prudentopolis.shtml. Acesso em: 04 Out de 2007
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- COSTA, Maria Zenaide, *A festa em Pindaré-Mirim: nos trilhos da história a afirmação de uma identidade*. Tese apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 1999.
- DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Paulo Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O Mito e realidade*. Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, Marieta Moraes y Amado, J.P. Baptista. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- FOCAULT, Michel. *A constituição do sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca. São Paulo: Educ, 2003.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Antony. *Consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GODELIER, Maurice. *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- GODÓI, Emilia P. de. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GOUVEIA, Eliane Hojaij. *O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo*. Tese apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano*. In: JANKSÓ, I e KANTOR, Í. (orgs). *Festa: cultura & sociedade na América Portuguesa*, Vol. II. São Paulo: Edusp, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997.
- HANEIKO, Valdomiro. *Em defesa de uma cultura*. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- _____. *Uma centelha de luz*. Curitiba: Kindra, 1975.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HOBBSBAWM, E., RANGER T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KOTVISKI, Vilson José. *Pêssanka – da Ucrânia pra o Brasil: contexto histórico e manual ilustrado da arte*. Paraná: Kaygangue, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 5 ed. São Paulo: Papirus Editora, 2005.
- MATOS, Izilda S., SOLER, Maria Angélica (orgs.). *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 1974.

- _____. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MURARO, Rose Marie e PUPPIN, Andréa Brandão (orgs.). *Mulher, gênero e sociedade*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.
- NAVROSKI, Raquel. *O mito sol nas cantigas de natal e de primavera*. Monografia apresentada à Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati, 1997.
- NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, 10. São Paulo: Educ, 1993.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, 3. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1989.
- _____. *Memória e Identidade*. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10. Rio de Janeiro: 1992.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de BARTH, Fredrik*. São Paulo: Unesp, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: CERU, 1983.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SANTOS, Ivan Domingos Carvalho. *Memória Alimentar de Afro-descendentes, Descendentes de Poloneses e Italianos na Cidade de Curitiba*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2006.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.
- SIMONSEM, Roberto C. *História econômica do Brasil, 1500/1820*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e realidade: gênero e educação*. Porto Alegre, 1976.
- SONTAG, Susan. *Ao mesmo tempo Susan Sontag*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- STEVRT, John F. *Torturada mas inconquistável Ucrânia*. Curitiba: AJUB, 1983.
- SZEWCWU. I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. 1.ed. Curitiba: Vicentina, 1988.

- TENCHENA, Sandra Mara. *Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião*. Revista Nures, n. 14 – Janeiro/Abril 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TSVIETKOV, Viachesláv. *Pequena história da Ucrânia-Rush*. Curitiba: Eparquia Ucrâino-Católica de São João Batista, 1994.
- ZAROSKI, Nelson Gilmar. *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis: 1940-1960*. Monografia apresentada ao Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2001.
- ZYGMUNT, Bauman. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.
- WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico da comunidade ucraina de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

SITES

- COLÉGIO UCRANIANO. www.colegiomariaimaculada.com.br
- GRUPO FOLCLÓRICO POLTAVA. www.poltava.com.br
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População estimada 2007. São Paulo, 14 Nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 03 Out. 2009.
- PREFEITURA DE PRUDENTÓPOLIS. www.prudentopolis.com.br